



AUTOAVALIAÇÃO DA OFERTA-PILOTO DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO NA CULTURA DIGITAL - UFSC

Marina Bazzo de Espíndola
Diego Eller Gomes
Jéssica Schille
Polliane Santos de Sousa
Taíse Ceolin
Leonardo Victor Marcelino
Calorine Zaneripe de Souza
Beatriz Pereira
Murilo Pedroso Alves



**AUTOAVALIAÇÃO DA
OFERTA-PILOTO DO CURSO
DE ESPECIALIZAÇÃO EM
EDUCAÇÃO NA CULTURA
DIGITAL - UFSC**



Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Prof. Dr. Ubaldo Cesar Balthazar — *Reitor*
Profa. Dra. Alacoque Lorenzini Erdmann — *Vice-reitora*

Centro de Ciências da Educação - CED

Diretor Prof. Dr. Antonio Alberto Brunetta — *Diretor*
Vice-Diretora Profa. Dra. Roseli Zen Cerny — *Vice-diretora*



Centro de Ciências da Educação

Núcleo de Publicações

Comissão Editorial

Camila Monteiro de Barros
David Antônio da Costa
Diana Carvalho de Carvalho
Eliane Santana Dias Debus
Giandrea Reuss Strenzel
Gilka Elvira Ponzi Girardello
João Nilson Alencar
Lilane Maria de Moura Chagas
Marcos Edgar Bassi
Marli Dias de Souza Pinto
Olinda Evangelista
Patrícia Laura Torriglia
Regina Ingrid Bragagnolo
Sandra Mendonça
Suzani Cassiani

Editoria Técnico-Administrativa

Bethânia Negreiros Barroso
Jorge Cordeiro Ba

Profa. Dra. Marina Bazzo de Espíndola
(*Coordenadora*)

Me. Diego Eller Gomes
Ma. Jéssica Schille
Ma. Polliane Santos de Sousa
Ma. Taíse Ceolin
Me. Leonardo Victor Marcelino
Caroline Zaneripe de Souza
Beatriz Pereira
Murilo Pedroso Alves
(*Pesquisadoras e Pesquisadores*)

AUTOAVALIAÇÃO DA OFERTA-PILOTO DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO NA CULTURA DIGITAL - UFSC



Florianópolis, 2018

Equipe de Elaboração

Projeto Gráfico, Diagramação e Capa

Guilherme Behling

Revisão Textual

Claudio Fernando Salomone Borrelli

Laboratório de Novas Tecnologias - Lantec/CED/UFSC

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária da
Universidade Federal de Santa Catarina

A939

Autoavaliação da oferta-piloto do Curso de Especialização em Educação na Cultura Digital - UFSC [recurso eletrônico] / coordenadora, Marina Bazzo de Espíndola ; Diego Eller Gomes...[et al.]. – Dados eletrônicos. - Florianópolis : NUP/UFSC, 2018.

174 p. : gráfs., tabs.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-45535-69-0

E-book (PDF)

1. Educação. 2. Cultura e tecnologia - Educação. 3. Tecnologia educacional.
I. Espíndola, Marina Bazzo de. II. Gomes, Diego Eller.

CDU: 37:62

Elaborado pelo bibliotecário Jonathas Troglio – CRB 14/1093

AUTOAVALIAÇÃO DA OFERTA-PILOTO DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO NA CULTURA DIGITAL

Coordenadora da Pesquisa:

Profa. Dra. Marina Bazzo de Espíndola
Departamento de Metodologia de Ensino / UFSC
E-mail: marinabazzo@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5709091266789432>

Pesquisadoras e Pesquisadores:

Me. Diego Eller Gomes
Doutorando em Engenharia de Produção / UFSC
E-mail: diego.eller@ufsc.br
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0941630131331223>

Ma. Jéssica Schille
Mestra em Educação Científica e Tecnológica/UFSC
E-mail: jessicafsc@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8992317608663581>

Ma. Polliane Santos de Sousa
Doutoranda em Educação Científica e Tecnológica / UFSC
E-mail: polliane.sds@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5107934569637544>

Ma. Taíse Ceolin
Doutoranda em Educação Científica e Tecnológica / UFSC
E-mail: thai.ceolin@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2003505290585417>

Me. Leonardo Victor Marcelino
Doutorando em Educação Científica e Tecnológica / UFSC
E-mail: leovmarcelino@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7748560170432626>

Caroline Zaneripe de Souza

Graduanda em Psicologia / UFSC

E-mail: carolzpsi@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2511196963080588>

Beatriz Pereira

Mestra em Educação Científica e Tecnológica/UFSC

E-mail: beatrizsofka@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7086360340510744>

Murilo Pedroso Alves

Doutorando em Enfermagem/UFSC

E-mail: murilopedrosoalves@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9256090207068798>



Florianópolis, 2018



Universidade Federal de Santa Catarina

Coordenação do Curso: Henrique César da Silva

Centro de Ciências da Educação

Departamento de Metodologia de Ensino

Pró-Reitoria de Pós-Graduação

Parceiros:

Ministério da Educação

Governo do Estado de Santa Catarina

Secretaria do Estado de Educação de Santa Catarina

União dos Dirigentes Municipais de Educação de Santa Catarina

Laboratório de Novas Tecnologias da UFSC

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Estrutura curricular do Curso de Especialização em Educação na Cultura Digital _____	19
Figura 2 - Percorso metodológico da pesquisa _____	31
Figura 3 - Distribuição de frequência de cursistas concluintes por idade _____	43
Figura 4 - Distribuição de frequência de cursistas concluintes por tempo de atuação no magistério _____	44
Figura 5 - Distribuição de frequência de cursistas concluintes por área de formação _____	44
Figura 6 - Distribuição de frequência de cursistas concluintes por área de atuação no momento de ingresso no Curso _____	45
Figura 7 - Distribuição de frequência de cursistas concluintes por carga horária semanal de trabalho durante o Curso _____	45
Figura 8 - Distribuição de frequência de cursistas concluintes por tipo de equipamento utilizado em casa _____	46
Figura 9 - Distribuição de frequência de cursistas concluintes por tipos de equipamentos e ambientes existentes na escola _____	46
Figura 10 - Distribuição de frequência de cursistas concluintes por tipos de equipamentos e ambientes utilizados para atividades pnis _____	47
Figura 11 - Distribuição de frequência de cursistas concluintes por finalidade ao usar computador _____	47
Figura 12 - Distribuição da frequência de cursistas concluintes por cursos PROINFO realizados anteriormente _____	48
Figura 13 - Distribuição de frequência de cursistas concluintes em relação à qualidade de conhecimento em Informática anterior ao ingresso no Curso _____	49
Figura 14 - Distribuição de frequência de inscrição de cursistas concluintes por Polo _____	49
Figura 15 - Distribuição de frequência de cursistas concluintes por núcleos específicos realizados _____	50

Figura 16 - Distribuição de frequência de cursistas concluintes em relação à liberação de carga horária da escola para realização das atividades do Curso _____	52
Figura 17 - Distribuição de frequência de cursistas concluintes em relação aos motivos para ingresso no Curso _____	53
Figura 18 - Distribuição de frequência de cursistas concluintes em relação aos canais utilizados para comunicação com a equipe docente _____	58
Figura 19 - Distribuição de frequência de cursistas concluintes em relação à qualidade dos Núcleos de Estudo, PLAC e TCC do Curso EECD _____	59
Figura 20 - Distribuição de frequência de cursistas concluintes em relação à qualidade dos materiais (<i>e-books</i>) do PLAC, NB, NE e NA _____	63
Figura 21 - Distribuição de frequência de cursistas concluintes em relação à qualidade das ferramentas do E-ProInfo _____	65
Figura 22 - Distribuição de frequência de cursistas concluintes em relação à avaliação do grau de dificuldade em cada Núcleo do Curso _____	65
Figura 23 - Distribuição de frequência de cursistas concluintes em relação às dificuldades encontradas na realização das atividades _____	66
Figura 24 - Distribuição de frequência de cursistas concluintes em relação à qualidade dos debates entre o grupo de cursistas _____	69
Figura 25 - Distribuição de frequência de cursistas concluintes em relação à realização de debates com docentes da escola não cursistas _____	70
Figura 26 - Distribuição de frequência de cursistas desistentes por idade _____	75
Figura 27 – Distribuição de frequência de cursistas desistentes por situação funcional _____	75
Figura 28 - Distribuição de frequência de cursistas desistentes por administração escolar _____	76
Figura 29 - Distribuição de frequência de cursistas desistentes por tempo de atuação no magistério _____	76
Figura 30 - Distribuição de frequência de cursistas desistentes por nível de formação _____	77
Figura 31 - Distribuição de frequência de cursistas desistentes por área de formação _____	77

Figura 32 - Distribuição de frequência de cursistas desistentes por área de atuação na escola no momento de ingresso no Curso _____ 78

Figura 33 - Distribuição de frequência de cursistas desistentes por carga horária semanal de trabalho durante o Curso _____ 79

Figura 34 - Distribuição de frequência de inscrição de cursistas desistentes por Polo ____ 80

Figura 35 - Distribuição de frequência de cursistas desistentes em relação aos motivos para ingresso no Curso _____ 81

Figura 36 - Distribuição de frequência de cursistas desistentes em relação aos motivos para afastamento do Curso _____ 82

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Quantitativo de professoras PLAC, tutores PLAC e cursistas em agosto de 2014 _____ 23

Tabela 2 - Turmas dos Núcleos Específicos – 2015 _____ 24

Tabela 3 - Quantitativo dos Núcleos Avançados _____ 26

Tabela 4 - Quantitativo de tutores, professores, cursistas ingressantes e concluintes ____ 26



SUMÁRIO

Apresentação	14
---------------------	-----------



O Curso de Especialização em Educação na Cultura Digital	19
---	-----------

1.1 Proposta do Curso	19
1.2 Execução do Curso na UFSC	22



Percurso Teórico-Metodológico da avaliação	29
---	-----------

2.1 Sujeitos da pesquisa	31
2.2 Categorias de Análise	31
2.3 Instrumentos para coleta de dados	34
2.4 Procedimentos de Análise de Dados	36



Resultados: Parte I	43
----------------------------	-----------

3.1 Análise da percepção dos cursistas concluintes (Egressos)	43
3.1.1 Perfil dos cursistas concluintes	43
3.1.2 Motivos para ingresso	52
3.1.3 Trabalho Coletivo	53
3.1.4 Recursos Didáticos e Atividades	62
3.1.5 Repercussões do Curso	68
3.1.6 Comentários gerais sobre o curso na voz dos cursistas concluintes	71
3.2 Análise da percepção dos cursistas desistentes	74
3.2.1 Perfil dos cursistas desistentes	74
3.2.2 Motivos para ingresso	81
3.2.3 Motivos para desistência	81
3.2.3.1 <i>Descrição das situações que resultaram na desistência</i>	82
3.2.4 Comentários sobre a participação no Curso	86
3.2.5 Sugestões para a reformulação do Curso	88

4.	Resultados: Parte II	95
	4.1 Análise da percepção da equipe docente: Professores e Tutores	95
	4.1.1 Perfil da equipe docente	95
	4.1.2 Trabalho coletivo	97
	4.1.2.1 <i>Interação da Equipe Docente</i>	98
	4.1.2.2 <i>Acompanhamento Pedagógico</i>	101
	4.1.3 Recursos didáticos e atividades	105
	4.1.3.1 <i>E-book</i>	105
	4.1.3.2 <i>Ambiente Virtual</i>	111
5.	Considerações finais	115
6.	Pós-escrito	123
	Referências	129
	Apêndices	131
	Apêndice A - Questionário Avaliativo – Cursistas Concluintes	131
	Apêndice B - Questionário Avaliativo – Cursistas Desistentes	146
	Apêndice C - Questionário Avaliativo – Professores	151
	Apêndice D - Questionário Avaliativo – Tutores	162



APRESENTAÇÃO

O *Curso de Especialização em Educação na Cultura Digital* (EECD) se constitui em uma proposta de formação apoiada no compartilhamento de experiências que exploram, demonstram e analisam as possibilidades criativas da integração das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) aos currículos escolares. A partir de um convite do Ministério da Educação (MEC), a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) elaborou, sob a Coordenação Geral da Profa. Roseli Zen Cerny, e em parceria com pesquisadores de todo o país na área de Tecnologia Educacional, a proposta da formação e todos os materiais de base dos Núcleos de Estudo. A metodologia do Curso EECD buscou proporcionar um ambiente formativo em que se valorizam tanto o estudo e a reflexão crítica quanto a experiência e a interação com os colegas, favorecendo a produção coletiva e o fortalecimento das relações da comunidade escolar.

Em 1997, o Ministério da Educação organizou a proposta de cursos ligados ao ProInfo¹, inicialmente com um foco mais instrumental, ou seja, ensinar os professores a utilizar o computador e suas ferramentas básicas nos processos de ensino e demais atividades na escola. A partir de pesquisas sobre o próprio programa (CERNY; ALMEIDA, 2012), percebeu-se a necessidade de utilizar as tecnologias de forma educativa, não só em relação a saber manuseá-las, mas a pensar e construir um trabalho integrado entre as tecnologias e o currículo escolar, permeando as diversas atividades pedagógicas, de gestão da escola e de aproximação com a comunidade escolar. Mais do que manusear as TDIC, essa proposta objetiva o seu uso crítico (BELLONI, 2005) nos processos de ensino e aprendizagem em cada área de conhecimento.

Nasce, assim, a proposta do *Curso de Especialização em Educação na Cultura Digital*, organizado pela UFSC em parceria com o MEC, que contou com um grupo de aproximadamente 120 pessoas para elaboração dos materiais dos

1 - “O ProInfo, inicialmente denominado de Programa Nacional de Informática na Educação, foi criado pelo Ministério da Educação, através da Portaria nº 522 em 09/04/1997, com a finalidade de promover o uso da tecnologia como ferramenta de enriquecimento pedagógico no ensino público fundamental e médio. O funcionamento do ProInfo se dá de forma descentralizada, existindo em cada unidade da Federação uma Coordenação Estadual, e os Núcleos de Tecnologia Educacional (NTE), dotados de infraestrutura de informática e comunicação que reúnem educadores e especialistas em tecnologia de hardware e software. A partir de 12 de dezembro de 2007, mediante a criação do Decreto nº 6.300, o ProInfo passou a ser o Programa Nacional de Tecnologia Educacional, com o principal objetivo de promover o uso pedagógico das tecnologias de informação e comunicação nas redes públicas de educação básica” (grifos nossos. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/programas/programa-nacional-de-tecnologia-educacional-ProInfo>).

31 Núcleos de Estudo propostos, durante um período de dois anos para pesquisa e desenvolvimento de materiais didáticos.

A autoria dos materiais foi pensada por professores universitários em parceria com professores de escolas de educação básica, tendo como base a construção de cenários, prioritariamente em vídeo, para a apresentação e discussão das ideias de cada Núcleo de Estudo. Além dos autores, a criação dos materiais didáticos contou com a participação de equipes de Vídeo, Design Gráfico e Hipermídia, Revisão e Gestão. Participaram dessas equipes profissionais formados, ou em formação, de diversas áreas do conhecimento: Pedagogia, Licenciaturas diversas, Programação, Sistemas de Informação, Design, Cinema, Jornalismo, entre outras.

A partir dessa elaboração, a UFSC e mais duas instituições realizaram, de maneira independente, uma primeira oferta do Curso. Assim, no âmbito do Programa Nacional de Tecnologia Educacional (ProInfo), ele foi ofertado pela UFSC na modalidade a distância (EaD), no período de agosto de 2014 a agosto de 2016, envolvendo educadores atuantes nas redes de ensino públicas do Estado de Santa Catarina, contando com a participação de aproximadamente mil pessoas, das quais 800 cursistas, 32 professores, 76 tutores, 72 orientadores de TCC, e 10 pessoas responsáveis pela coordenação, secretaria acadêmica e suporte de ambiente virtual. Foram estabelecidas parcerias com a União Nacional dos Dirigentes da Educação (UNDIME), os Núcleos de Tecnologia Estaduais (NTE) e Municipais (NTM), bem como com o Laboratório de Novas Tecnologias (Lantec/UFSC).

Considerando-se o panorama político-econômico e os atrasos nos repasses de verbas para pagamento das bolsas dos tutores e professores, o curso foi paralisado no período de março a agosto de 2015, o que resultou em alterações do cronograma inicial. Assim, a previsão de término do Curso, que seria em dezembro de 2015, passou a ser agosto de 2016. No decorrer desse tempo, muitos cursistas, por diferentes motivos, acabaram por interromper a realização das atividades, abandonar o Curso ou solicitar o cancelamento de sua matrícula, o que resultou em um grande número de evasões.

Tendo em vista a proposta do Curso de propiciar uma formação de educadores para integrar crítica e criativamente as TDIC aos currículos escolares, bem como preconizar o trabalho coletivo no âmbito da escola, investigar elementos desse processo pode tanto contribuir para o desenvolvimento de uma melhor compreensão do Curso e de reestruturações para ofertas futuras, quanto sinalizar para aspectos que necessitam ser mais bem analisados nas pesquisas da área de formação de professores e de integração das TDIC ao ensino.

Esses e outros aspectos justificam a necessidade de um processo de autoavaliação dessa primeira edição do Curso, ofertado pela UFSC, com o objetivo de inferir indicativos acerca da qualidade do processo formativo, identificando elementos que possam orientar as reformulações necessárias para ofertas futuras e contribuindo para aprimorar as políticas governamentais de Educação em nosso

país. Além disso, a autoavaliação pode contribuir para suscitar reflexões acerca dos processos educacionais de formação continuada na modalidade a distância, com relação às potencialidades de aprendizagem que apresenta e às metodologias de ensino que são agregadas pelas TDIC, articuladas aos currículos escolares.

Assim, tratando-se de um curso-piloto e por sua relevância e abrangência, considera-se pertinente investigar a percepção dos cursistas (desistentes e concluintes) e da equipe docente (professores e tutores) sobre o desenvolvimento do Curso e os conhecimentos teórico-práticos construídos. Este relatório tem como objetivo geral avaliar os aspectos pedagógicos e estruturais da oferta-piloto do *Curso de Especialização em Educação na Cultura Digital*, realizada pela UFSC, no Estado de Santa Catarina, visando identificar os limites e as potencialidades dessa proposta formativa.

Como objetivos específicos, elencam-se:

- delinear o perfil dos cursistas e da equipe docente que participou dessa primeira edição do Curso;
- identificar os principais motivos para ingresso, permanência e/ou desistência do Curso;
- avaliar os aspectos estruturais no que se refere aos Núcleos de Estudo, Materiais de Base (*e-book*) e Ambiente Virtual (E-ProInfo);
- identificar limites e possibilidades da interação entre a equipe docente do Curso;
- analisar o acompanhamento pedagógico dos cursistas e interação entre o grupo de cursistas da escola (coletivo da escola);
- identificar, sob a perspectiva dos cursistas (concluintes e desistentes) e da equipe docente, as possíveis mudanças necessárias na proposta do Curso, que possam subsidiar ofertas futuras;
- apontar aspectos que possam constituir objeto de aprofundamento da área de formação de professores e de integração das TDIC ao ensino.

Assim, todos os cursistas e membros da equipe docente foram convidados a responder questionários on-line, sem identificação, contemplando os seguintes aspectos: 1. Perfil dos sujeitos participantes; 2. Trabalho coletivo; 3. Recursos didáticos e atividades; e 4. Repercussões do Curso, que se constituíram em categorias de análise e são apresentadas neste relatório. Em posse das respostas, seguimos os referenciais teórico-metodológicos da análise de conteúdo de Laurence Bardin (1977) para sistematizar e interpretar as informações.

O relatório inicia-se com a apresentação do contexto da pesquisa, no primeiro capítulo – *O Curso de Especialização em Educação na Cultura Digital* –, descrevendo sua proposta e elementos da execução da primeira oferta em regime-piloto pela UFSC. No segundo capítulo – *Percurso teórico-metodológico da avaliação* –, são apresentados os detalhes da investigação, como a delimitação do grupo amostral, a construção dos questionários e seu envio, a sistematização das respostas e a metodologia de análise dos dados.

Em seguida, inicia-se a discussão dos resultados: o terceiro capítulo – *Análise da percepção dos cursistas concluintes e desistentes* – se debruça sobre o perfil dos cursistas, analisando a forma como foi desenvolvida a formação, considerando o trabalho coletivo, como se apropriaram do material didático e suas possíveis críticas, os motivos para ingresso no Curso e demais sugestões, críticas e elogios; o quarto capítulo – *Análise da percepção da equipe docente* – apresenta a análise do perfil e da percepção da equipe docente (tutores e professores) acerca dos diversos aspectos relacionados à proposta e à execução do Curso. Fecham-se as análises com o quinto capítulo – *Considerações gerais* –, no qual se interpretam as informações, procurando-se as influências da atividade formativa investigada para a desistência ou permanência dos cursistas, mas também as possíveis transformações da prática docente nas escolas que participaram da formação. O relatório é finalizado com a apresentação das *Referências e Apêndices*.



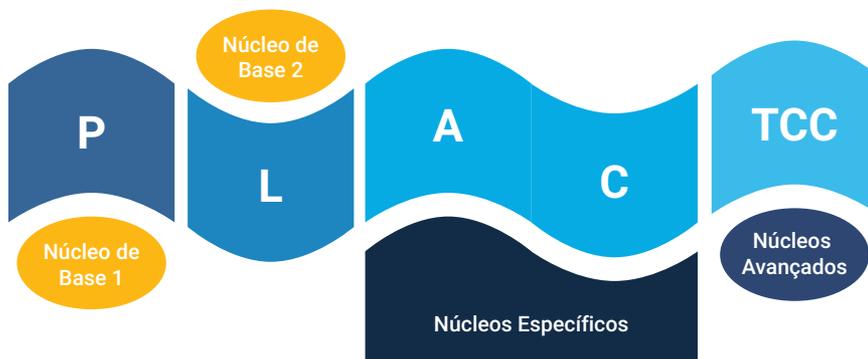
**O CURSO DE
ESPECIALIZAÇÃO
EM EDUCAÇÃO
NA CULTURA
DIGITAL**

Neste capítulo, é apresentada a proposta do *Curso de Especialização em Educação na Cultura Digital* (EECD), que foi desenvolvida pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em parceria com pesquisadores de todo o país, bem como a estruturação do Curso como primeira oferta executada pela UFSC para participantes de todo o Estado de Santa Catarina.

1.1 Proposta do Curso

A estrutura do Curso buscou proporcionar um ambiente formativo em que se valorizam tanto o estudo e a reflexão crítica quanto a experiência e a interação com os colegas, favorecendo a produção coletiva e o fortalecimento das relações da comunidade escolar. Nesse aspecto, o Curso foi pensado para ser desenvolvido de maneira fluida e articulada, como representado na Figura 1:

Figura 1 - Estrutura Curricular do Curso de Especialização em Educação na Cultura Digital.



Fonte: <http://educacaonaculturaldigital.mec.gov.br/>.

Na Figura 1, estão representados os Núcleos de Estudo (módulos), que compõem o Curso, dentre os quais se destaca o Plano de Ação Coletivo (PLAC) como sua espinha dorsal, buscando trazer, metodologicamente, o contexto da escola como principal mobilizador da formação do sujeito.

Os Núcleos de Estudo, representados na Figura 1, tiveram por finalidade promover a problematização do cotidiano da escola, discutindo a integração das TDIC ao ensino das disciplinas e seus conteúdos específicos. Os núcleos compreendem: **Núcleos de Base** (NB) – seu foco está nos aspectos teórico-conceituais que norteiam a concepção do Curso, analisando-se o papel da escola e o do currículo na cultura digital; **Núcleos Específicos** (NE) – estão voltados para o uso das TDIC nos diferentes componentes curriculares, bem como nos setores de atuação que apresentam especificidades (gestão, coordenação pedagógica, formação de professores, tecnologias assistivas); e **Núcleos Avançados** (NA) – que abordam temas com vistas a propor novas possibilidades de integração das TDIC na

prática escolar². Atendendo aos requisitos de um curso *lato sensu*, a elaboração de um Trabalho de Conclusão de Curso constitui componente obrigatório para a aprovação e obtenção do certificado de especialista (RAMOS *et al*, 2013a). A proposta é de que o Curso seja oferecido em 18 meses.

Ancorado na perspectiva do trabalho coletivo e colaborativo, o Curso previu, entre os seus critérios de participação, a inscrição de grupos de educadores com, pelo menos, quatro professores, juntamente com mais dois membros da equipe gestora e um formador (RAMOS *et al*, 2013). Assim, este Curso não foi proposto para um professor, mas para um grupo de professores de uma escola, interessados em realizar o trabalho coletivo, pensando as TDIC de maneira integrada ao currículo escolar. Logo, a previsão era de que o grupo de cursistas, ao final do Curso, conseguisse integrar crítica e criativamente as TDIC aos currículos escolares.

O acompanhamento dos cursistas pela equipe docente foi constituído por educadores que, coletivamente, assumiram a responsabilidade por todas as ações pedagógicas fundamentais para o desenvolvimento de cada um dos momentos do Curso oferecido na modalidade a distância. Tendo como uma de suas bases norteadoras o pensar coletivo, o acompanhamento dos cursistas realizado por esses educadores buscou organizar momentos sistematizados para a troca de experiências e informações, visando a um real planejamento pedagógico coletivo ao longo do Curso.

Segundo o Guia de Diretrizes Metodológicas (RAMOS *et al.*, 2013a), um dos documentos norteadores dessa oferta, o Curso previa que os professores atuassem junto aos cursistas para: intervir, mediando e auxiliando o cursista a planejar e definir os seus projetos de utilização para as TDIC, demonstrando o potencial dessas tecnologias a partir da apresentação de exemplos significativos em sua área de ensino e sugerindo listas de atividades preparatórias e auxiliares; intervir, mediando e auxiliando o cursista na produção das narrativas e da avaliação reflexiva das suas diversas ações de aprendizagem; fornecer referências (bibliográficas e internet) complementares que sirvam como material de pesquisa e orientação; e interagir com os cursistas de forma a auxiliar e desencadear processos de tomada de consciência concernentes à presença de contradições no seu pensar em relação aos conteúdos e às propostas de uso de TDIC estudados (RAMOS *et al*, p. 18, 2013). Assim, esses professores precisariam ter experiência para o uso das TDIC na Educação, nas suas respectivas áreas, bem como experiências na utilização de ferramentas on-line de comunicação e interação e em Educação a Distância, além de ter boas habilidades em relacionamentos interpessoais e na gestão de equipes de trabalho, e ter um perfil de liderança.

O Plano de Ação Coletivo, uma das primeiras etapas do Curso, fortalece a dimensão coletiva e focaliza nela; para isso, a concepção do Curso previa que, no mínimo, dois professores do Curso acompanhassem grupos de até 50 profis-

2 - Essas informações iniciais foram adaptadas de: <http://educacaonaculturadigital.mec.gov.br/>.

sionais, em torno de cinco escolas, incluindo seus professores, gestores e formadores; e seria responsabilidade desses profissionais a mediação, o acompanhamento, a avaliação e a certificação das atividades referentes ao PLAC, durante um período de 12 meses (RAMOS *et al*, 2013a).

Os Núcleos de Base (NB) e Avançados (NA), referentes à dimensão individual do Curso, previam os seguintes aspectos: os docentes formarão duplas que serão responsáveis pelo acompanhamento, avaliação e certificação de até cem cursistas, durante um período de cinco meses para o NB e quatro para os NA. O Guia de Diretrizes Metodológicas (RAMOS *et al*, 2013) indica que Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e Núcleos Específicos (NE) serão de responsabilidade da mesma dupla de professores. Esses profissionais deverão responsabilizar-se pela orientação de até 20 cursistas, e seu tempo de atuação será de 12 meses.

Os profissionais intitulados professores são aqueles que atuarão no acompanhamento dos cursistas. Para fins de remuneração, devem ser incluídos na categoria Professor Pesquisador (I e II), definida na RESOLUÇÃO/CD/FNDE Nº 8 DE 30 DE ABRIL DE 2010 do FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação). Caso haja, em um mesmo Núcleo de Estudos, a atuação de dois professores, um será “Professor Pesquisador I”; e outro, “Professor Pesquisador II”.

Com relação aos cursistas no momento de ingresso, espera-se que, no mínimo, compreendam os aspectos técnicos e operacionais do equipamento tecnológico, utilizando as TDIC como apoio das práticas pedagógicas já empregadas em sala de aula. Como resultado do Curso, objetiva-se que eles alcancem níveis³ mais avançados de integração das tecnologias ao currículo, desenvolvendo novas práticas pedagógicas e promovendo mudanças de crenças e valores.

A partir dessa elaboração da proposta do Curso, conforme exposto acima, a UFSC e mais duas instituições⁴ realizaram, de maneira independente, uma primeira oferta do Curso. Assim, no âmbito do Programa Nacional de Tecnologia Educacional (ProInfo⁵), o Curso foi ofertado pela UFSC, na modalidade a

3 - Estágios de Apropriação das Tecnologias segundo Almeida (2011, citando Sandholtz, 1997): **1- Exposição; 2- Adoção; 3- Adaptação; 4- Apropriação; e 5- Inovação (invenção)**. Para maiores informações ver o Guia de Diretrizes Metodológicas do Curso (RAMOS *et al*, 2013), disponível em: <http://educacaonaculturadigital.mec.gov.br/downloads/diretrizes-metodologicas.pdf>

4 - A Universidade Federal de Roraima e a Universidade Federal de Ouro Preto também realizaram a oferta do Curso, de maneira independente.

5 - “O ProInfo, inicialmente denominado de Programa Nacional de Informática na Educação, foi criado pelo Ministério da Educação, através da Portaria nº 522 em 09/04/1997, com a finalidade de promover o uso da tecnologia como ferramenta de enriquecimento pedagógico no ensino público fundamental e médio. O funcionamento do ProInfo se dá de forma descentralizada, existindo em cada unidade da Federação uma Coordenação Estadual, e os Núcleos de Tecnologia Educacional (NTE), dotados de infraestrutura de informática e comunicação que reúnem educadores e especialistas em tecnologia de hardware e software. A partir de 12 de dezembro de 2007, mediante

distância, no período de agosto de 2014 a agosto de 2016, envolvendo educadores atuantes nas redes de ensino públicas do Estado de Santa Catarina.

1.2 Execução do Curso na UFSC

Para efetivar a oferta do Curso para o Estado de Santa Catarina, a UFSC realizou a coordenação estadual (acadêmica e administrativa), organizando: o processo seletivo de cursistas/escolas, da equipe pedagógica, matrículas, acompanhamento didático-pedagógico, certificação e avaliação dos cursistas, entre outras ações. Além de uma Secretaria do Curso, coordenada por um docente da UFSC, vinculado ao Centro de Ciências da Educação (CED), ocorreu também uma parceria com o Laboratório de Novas Tecnologias (Lantec), vinculado ao CED, que, por meio de suas equipes (Núcleos), desenvolveu, junto com a coordenação do Curso, alguns materiais complementares, bem como realizou o acompanhamento pedagógico ao longo da oferta do PLAC (organizado em três momentos distintos, denominados PLAC1, PLAC2 e PLAC3) e dos Núcleos de Base (NB1 e NB2).

A partir das discussões entre a Coordenação do Curso e a Coordenação do Lantec, com base no número de cursistas ingressantes e nas condições orçamentárias do programa, foram convidadas seis professoras coordenadoras para o PLAC, organizando seis turmas no ambiente virtual E-ProInfo, conforme a Tabela 1. De acordo com o projeto do Curso, a essas professoras foi atribuída a categoria de Professor Pesquisador, de acordo com as normas definidas na Resolução/CD/FNDE nº 8, de 30 de abril de 2010.

Entretanto, para um acompanhamento qualitativo adequado aos cursistas no ambiente virtual, fez-se necessária a contratação de tutores para compor a equipe docente de cada turma. Embora o projeto do Curso indicasse a contratação de mais um Professor Pesquisador (categoria indicada na Resolução/CD/FNDE Nº 8) por turma, o orçamento para a oferta do Curso permitiu apenas a contratação de tutores, categoria também inserida na referida resolução.

Vale ressaltar que, na concepção do Curso, tanto tutores como professores fazem parte de um único coletivo docente e, embora tenham remunerações diferentes, são corresponsáveis pelo processo pedagógico a ser desenvolvido aos cursistas. Neste relatório, utilizou-se o termo “professoras”, para referência às que coordenaram as turmas do PLAC, e “tutores”, para designar os demais professores da equipe docente.

a criação do Decreto nº 6.300, o ProInfo passou a ser Programa Nacional de Tecnologia Educacional, tendo como principal objetivo promover o uso pedagógico das tecnologias de informação e comunicação nas redes públicas de educação básica.” (Grifos Nossos. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/programas/programa-nacional-de-tecnologia-educacional-ProInfo>)

Tabela 1 - Quantitativo de professoras PLAC, tutores PLAC e cursistas em agosto de 2014.

Turmas	Professores PLAC	Tutores PLAC	Número de cursista
Turma 1	1	5	124
Turma 2	1	5	122
Turma 3	1	6	148
Turma 4	1	5	133
Turma 5	1	5	139
Turma 6	1	5	134
TOTAL	6	31	800

Fonte: elaborado pelos autores.

Concomitantemente ao primeiro momento do PLAC, conforme previa a estrutura do Curso, havia a oferta do Núcleo de Base 1 (NB1), para o qual foi convidada uma professora coordenadora e outros 17 selecionados. Para auxiliar o cursista, foram mantidas seis turmas; porém, com tutores específicos para tratar dos conteúdos e acompanhamento do NB1.

Todos os tutores contratados (PLAC e NB1) foram selecionados a partir de um processo seletivo aberto, com critérios previamente explicitados em uma chamada pública. Assim, em média, cada tutor ficou responsável pelo acompanhamento do processo de ensino e aprendizagem de um grupo de aproximadamente 25 cursistas.

A coordenação do Curso na UFSC, em parceria com a Secretaria Estadual de Educação de Santa Catarina (SED/SC) e a União dos Dirigentes Municipais de Educação de Santa Catarina (UNDIME/SC), realizou o processo seletivo dos cursistas, observando os seguintes pré-requisitos:

- indicação, por escola, de um grupo composto por ao menos um gestor e três professores, totalizando um mínimo de quatro profissionais com curso de graduação concluído;
- os candidatos não podem estar participando de outra pós-graduação ofertada pelo poder público;
- os profissionais indicados devem ter conhecimento em informática básica;
- a escola deve ter laboratório de informática com acesso à internet e disponibilidade para o uso dos cursistas;
- serem educadores e estarem em exercício na escola pública indicada;
- serem multiplicadores atuantes nos Núcleos de Tecnologia Educacional Estaduais (NTE) ou nos Núcleos de Tecnologia Educacional Municipais (NTM).

Os cursistas selecionados, conforme sua região, estavam localizados em um dos dez polos do Curso, que correspondiam às Gerências Regionais de Educação do Estado de Santa Catarina: Caçador, Campos Novos, Chapecó,

Concórdia, Criciúma, Grande Florianópolis, Itajaí, Ituporanga, Joinville e São Miguel do Oeste. A partir do número total de cursistas, foram formadas seis turmas do Plano de Ação Coletivo (PLAC), atingindo um total de 163 escolas (municipais e estaduais).

O Curso iniciou suas atividades com uma aula inaugural presencial em Florianópolis, nos dias 25 e 26 de agosto de 2014, reunindo todos os cursistas matriculados. Para esse momento, foram planejados diversos eventos, incluindo palestras e atividades referentes ao PLAC.

Em novembro do 2014, foi realizado um levantamento do número de cursistas e escolas participantes após a realização das primeiras atividades do Curso, que utilizou a plataforma de ambiente virtual E-ProInfo. O cenário apontou uma pequena porcentagem de desistentes de 11,8%, reduzindo o número de cursistas para 706, atingindo em todo o estado 150 escolas (municipais e estaduais). Para fins deste relatório, serão chamados de desistentes todos os que abandonaram o Curso ao longo do processo, seja sem apresentar uma justificativa, seja formalizando a solicitação de desligamento do Curso.

Após o desenvolvimento dos Núcleos de Base 1 e 2, PLAC 1 e 2 (agosto de 2014 a abril de 2015), o Curso esteve paralisado no período de abril a julho, em decorrência do atraso no repasse de verbas e no pagamento das bolsas dos tutores e professores. Na retomada de atividades em agosto de 2015, observou-se um número considerável de cursistas desistentes, o que provocou a necessidade de reorganização em cinco turmas para o PLAC 3. Até esse período, a taxa de desistência foi de aproximadamente 58,4%.

Simultaneamente ao PLAC 3, iniciaram-se os estudos dos Núcleos Específicos (NE), escolhidos de acordo com a área de formação do cursista. Para atender a essa demanda, foram ofertados 20 Núcleos Específicos, descritos na Tabela 2, apresentada na sequência.

Tabela 2 - Turmas dos Núcleos Específicos – 2015.

Núcleo Específico	Cursista	Tutores	Professores
1. Aprendizagem de Artes Visuais e TDIC	16	2	1
2. Aprendizagem de Biologia no EM e TDIC	6	1	1
3. Turma 3 Aprendizagem de Ciências no EF e TDIC	6	1	1
4. Educação Física e TDIC	17	2	1
5. A Prática Docente no Ensino Fundamental I e TDIC	57	4	1

Núcleo Específico	Cursista	Tutores	Professores
6. Aprendizagem de Filosofia no EM e TDIC	4	1	1
7. Aprendizagem de Física no EM e TDIC	10	1	1
8. Formação de Educadores na Cultura Digital	77	6	1
9. Aprendizagem de Geografia no EF E TDIC	8	2	1
10. Aprendizagem de Geografia no EM E TDIC	1	1	1
11. Aprendizagem de História no EF e TDIC	6	1	1
12. Aprendizagem de História no EM e TDIC	2	1	1
13. Aprendizagem de Língua Estrangeira e TDIC	12	1	1
14. Aprendizagem de Língua Portuguesa no EF e TDIC	10	2	1
15. Aprendizagem de Língua Portuguesa no EM e TDIC	8	2	1
16. Aprendizagem de Matemática no EF e TDIC	8	1	1
17. Aprendizagem de Matemática no EM e TDIC	3	1	1
18. Aprendizagem de Química no EM e TDIC	6	1	1
19. Gestão	67	4	1
20. Tecnologias Assistivas	9	1	1
TOTAL	333	36	20

Fonte: elaborado pelos autores.

Em março de 2016, após concluídas as atividades dos Núcleos Específicos e do Plano de Ação Coletivo (1, 2 e 3), tiveram início os Núcleos Avançados (NA), simultaneamente ao processo de escrita dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC). A Tabela 3 apresenta o quantitativo de cursistas, professores e tutores de cada um dos quatro NA ofertados no período de março a julho de 2016.

Tabela 3 - Quantitativo dos Núcleos Avançados.

Núcleo Avançado	Cursistas	Professoras	Tutores
1. Linguagens do Nosso Tempo	62	1	3
2. Tecnologias Digitais no Letramento Estatístico	13	1	1
3. Jogos Digitais na Aprendizagem	116	1	2
4. Ética na Cultura Digital	57	1	1
TOTAL	248	4	7

Fonte: elaborado pelos autores.

Sinteticamente, foi considerado que o primeiro período do Curso vai de agosto a dezembro de 2014, quando foram desenvolvidos os estudos referentes ao PLAC 1 e ao NB 1; o segundo período – ou seja, PLAC 2 e NB 2 – foi desenvolvido de janeiro a abril de 2015. Entre abril e julho de 2015 ocorreu o período de paralisação. O terceiro período de estudos iniciou-se em agosto de 2015 e se estendeu até fevereiro de 2016, com a finalização das atividades do PLAC 3 e dos NE. O quarto e último período do Curso foi realizado de março a julho de 2016, culminando nas defesas de TCC em agosto desse mesmo ano. Na Tabela 4, podem ser observados os dados gerais do Curso, desde seu início até sua conclusão.

Cabe destacar também que, para a validação do Curso como uma pós-graduação da UFSC, foi necessária a realização de uma prova presencial, em março de 2015, aplicada em todos os Polos do Curso, em parceria com a SED/SC e a UNDIME/SC, as quais organizaram a infraestrutura material e pessoal que possibilitou a efetivação dessa atividade.

Tabela 4 – Quantitativo de tutores, professores, cursistas ingressantes e concluintes.

Período	Módulo	Tutores	Professores	Cursistas Ingressantes	Cursistas concluintes
1º	PLAC 1	31	6	800	706
	NB 1	17	1	-	-
2º	PLAC 2	31	6	706	550
	NB 2	17	1	-	-
3º	PLAC 3	17	5	333	248
	NE	36	20	-	-
4º	NA	7	4	248	233
	TCC	-	72	248	208

Fonte: elaborado pelos autores.

Percebe-se uma alta taxa de desistência dos cursistas, especialmente entre o segundo e o terceiro períodos, apontados na Tabela 4, o que corresponde ao intervalo de paralisação do Curso. No total, observa-se um índice de desistência de 73,9% ao longo do Curso, o que significa, por outro lado, uma taxa de 26,1% de concluintes. Alguns indicativos sobre os motivos das desistências serão discutidos no terceiro capítulo.



**PERCURSO
TEÓRICO-
METODOLÓGICO
DA AVALIAÇÃO**

Ao longo do Curso, o Lantec, em parceria com a Coordenação Acadêmica do Curso EECD, realizou o acompanhamento pedagógico das ações dos Núcleos de Estudo PLAC1, PLAC2, PLAC3, NB1 e NB2. Essa ação foi pautada pela troca de informações, por meio de reuniões de equipe, sobre o desenvolvimento das atividades e interações entre a equipe docente (professores e tutores), com o enfoque no cursista.

No decorrer de tal acompanhamento, surgiu a necessidade de realizar uma avaliação do Curso, de maneira sistemática, buscando discutir indicadores dos aspectos didático-pedagógicos do seu desenvolvimento que podem colaborar para pensar em reformulações da proposta ou da sua forma de implementação. Assim, considera-se que a avaliação da educação superior se trata de um processo de conhecimento, interpretação e atribuição de juízos de valor complexos, além de organização e estabelecimento de ações e metas para melhorar o cumprimento das finalidades públicas e sociais das instituições (DIAS SOBRINHO; RISTOFF, 2003).

Assim, a equipe do Lantec buscou desenvolver uma estratégia de avaliação que possibilite identificar melhorias efetivas para a próxima oferta do Curso, subsidiando o aperfeiçoamento dos sistemas de gestão e pedagógico, corrigindo possíveis problemas que tenham influenciado a qualidade do processo pedagógico.

A avaliação da primeira oferta do Curso é entendida como um processo de compreensão, reflexão e diagnóstico de um projeto institucional, com possibilidade de realizar transformações, buscando qualidade e relevância científica e política do projeto em desenvolvimento e da própria universidade em questão (MASETTO, 1990). Segundo Dias Sobrinho (2003), numa perspectiva emancipatória, para além de um instrumento de regulação com um fim em si mesmo, a avaliação deve ter uma intencionalidade educativa, concebida e praticada como ação social formativa e construtiva. Para o autor, os objetivos da avaliação devem ser formativos, com o intuito de fornecer subsídios para melhorar o cumprimento da responsabilidade social das instituições de ensino superior.

Sob este prisma, Dias Sobrinho (2003) compreende que, em nível institucional, o processo de avaliação deve envolver: i) a autoavaliação ou avaliação interna, realizada pela comunidade universitária; ii) a avaliação externa, realizada por pares da comunidade científica de outras instituições e por representantes da sociedade organizada; e iii) a meta-avaliação e reavaliação, que consiste no momento de retomada crítica do processo desenvolvido, cotejando os produtos das avaliações interna e externa e fornecendo encaminhamentos para o melhoramento institucional.

Assim, a presente pesquisa, de caráter descritivo e exploratório, configura-se como um processo de avaliação institucional interna ou autoavaliação, por ser desenvolvida a partir do olhar dos sujeitos envolvidos na implementação do Curso. Especificamente, o processo foi estruturado pelo Laboratório de Novas

Tecnologias (Lantec) da UFSC e desenvolvido no corpo discente e docente do Curso EEC.D.

Segundo Galdino (2011) a autoavaliação pode ser compreendida como um

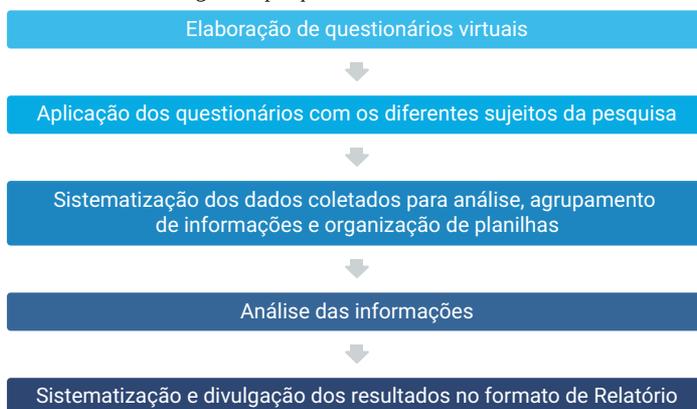
[...] processo contínuo, pelo qual uma instituição constrói conhecimento sobre sua própria realidade, buscando compreender os significados do conjunto das suas atividades para melhorar a qualidade educativa e alcançar maior relevância social. Para tanto, sistematiza informações, analisa coletivamente os significados de suas realizações, desvenda formas de organização, administração e ação, identifica pontos fracos, bem como pontos fortes e potencialidades e estabelece estratégias de superação de problemas. (GALDINO, 2011, p. 1)

Portanto, a autoavaliação se constitui em um processo criativo, cíclico e em constante renovação em relação à análise, interpretação e síntese dos dados coletados e das inferências possibilitadas por esse processo. Vale salientar que se optou por uma análise mais aprofundada da dimensão didático-pedagógica, por estar estritamente relacionada ao trabalho desenvolvido pelo Lantec para o Curso. Assim, a partir dos parâmetros da avaliação institucional apresentados no documento *Referenciais de qualidade para Educação Superior a distância* (BRASIL, 2007), será analisada especialmente a organização didático-pedagógica, no que tange à aprendizagem dos cursistas, práticas educacionais de professores e tutores, material didático, currículo do Curso e sistema de orientação docente.

Para isso, no decorrer da pesquisa, coletaram-se informações com a finalidade de: delinear o perfil dos cursistas (concluintes e desistentes) e docentes (professores e tutores) que participaram desta primeira edição do Curso; identificar os principais motivos para ingresso, permanência e/ou desistência do Curso, dos cursistas (concluintes e desistentes); avaliar os aspectos estruturais no que se refere aos Núcleos de Estudo, Materiais de Base (*e-book*) e Ambiente Virtual (E-ProInfo); apontar limites e possibilidades da interação entre a equipe docente do Curso; examinar o acompanhamento pedagógico dos cursistas e interação entre o grupo de cursistas da escola (coletivo da escola); identificar, sob a perspectiva dos docentes e discentes, as possíveis mudanças necessárias na proposta do Curso, para efetivar a integração das TDIC ao currículo da escola; e inferir demandas que possam subsidiar ofertas futuras do Curso e constituir objeto de aprofundamento da área de formação de professores e de integração das TDIC no ensino.

Com intencionalidade de atingir tais objetivos, desenvolveu-se o processo de pesquisa da seguinte forma:

Figura 2 - Percurso metodológico da pesquisa



Fonte: elaborado pelos autores.

Na sequência, são apresentados os participantes do processo de autoavaliação do Curso EECD.

2.1 Sujeitos da pesquisa

O universo da pesquisa é composto de 800 cursistas, dos quais 205 concluintes e 595 desistentes, 76 tutores e 32 professores dos diferentes Núcleos de Estudo (Base, Específico, Avançado, PLAC). Assim, foi enviado, por e-mail, o convite de participação na pesquisa para um total de 908 sujeitos. Desse total, obtiveram-se 54 questionários respondidos por cursistas desistentes (9% do total de desistentes); 117, por cursistas concluintes (56% dos concluintes); 30, por tutores (39,4% do total de tutores); e 13, por professores (40,6% dos professores), totalizando 214 questionários respondidos, o que representa 23,6% do total de sujeitos convidados.

Cada grupo de sujeitos respondeu a questionários diferentes, elaborados de acordo com os objetivos da pesquisa, os quais estão apresentados como Apêndices deste relatório.

2.2 Categorias de Análise

Tendo como base o processo de acompanhamento das atividades do Curso, desenvolvido desde o início dos estudos até as defesas de TCC, considerou-se importante investigar alguns aspectos que se destacaram nesse percurso, buscando sinalizar limites que produziram dificuldades, tanto aos cursistas quanto à equipe docente, assim como indicar possibilidades de avanço para ofertas futuras. Ou seja, tais categorias, que serão explicitadas a seguir, foram elaboradas *a priori*, constituindo-se como blocos orientadores para a organização dos questionários aplicados aos sujeitos da pesquisa, construídos a partir dos objetivos da investigação.

Assim, elencam-se aspectos principais que necessitavam ser observados: o perfil dos cursistas; o perfil da equipe docente; as percepções acerca dos recursos didáticos e atividades propostas; as motivações para ingresso, permanência ou desistência; o acompanhamento pedagógico e a interação entre a equipe docente; a interação do coletivo da escola organizado pelos cursistas; e resultados ou reflexões acerca da temática do Curso.

Esses aspectos foram agrupados em quatro categorias transversais (1. Perfil dos sujeitos participantes; 2. Trabalho coletivo; 3. Recursos didáticos e atividades; 4. Repercussões do Curso) e redimensionados de acordo com cada grupo de sujeitos participantes do Curso (e da pesquisa).

De modo geral, considerou-se importante identificar o perfil dos sujeitos participantes do Curso nessa primeira edição desenvolvida pela UFSC. Assim, a categoria “Perfil dos sujeitos participantes” se refere a aspectos de “identificação” dos sujeitos, ou seja, informações relativas à idade, sexo, área de formação, anos de trabalho na docência, grau de escolaridade, carga horária de trabalho semanal, conhecimentos de informática ou tecnologias, usos de equipamentos tecnológicos em casa ou na escola, bem como a motivação para a participação no Curso. Tais categorias foram propostas considerando-se a possibilidade de coletar dados para discutir se o perfil dos cursistas ingressantes esteve de acordo com o exigido no edital de seleção do Curso, bem como permitirá analisar se há algum indicativo de que a falta de fluência ou habilidade no uso de tecnologias possa ser fator motivador da desistência dos cursistas. Em relação ao perfil dos professores e tutores, essa categoria poderá auxiliar a perceber se esse docente possuía uma proximidade com a área temática do Curso e também qual sua motivação principal para desenvolver esse trabalho, já que se compreende que o interesse em participar do projeto pode ser fator impulsionador de um bom trabalho desenvolvido ao longo do Curso.

Uma das premissas do Curso é de que o trabalho seja desenvolvido coletivamente, tanto na equipe docente como entre os cursistas (professores ou gestores de escolas de educação básica). Assim, buscou-se coletar informações relativas às possibilidades e aos limites encontrados para esta organização, tanto no coletivo docente quanto no coletivo de cursistas. A categoria “Trabalho coletivo” está relacionada a este aspecto, ou seja, a identificar como se deram essas interações entre cursistas e cursistas, cursistas e equipe docente, e entre os membros da equipe docente (professores e tutores). Essa categoria elaborada pela equipe de pesquisa poderá suscitar discussões e reflexões acerca de como ocorreram as relações ao longo do desenvolvimento do Curso entre tutores e professores, permitindo inferir, através dos dados de ambos os questionários, se ocorreu essa efetividade de um trabalho coletivo docente único, compreendendo a figura do tutor também como um professor, e não apenas como um auxiliar administrativo. Já essa categoria na perspectiva do cursista permitirá reflexões com relação à dimensão coletiva que permeia as atividades propostas, principalmente

no PLAC, observando a efetivação do coletivo ao longo das atividades, ou se essas foram “distribuídas” entre os cursistas, realizadas de maneira individual, não fortalecendo o grupo de cursistas e consequentemente o coletivo maior da escola onde eles atuavam, impossibilitando as discussões sobre a cultura digital com toda a comunidade escolar.

A qualidade dos materiais disponibilizados pelo Curso, bem como das atividades propostas, está relacionada à categoria “Recursos didáticos e atividades”, que busca obter compreensões acerca dos materiais de base (*e-book*) de cada Núcleo de Estudo, ambiente virtual utilizado (e-ProInfo) e atividades propostas. A análise desses itens poderá auxiliar a compreender se as atividades propostas estavam de acordo com a realidade dos cursistas, bem como discutir e inferir se os materiais e o ambiente virtual eram de complexa compreensão e utilização, características que algumas vezes podem se tornar indicativos de dificuldades ao longo do Curso. Além disso, pode-se indagar, nos questionários dos professores, se eles utilizaram o material de base proposto para o Curso, bem como todas as atividades do Núcleo, elemento esse que pode ter se configurado como um limite ou potencialidade no desenvolvimento do programa.

Outro aspecto importante se refere à temática do Curso, seja do ponto de vista dos resultados alcançados com os cursistas, seja do das reflexões realizadas pela própria equipe docente. Assim, a categoria “Repercussões do Curso” se refere aos impactos do programa sobre o seu público-alvo, aqui tratado como cursistas concluintes ou cursistas desistentes. Com relação aos desistentes, essa categoria aborda a busca de motivos que contribuíram para a evasão do cursista, buscando elementos fora do Curso, mas principalmente aqueles que lhe estão vinculados. Entende-se que essa formação apresenta princípios e práticas desafiadores para as escolas, e pretende-se investigar se esses desafios estimularam a continuidade no Curso ou impediram a participação nele. No que concerne aos concluintes, investigam-se as reflexões ou resultados obtidos em relação à integração de TDIC aos currículos escolares. Tal categoria poderá apontar alguns indicativos com relação à incorporação das discussões realizadas durante o Curso nas práticas pedagógicas dos cursistas (professores e gestores de escolas de educação básica) – esse o objetivo principal do Curso (RAMOS *et al.*, 2013b). Será possível também destacar indicativos acerca das discussões realizadas no Curso – se extrapolaram o grupo de cursistas matriculados e chegaram aos demais integrantes da escola. Essa categoria proposta ao grupo de professores poderá proporcionar alguns elementos que apresentem a concepção de integração de tecnologias na educação e como esses docentes entendem a articulação da sua área de ensino com a cultura digital. Essa categoria possui uma variedade de elementos a serem discutidos, o que poderá levar a equipe de pesquisa a realizar um recorte que delimite o foco da análise.

2.3 Instrumentos para coleta de dados

Como instrumento para obtenção de informações, optou-se pela implementação de questionários on-line com questões abertas e fechadas, privilegiando a segunda configuração. A escolha do questionário on-line deve-se, especialmente, à possibilidade de atingir um grande número de pessoas, tal como o público-alvo do Curso, dispostas em uma área geográfica relativamente extensa; por garantir o anonimato dos sujeitos, dando-lhes mais liberdade para se expressar; e por permitir aos respondentes adequar sua participação na pesquisa à sua rotina (GIL, 2008).

Para adequar os instrumentos às especificidades de cada sujeito envolvido na pesquisa, foram elaborados e implementados quatro questionários, os quais ficaram disponíveis para resposta por cerca de 15 dias e, em uma segunda aplicação com vistas à ampliação do número de respondentes, por mais sete dias:

- a) questionário on-line para cursistas concluintes, cuja primeira aplicação foi em 18 de julho de 2016 (APÊNDICE A);
- b) questionário on-line para cursistas desistentes, com a primeira aplicação em 26 de julho de 2016 (APÊNDICE B);
- c) questionário on-line para professores que atuaram no Curso, primeira aplicação em 18 de julho de 2016 (APÊNDICE C);
- d) questionário on-line para tutores que atuaram no Curso, também com a primeira aplicação em 18 de julho de 2016 (APÊNDICE D).

Tendo em vista a finalidade formativa do processo de autoavaliação que se almejou desenvolver, a elaboração dos questionários foi realizada a partir da compreensão de que:

A avaliação deve lançar seu olhar prioritariamente às grandes estruturas institucionais. Mais do que controlar as atividades do docente, importa avaliar a docência; mais ainda que a docência, importa a formação que está sendo proporcionada. Melhor que examinar disciplinas, é avaliar currículos, em sentido pleno. Mais vale avaliar os sentidos agregados da formação de um estudante que simplesmente tentar comprovar se aprendeu ou não alguns conteúdos. Mais que contabilizar a produção científica de um pesquisador, é preciso avaliar os significados da pesquisa para a ciência, a formação humana, a cultura e a sociedade (DIAS SOBRINHO, 2003, p. 40).

Além disso, o processo de construção dos instrumentos baseou-se no desenvolvimento de outros projetos de avaliação institucional realizados pelo Núcleo de Avaliação do Lantec, como o de autoavaliação do curso *Prevenção dos problemas relacionados ao uso de drogas*⁶, o de autoavaliação do

6 - Ao longo do curso *Prevenção dos problemas relacionados ao uso de drogas* – oferecido como capacitação para conselheiros e líderes comunitários pela UFSC, vinculada à Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas – o Lantec desenvolveu uma pesquisa sobre a execução da sexta edição do Curso, gerando um relatório contendo a análise dos dados, bem como todos os instrumentos de pesquisa utilizados.

PNEM⁷/Santa Catarina e o de autoavaliação dos cursos de licenciatura a distância na UFSC⁸.

Destaca-se que, embora os pesquisadores não estejam presentes durante a aplicação dos questionários, foram explicitadas, no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), apresentado aos respondentes, as possibilidades de contato para sanar eventuais dúvidas. Além disso, foram realizados testes-piloto com cada questionário, para evidenciar possíveis falhas na redação e possibilitar melhor ordem das questões, clareza dos termos, formato das questões etc. (GIL, 2008).

Para amenizar o risco, sinalizado por Gatti (2006), de desenvolver uma análise que limite a avaliação a números nem sempre significativos, a elaboração das questões foi realizada por sujeitos envolvidos no desenvolvimento do Curso, permitindo o imbricamento das questões e uma visão mais processual e qualitativa.

Logo, embora a pesquisa tenha como instrumento de obtenção de informações apenas os questionários, ela não possui caráter meramente descritivo. Por meio da união de questões abertas e fechadas, articuladas com a realidade vivenciada pelo Curso, e de uma análise mais integrada, envolvendo o olhar de diversos sujeitos, busca-se aproximar a pesquisa, dentro das suas limitações, de uma perspectiva reflexiva-interpretativa que permite:

[...] de um lado, a reflexão sobre o cenário social mais amplo e o local em suas relações, e, de outro, as concepções sobre o papel da universidade nesse cenário, em um enfoque do que realmente é social e cientificamente significativo, para além da numerologia instituída. (GATTI, 2006, p. 11).

Vale salientar que, embora Gatti (2006) compreenda que modelos de avaliação reflexivos-interpretativos empreguem formas diversificadas de coleta de dados, no contexto desta pesquisa isso demandaria tempo e recursos que transcendem as possibilidades da equipe, dado o público-alvo de aproximadamente 908 sujeitos. Por outro lado, uma análise das informações alinhada com esses princípios pode proporcionar resultados mais significativos e indicar elementos que necessitam de aprofundamento em pesquisas futuras mais amplas.

7 - O Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio – curso de formação continuada de professores e coordenadores que atuam nas escolas públicas, com o objetivo de discutir processos pedagógicos desenvolvidos no âmbito do Ensino Médio em Santa Catarina, oferecido pela UFSC em parceria com a Universidade Federal da Fronteira Sul. O Núcleo de Avaliação do Lantec desenvolveu uma pesquisa analisando dados e instrumentos utilizados pelos diferentes sujeitos ao longo do Curso.

8 - Pesquisa cujo objetivo foi elaborar um sistema de autoavaliação das características dos cursos de licenciatura na modalidade EaD na UFSC, também disponibilizada em forma de relatório.

2.4 Procedimentos de análise de dados

A Análise de Conteúdo (AC) é um conjunto de técnicas de análise de texto com um longo histórico de emprego nas Ciências Sociais e Humanas, entrelaçada às mudanças epistemológicas e de campos científicos da linguagem, embora possua especificidades. Sua longa história a dotou de vários procedimentos de análise – influenciados fortemente pelo surgimento dos computadores nas análises de texto –, nomeadamente as lexicais. Na década de 1970, Laurence Bardin sintetiza as técnicas e ensaia uma delimitação do campo, definindo a AC conforme exposto:

Análise de Conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: a comunicação (BARDIN, 1977, p. 31, grifo dos autores).

O conjunto de técnicas a ser utilizado é definido conforme o domínio e objetivos pretendidos, sempre reinventados também conforme as disponibilidades tecnológicas do momento. Diferentemente de outras formas de análise da comunicação, como a oratória (que analisa do ponto de vista da persuasão) ou a lógica (que focaliza no encadeamento racional dos enunciados), a AC tem a intenção de desvendar o significado oculto dos discursos usando estratégias de ancoragem empíricas. Assim, ela segue um percurso que vai da mera descrição (enumeração das características do texto), para alcançar a interpretação (a significação em si), passando pela inferência (a passagem explícita e controlada da descrição à interpretação).

A inferência, distintivo da AC, é a busca de duas respostas no movimento analítico: I) Quais as causas da mensagem – o que conduziu a determinado enunciado?; II) Quais as consequências de uma mensagem – os efeitos que ela provoca? Nesse sentido, Bardin (1977, p. 44) sintetiza assim a AC, explicitando sua ligação com a inferência:

Um conjunto de técnica de análises das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos dos conteúdos das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1977, p. 41, grifos do autor).

Em outro ponto do texto, ela reforça o papel das inferências na AC, estabelecendo como alvo da análise a emergência das condições de produção dos discursos: “A intenção da análise de conteúdo é a *inferência de conhecimentos relativos às condições de produção* (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)” (BARDIN, 1977, p. 38, grifos do autor). As condições de produção se relacionam às determinações psicológi-

cas, sociológicas, culturais e, mais especificamente, às situações de comunicação ou ao contexto de produção das mensagens. A inferência reside na articulação entre um plano *horizontal, sincrônico e descritivo* (a superfície do texto), e entre fatores que determinam essas características, logicamente deduzidos – o plano *vertical, diacrônico e interpretativo*.

É importante ressaltar a objetividade, historicamente perseguida pela AC, inerente às inferências. A articulação entre descrição e interpretação dos textos se dá pela mediação teórica e pelos elementos do objeto de análise, o próprio texto. A inferência é uma forma lógica de produzir conhecimentos, baseados no pensamento dedutivo – partir de teorias e conhecimentos gerais para, considerando-se elementos dos textos, produzir novas significações. Bardin (1977, p. 44) sintetiza essa objetividade e intencionalidade da AC nas seguintes palavras: “A análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça. [...] A análise de conteúdo é uma busca de outras realidades através das mensagens” (BARDIN, 1977, p. 44).

A AC segue três grandes fases, interdependentes, mais ou menos simultâneas: 1) pré-análise; 2) exploração do material; e 3) tratamento, inferência e interpretação. A pré-análise é em si mesma dividida em diversas etapas, quais sejam:

- a) leitura flutuante: deixar-se invadir livremente por “impressões e orientações”, possibilitando a emersão de hipóteses e a aplicação de teorias;
- b) escolha dos documentos: o universo de documentos pode ser tanto já existente, quanto construído para a pesquisa, como neste caso; dentro do universo de análise, escolhem-se os documentos sobre os quais serão realizadas a sistematização, o *corpus de análise*. A definição do *corpus* segue regras de:
 - i) exaustividade e não seletividade: qualquer documento que corresponda aos critérios estipulados na pesquisa não pode ser ignorado;
 - ii) representatividade: pode-se recorrer, a partir do universo de análise, a um grupo amostral de documentos, desde que ele seja representativo (generalizável);
 - iii) homogeneidade: responder aos critérios precisos de escolha dos textos;
 - iv) pertinência: os documentos têm de ser adequados para o alcance dos objetivos de análise;
- c) formulação de hipóteses e dos objetivos: as hipóteses são afirmações provisórias a serem verificadas (confirmadas ou negadas) a partir dos textos; os objetivos são a finalidade geral, quadro teórico ou função pragmática que subjaz à pesquisa, embora pesquisas também sejam feitas “às cegas”, sem um corpo de hipóteses consciente; a formulação de hipóteses “consiste, muitas vezes, em explicitar e precisar e, por conseguinte, dominar dimensões e direções de análise, que apesar de tudo funcionam no processo” (BARDIN, 1977, p. 99);

- d) referenciação dos índices e elaboração dos indicadores: o índice “pode ser a menção explícita de um tema numa mensagem”, são os recortes de fala comparáveis e passíveis de categorização – a codificação desse índice (um símbolo, código, signo) é o que possibilita o registro e recuperação desse índice de significados;
- e) preparação do material: é a organização do *corpus*, atribuindo codificação para os textos, possibilidade de análise e edição para futura leitura ou tratamento informático.

O trabalho de pré-análise se iniciou logo no início da pesquisa, quando da definição dos seus objetivos. Pela delimitação do escopo de investigação, foi pensada a produção de diferentes documentos focalizando em grupos de sujeitos diferenciados: professores, tutores, cursistas concluintes e cursistas desistentes. Cada um dos documentos procurou seguir as regras de seleção do *corpus*, de pertinência aos objetivos da pesquisa, de homogeneidade entre os documentos, mas com as devidas adaptações aos sujeitos-alvo, objetivando a exaustividade do alcance das informações. O critério de representatividade não foi considerado, já que se convidou todo o universo de sujeitos a participar da pesquisa, e foram consideradas como grupo amostral todas as respostas dadas, não estabelecendo uma preocupação de generalização das respostas, mas de exploração da pluralidade de significações atribuídas aos eventos – um esforço qualitativo.

As hipóteses foram geradas a partir da vivência dos pesquisadores e pesquisadoras no desenvolvimento do Curso, anteriormente ao processo de formação com os cursistas, e também na própria experiência com o processo formativo, visto que os pesquisadores participaram da execução do Curso. Assim, as hipóteses têm base nos referenciais teóricos do Curso (RAMOS *et al.*, 2013b) e também na vivência da prática dessas teorias. Isso não exclui a possibilidade de reformulação das hipóteses a partir do confronto com as informações empíricas, as respostas dadas pelos pesquisados. Esse movimento tão característico da pesquisa, de testagem e reformulação das hipóteses, foi muito recorrente nesta investigação.

A segunda fase, a exploração do material, se baseia em seguir a sistematização proposta na primeira fase, com base nos objetivos da pesquisa. Segue-se com a última fase, o tratamento dos resultados e interpretação, em que “os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos (‘falantes’)” (BARDIN, 1977, p. 101). A partir dos dados, o analista propõe inferências e interpretações para os textos.

A interpretação, alvo último da AC, não se dá apenas na última fase, mas é um esforço que perpassa todo o processo analítico. Ela se inicia, instrumentalmente, na codificação durante a fase de pré-análise, que

corresponde a uma transformação – efetuada segundo regras precisas – dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agrupação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo, ou da sua expressão, susceptível

de esclarecer o analista acerca das características do texto, que podem servir de índices (BARDIN, 1977, p. 103).

A codificação é parte fundante da inferência, que garante a base objetiva para a passagem do texto em si para as suas condições de produção, e segue três etapas:

- 1) recorte do texto e formulação das unidades de registro e contexto: nessa etapa, o texto é dividido em análises de significado, de tamanhos variáveis, mas com valor semântico claro – quando a unidade tem valor semântico em si mesma, ela é uma unidade de registro; o registro pode ser uma palavra, uma frase, um trecho da fala ou, como se decidiu nesta pesquisa, partir de um tema – “a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo certos critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura” (BARDIN, 1977, p. 105); entretanto, a unidade de registro pode necessitar de outras partes do texto para ser inteligível em seu núcleo de sentido – a essa unidade de função de suporte do significado dá-se o nome de unidade de contexto;
- 2) regras de enumeração: a unidade de registro é a menor unidade de significação da análise, é “o que se conta” do texto – essas unidades podem ser valoradas (quali ou quantitativamente) a partir da enumeração; pode-se contar as unidades por meio de uma ou várias formas de enumeração, mas nessa pesquisa recorre-se à regra da ausência ou presença de um tema;
- 3) classificação e agregação: os elementos são classificados por diferenciação e reagrupados a partir de critérios pré-definidos; dessas classes de unidades de registro sob um título genérico surgem as categorias organizadas por critérios semânticos: os temas; a partir do tema, faz-se a análise temática, que consiste em “descobrir os ‘núcleos de sentido’ que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição, pode significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido” (BARDIN, 1977, p. 105).

A categorização é o processo que visa “fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos” (BARDIN, 1977, p. 119). Ela se baseia em atividades de inventário – isolar os elementos do texto em unidades de registro, para serem, então, classificados – pela imposição de uma nova organização dos dados isolados. A qualidade das categorias formadas está pautada pela sua capacidade de fornecer uma nova organização dos dados da realidade, revelando “índices invisíveis, ao nível dos dados brutos” (BARDIN, 1977, p. 119). Especificamente, as categorias são avaliadas quanto à:

1. exclusão mútua: cada elemento existe apenas em uma categoria; em caso de emprego em mais de uma categoria, é necessário atentar para criar um indicador distinto, evitando erros de enumeração;

2. homogeneidade: um único princípio deve organizar a categoria toda;
3. pertinência: adequação da categoria com o *corpus* e o quadro teórico escolhido e com os objetivos de pesquisa;
4. objetividade e fidelidade: diferentes analistas devem chegar às mesmas categorias e relação entre os índices; a objetividade significa um compromisso de fundamentação das categorias nas próprias características dos textos;
5. produtividade: a fertilidade das categorias em produzir inferências, hipóteses novas e uma compreensão diferenciada dos dados.

Resumindo as regras da categorização: “Um sistema de categorias é válido se puder ser aplicado com precisão ao conjunto da informação e se for produtivo no plano das inferências” (BARDIN, 1977, p. 55).

Nesta pesquisa, partiu-se das categorias definidas *a priori*, a partir dos objetivos da pesquisa e apresentadas no Quadro 1. Cada categoria tem um núcleo de significado, ou tema, que se desdobra em vários significados captados dos textos investigados. Esses significados múltiplos dentro de um tema são as subcategorias emergentes, auto-organizadas a partir da própria lógica interna das falas dos sujeitos e do núcleo de significação, possibilitando o trabalho de inferência, de ligação entre a teoria e o empírico.

Com os documentos recebidos dos respondentes, iniciou-se o processo de classificação e categorização. Em um primeiro momento, foram sistematizadas as respostas fechadas, passíveis de representação gráfica. Os índices e os indicadores já estavam, de certa forma, concebidos na própria criação dos instrumentos de coleta de dados, e a análise sobre eles se pautou por realizar inferências e interpretações, explorando as condições de produção das falas, como: elementos do perfil profissional do respondente, organização e execução das atividades formativas, interações entre os sujeitos da formação que justificassem a desistência ou conclusão do Curso, qualidades positivas ou negativas atribuídas às atividades e interações de formação, entre outros.

Nas perguntas abertas, que recebiam respostas mais dissertativas, o esforço analítico foi bem maior. Os documentos foram previamente separados pelos sujeitos respondentes. Em seguida, as respostas foram agrupadas de acordo com as questões e colocadas em um quadro que relaciona as falas, um indicador e um *indicativo de texto*, um termo que sintetiza o núcleo de sentido daquela fala. O indicador é um termo que representa uma significação condensada de uma unidade de registro, contida em um trecho de texto, e que consolida a testagem de hipóteses e o percurso de inferência-interpretação. A partir desse quadro, os indicadores serão comparados, em suas similitudes e diferenças, dentro de uma determinada questão e grupo amostral, para então serem enumerados (contados) a partir de regras de ausência e presença e, com menor rigor, de frequência, consolidando o compromisso com o aspecto mais qualitativo desta pesquisa.

Esse percurso já conduz para a categorização, que nada mais é que a sistematização da ação acima na criação de grupos com núcleo semântico distinto, os temas, inter-relacionados entre si. As categorias criadas nesta pesquisa almejam a interpretação das condições que propiciaram as respostas desses sujeitos, ou seja, o que os levou a tomar distintas compreensões e posições perante o Curso de Especialização em Educação na Cultura Digital.



**RESULTADOS:
PARTE I**

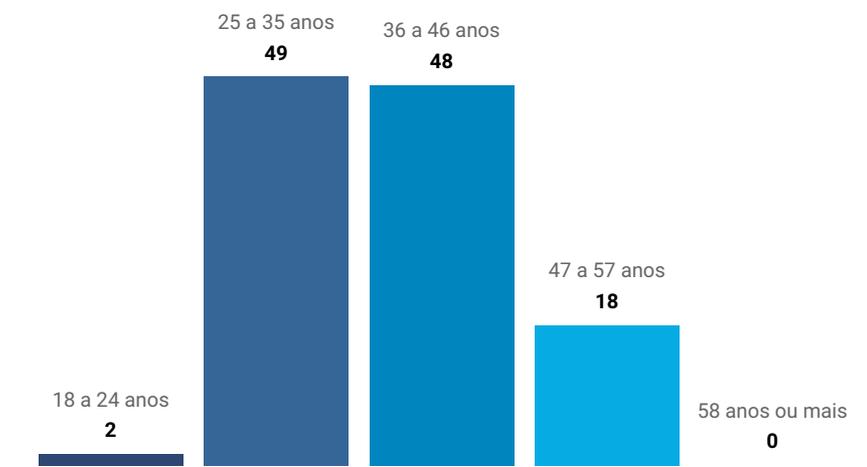
3.1 Análise da percepção dos cursistas concluintes (Egressos)

Foram convidados para participar da pesquisa 209 cursistas concluintes, dos quais 117 responderam ao questionário, o que corresponde a uma representatividade de 56% do total de cursistas concluintes do Curso. São chamados de “cursistas concluintes”, pois, no momento da aplicação do questionário, o Curso ainda estava em fase de finalização; portanto, ainda não eram egressos.

3.1.1 Perfil dos cursistas concluintes

Identificou-se que 82,9% dos respondentes são do sexo feminino; 17,1%, do sexo masculino; e que 41,9% do total de respondentes correspondem à faixa etária entre 25 e 35 anos; 41%, entre 36 e 46 anos; 15,4%, de 47 a 57 anos; e 1,7%, entre 18 e 24 anos, como pode ser observado na Figura 3:

Figura 3 - Distribuição de frequência de cursistas concluintes por idade.

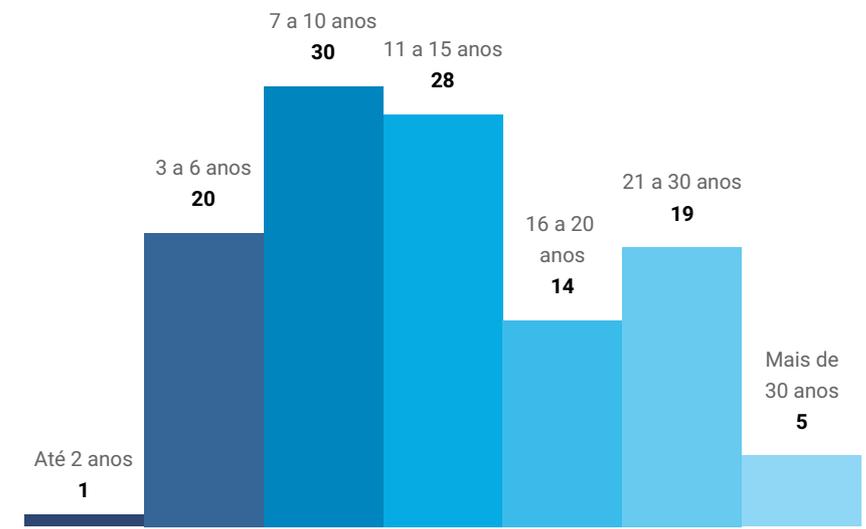


Fonte: elaborado pelos autores.

Com relação à situação funcional, 73% (85) dos cursistas concluintes respondentes são professores efetivos; 23% (27), professores Admitidos em Caráter Temporário (ACT); e 4% (cinco) atuam como ambos, efetivos e ACT. A maioria, 52% (61), atua em escolas estaduais; os demais, 44% (51), em escolas municipais ou em ambas, 4% (cinco).

Destaca-se que a maioria, 67% (79) dos cursistas, tem menos de 16 anos de atuação no magistério. Pode-se perceber que as maiores parcelas são de 25,6% dos respondentes, com tempo de atuação no magistério entre 7 e 10 anos, seguidos de 23,9%, com tempo de atuação entre 11 e 15 anos, conforme pode ser observado na Figura 4:

Figura 4 - Distribuição de frequência de cursistas concluintes por tempo de atuação no magistério.



Fonte: elaborado pelos autores.

Com relação ao nível de escolaridade, identificou-se que 67% (79) dos respondentes já possuíam um curso de Especialização; 26% (30), apenas o curso superior completo; 7% (oito), o curso de Mestrado. A área de formação dos cursistas concluintes respondentes pode ser observada na Figura 5, a seguir. A maioria, 28% (40) dos cursistas, é formada em Pedagogia, seguida da formação em Matemática, 11% (15), e Língua Portuguesa, 7% (10).

Figura 5 - Distribuição de frequência de cursistas concluintes por área de formação.



Fonte: elaborado pelos autores.

Com relação à área de atuação na escola no momento de ingresso no Curso, a maioria dos respondentes atuava como professor, 65% (75); e como gestores, 11% (13), conforme a Figura 6:

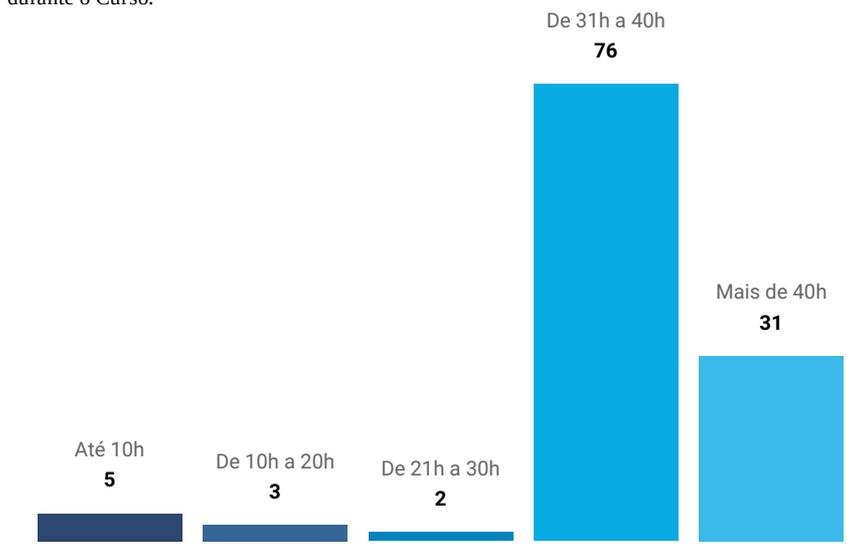
Figura 6 - Distribuição de frequência de cursistas concluintes por área de atuação no momento de ingresso no Curso.



Fonte: elaborado pelos autores.

Destaca-se que a maioria dos cursistas – 91,5% dos concluintes respondentes – possuía carga horária de trabalho semanal, durante o período de realização do Curso, superior a 31 horas, conforme a Figura 7:

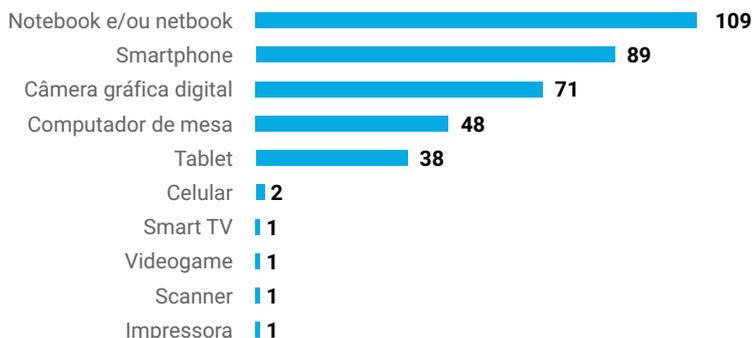
Figura 7 - Distribuição de frequência de cursistas concluintes por carga horária semanal de trabalho durante o Curso.



Fonte: elaborado pelos autores.

Como informações complementares e visando compreender a acessibilidade e possibilidades de uso e interação com as TDIC e equipamentos tecnológicos desses participantes, buscou-se conhecer, primeiramente, quais equipamentos esses cursistas possuíam e utilizavam em sua residência. Assim, pode-se observar, na Figura 8, que 93% (109) dos cursistas concluintes possuem notebook; 75% (89), smartphone; e 41% (48), computador de mesa.

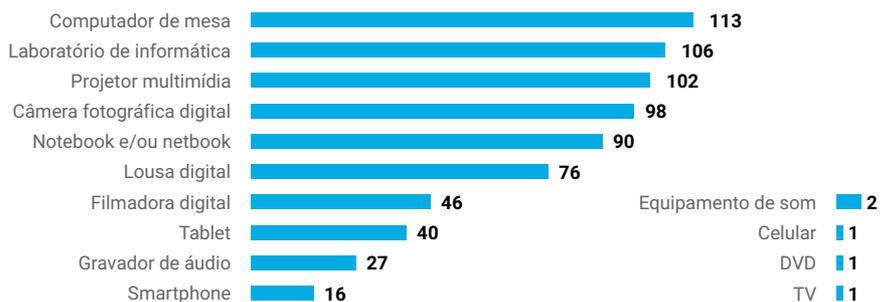
Figura 8 - Distribuição de frequência de cursistas concluintes por tipo de equipamento utilizado em casa.



Fonte: elaborado pelos autores.

Acerca dos equipamentos e ambientes que existem na escola em que o cursista concluinte atuou, destaca-se que 90,6% das escolas possuem computador de mesa; 90,6%, laboratório de informática; 87,2%, projetor multimídia; e 65%, lousa digital, como pode ser observado na Figura 9, a seguir, que demonstra os dados relacionados a outros equipamentos além desses mencionados.

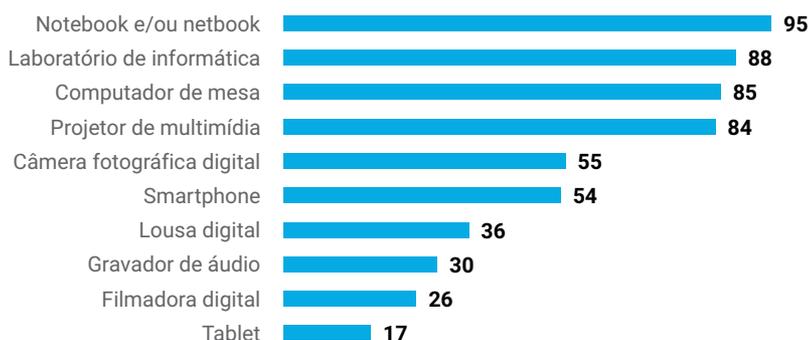
Figura 9 - Distribuição de frequência de cursistas concluintes por tipos de equipamentos e ambientes existentes na escola.



Fonte: elaborado pelos autores.

Quando questionados sobre os equipamentos e ambientes que o cursista concluinte utilizava no planejamento e execução de suas atividades profissionais relacionadas à escola, observa-se que, como pode ser visto na Figura 9, 81% (95) dos professores indicam que possuem e utilizam em casa ou na escola um notebook, 75% (88) dos cursistas concluintes usavam o laboratório de informática, 73% (85) possuem e utilizam computador de mesa, e 72% (84) faziam uso do projetor multimídia. Apenas 14% (17) possuem/utilizam tablets.

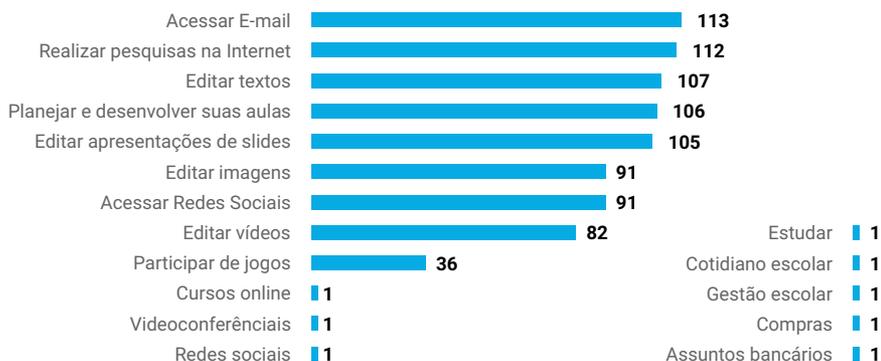
Figura 10 - Distribuição de frequência de cursistas concluintes por tipos de equipamentos e ambientes utilizados para atividades profissionais.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Com relação às principais finalidades dos cursistas ao utilizar o computador, a Figura 11, a seguir, aponta que a maioria (96%) dos respondentes o faz para acessar e-mail, realizar pesquisas na internet, editar textos e apresentar slides, bem como planejar e desenvolver suas aulas.

Figura 11 - Distribuição de frequência de cursistas concluintes por finalidade ao usar o computador.



Fonte: elaborado pelos autores.

Com relação à internet na escola, identificou-se que a maioria, 84% (98), possui acesso; 15% (18), acesso parcial; e 1% (um) não possui. Identificou-se também que 97% (114) dos cursistas concluintes têm acesso à internet em sua própria residência; e 3% (três), de forma parcial. Não houve relatos de falta de acesso.

Outro dado bastante relevante diz respeito à realização de outros cursos oferecidos pelo PROINFO, anteriormente ao início do *Curso de Especialização em Educação na Cultura Digital*. Foi identificado que 62,4% dos cursistas concluintes afirmaram não ter realizado nenhum dos cursos ofertados. Dos que cursaram, 25,6% realizaram o curso “Introdução à Educação Digital”; e 22,2%, o “Tecnologias na Educação”. A Figura 12 apresenta a informação:

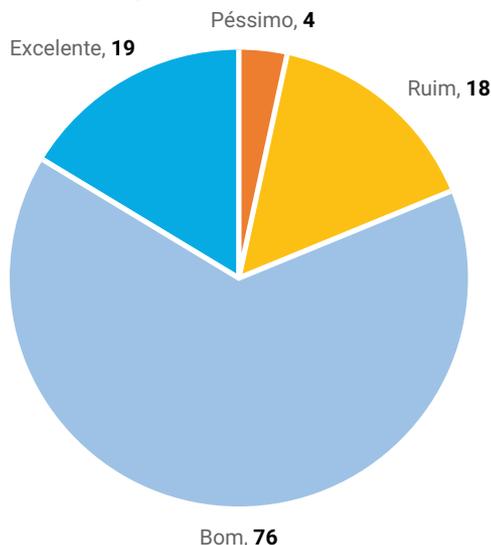
Figura 12 - Distribuição da frequência de cursistas concluintes por cursos PROINFO realizados anteriormente.



Fonte: elaborado pelos autores.

Os cursistas concluintes foram convidados a avaliar a própria qualidade de conhecimentos de informática anterior ao ingresso no Curso, para o desenvolvimento das atividades. A Figura 13, a seguir, apresenta os dados, dos quais se destaca que a maioria dos cursistas concluintes considera bom seu grau de conhecimentos de informática, e que, se somados aos cursistas que atribuem “excelente” ao seu domínio, há mais de 81% (95) dos respondentes com domínio positivo das tecnologias.

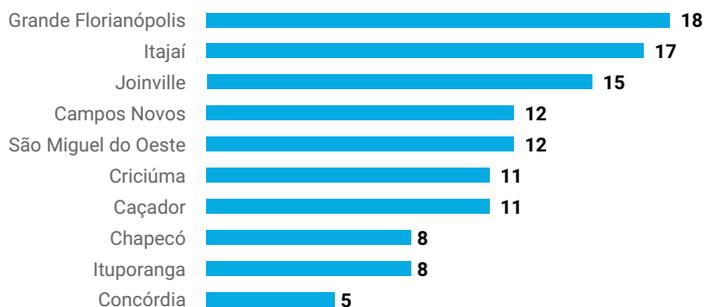
Figura 13 - Distribuição de frequência de cursistas concluintes em relação à qualidade de conhecimento em informática anterior ao ingresso no Curso.



Fonte: elaborado pelos autores.

Com relação ao Polo de Inscrição, obteve-se a representação dos 10 polos participantes, na proporção apresentada na Figura 14. Os Polos da Grande Florianópolis, Itajaí e Joinville foram os que mais participaram, com 15% (18), 14% (17) e 12% (15) das respostas, respectivamente.

Figura 14 - Distribuição de frequência de inscrição de cursistas concluintes por polo.

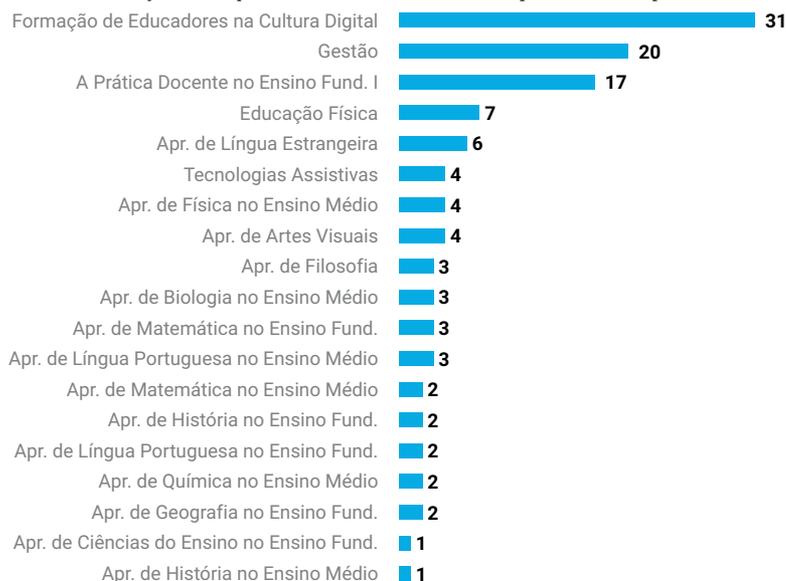


Fonte: elaborado pelos autores.

Os Núcleos Específicos frequentados pelos cursistas concluintes respondentes são apresentados na Figura 15. O curso com mais matrículas foi o de *Formação de educadores na cultura digital* (26% das respostas), seguido

do Núcleo de Gestão (17%) e o de *Prática docente no ensino fundamental I* e TDIC (14%).

Figura 15 - Distribuição de frequência de cursistas concluintes por Núcleos Específicos realizados.



Fonte: elaborado pelos autores.

Já nos Núcleos Avançados, o maior índice de realização ficou com o de *Jogos digitais e aprendizagem* (44% ou 51 respostas), seguido de *Linguagens do nosso tempo* (26% ou 30 respostas), *Ética na cultura digital* (23% ou 27) e, por fim, *Tecnologias digitais no letramento estatístico* (8% ou nove).

Com relação aos locais para estudo, os cursistas concluintes apontaram que estudavam principalmente em casa (76%) ou na escola em que trabalhavam (20,5%). Com menor frequência, figuram a biblioteca e a unidade escolar.

A maioria dos grupos gestores (89% ou 104) apoiou as iniciativas e atividades vinculadas ao Curso, conforme afirmaram os cursistas concluintes. Tal apoio ocorreu das mais diversas formas, desde liberação de horários específicos para as reuniões dos grupos, apoio à realização das atividades com as turmas da escola, até participação efetiva na discussão das propostas a serem realizadas, como pode ser observado nos excertos a seguir:

■ Nos dava apoio, incentivo e colaborava financeiramente com os projetos. (C19)

Possibilitando oportunidades de trabalhos, principalmente o apoio de alguns professores onde [sic] fazia parceria de trabalho para desenvolver atividades relacionadas ao curso. (C23)

A gestão da minha escola sempre cedeu espaço para as nossas reuniões em grupo, cedia materiais de apoio como projetor, bem como deixou que aplicássemos todas as atividades com as turmas de acordo com a metodologia que achássemos mais viável. (C35)

Apoiando com computadores e, algumas vezes, perguntando sobre o processo; e incentivando iniciativas dos professores de incorporar as tecnologias. (C61)

O grupo gestor dava abertura para o desenvolvimento das ações do grupo de formação, contribuía com sugestões, dialogava... (C110)

Por outro lado, em menor proporção, para 11,1% dos respondentes, alguns gestores não apoiaram efetivamente os cursistas no desenvolvimento do Curso EECD, inclusive, em alguns casos, gerando condições e posicionamentos contrários à realização das atividades relativas ao Curso na escola. Os excertos a seguir exemplificam os posicionamentos desfavoráveis:

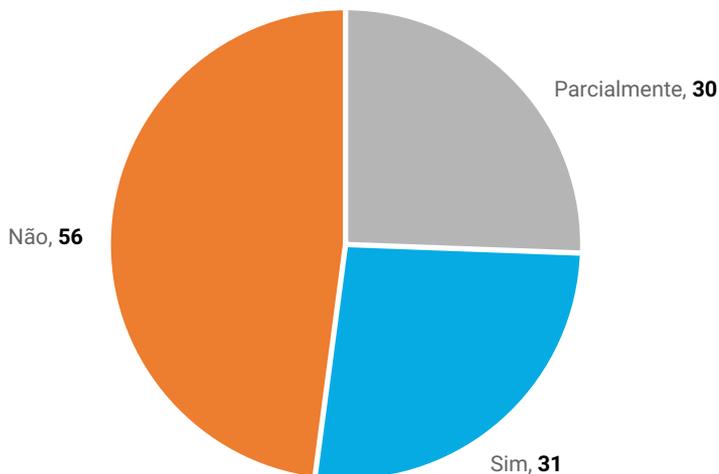
Não ofereciam nenhum tipo de facilidade para inserir na escola o que aprendia no curso. Tentavam bloquear toda forma de introdução das TDIC na escola. (C2)

Só sabiam que estava realizando uma pós-graduação, mas não tiveram nenhum envolvimento neste processo. Nem facilitaram para que os horários livres ou HA do grupo fossem os mesmos. (C9)

Na verdade, acredito que foi pouco, mas, como não havia esta possibilidade na resposta, comento aqui: acredito que a equipe gestora da escola deveria estar mais a par das possibilidades do curso e entender que é uma parceria entre a escola e as instituições que promoveram o curso. Não me deixavam realizar as atividades do curso em minhas horas-atividade. Alguns professores relutam em cooperar. (C63)

Com relação à liberação, pela escola, de carga horária de trabalho para o desenvolvimento das atividades do Curso, 48% (56) dos respondentes afirmaram que não tiveram qualquer tipo de liberação; 26% (30), liberação parcial; e 27% (31), que tiveram liberação de horas para dedicação ao Curso EECD. A Figura 16 apresenta esses dados:

Figura 16 - Distribuição de frequência de cursistas concluintes em relação à liberação de carga horária da escola para realização das atividades do Curso.



Fonte: elaborado pelos autores.

As liberações de carga horária, pela escola, para atividades do Curso EECD, foram destacadas pelos cursistas concluintes respondentes principalmente como sendo troca de horários de aulas ou substituição de professores, para que o grupo de cursistas da escola pudesse se reunir, e também nos horários de hora-atividade⁹, que eram utilizados para realização das tarefas do Curso. Outras liberações mencionadas estavam relacionadas à Aula Inaugural, realizada, presencialmente, em agosto de 2014, quando do início do Curso; bem como para as defesas de TCC, realizadas, presencialmente, em agosto de 2016.

3.1.2 Motivos para ingresso

Dentre os três principais motivos para ingresso no Curso, os cursistas concluintes apontaram: a necessidade de aperfeiçoamento ou atualização e qualificação de suas práticas docentes, 75% (88) dos respondentes; vontade de aprender mais sobre TDIC, 72% (84) dos concluintes; e obter um título de especialista, 36% (42). A identificação com a temática (35% ou 41 dos respondentes) também foi mencionada de maneira significativa, assim como colaboração com o grupo da escola (19%), o que remete ao processo coletivo de constituição das equipes nas escolas. A Figura 17 apresenta os resultados dessa questão, em que os cur-

9 Hora-atividade: na composição da jornada semanal de trabalho do professor, $\frac{1}{3}$ fica destinado para atividades que não envolvem interação direta com os educandos (sala de aula). Metade dessas horas-atividade deve ser cumprida com trabalho pedagógico na unidade escolar (planejamento, avaliações etc.), a outra metade pode ser cumprida a distância.

sistas foram convidados a selecionar três opções de motivação para ingresso no Curso EECD.

Figura 17 - Distribuição de frequência de cursistas concluintes em relação aos motivos para ingresso no Curso.



Fonte: elaborado pelos autores.

Na opção “Outros”, da Figura 17, cinco dos cursistas concluintes respondentes destacaram:

- Necessidade de um gestor para o grupo de professores poder participar do Curso, e meus dois outros colegas não queriam participar. (C20)
- Oportunidade de acordo com o local de trabalho – NTE. (C40)
- Um sonho antigo. Quando fiz minha primeira especialização, este curso era oferecido apenas na cidade de Concórdia, longe da minha cidade de origem. (C51)
- O interesse do uso da tecnologia na educação como ferramenta pedagógica, tornando as aulas mais atraentes e participativas. (C82)
- Cursar especialização na UFSC. (C102)

3.1.3 Trabalho Coletivo

Nessa categoria, buscou-se evidenciar características no que se refere à interação e articulação do coletivo da escola e também da relação com a equipe docente. Procurou-se refletir se ocorreram indicativos da formação de um coletivo da escola, conforme indicado na proposta do Curso.

a) Interação e articulação do coletivo da escola

Objetivando efetivar a perspectiva do trabalho coletivo e colaborativo na escola, formando um grupo de professores que trouxesse as discussões iniciais sobre as TDIC e a educação para a escola, o Curso propunha a inscrição de, no

mínimo, quatro professores, com mais dois membros da equipe gestora e um formador, ou seja, uma equipe inicial de sete participantes. Entretanto, percebe-se que esse número de integrantes foi variável, já que se tornou bastante dependente da própria estrutura de pessoal de cada instituição escolar. Analisando as respostas sobre a constituição da equipe, verificou-se a predominância da sua composição em número de quatro e cinco integrantes, geralmente com a presença de, no mínimo, três professores e um integrante da equipe pedagógica ou da gestão da escola.

No entanto, ocorreram mudanças na equipe de trabalho da escola com o decorrer do Curso. Apenas 18% (22) dos respondentes afirmaram que a equipe permaneceu a mesma até o fim, 13% dos concluintes mudaram de escola ou equipe, 10% disseram que seus colegas mudaram de escola ou equipe, e 49% apontaram que houve desistência do Curso em suas equipes.

Como motivos das desistências dos demais membros da equipe, 87 dos 117 concluintes respondentes registraram respostas; porém, apenas 50 delas foram possíveis de se analisar, já que explicitavam com clareza alguns motivos. Dentre as respostas analisadas, a maioria das justificativas para a desistência dos colegas esteve ligada à mudança de escola dos participantes. A justificativa da mudança de escola foi recorrente em 25 excertos de respostas, e, desses, oito explicitaram o motivo da mudança da escola como relativo ao fato de os professores cursistas serem contratados em caráter temporário (ACT), ou seja, não permanecem na mesma instituição escolar de um ano letivo para outro. Os recortes a seguir exemplificam esse grupo de respostas: “Professores eram ACT e mudaram de escola durante o Curso” (C2); “Como os professores são ACT, trabalharam em 2015, e, em 2016, em outra escola” (C93).

Outro motivo recorrente para a desistência, citado por 16 respondentes das 50 respostas analisadas, refere-se às dificuldades para acompanhar o Curso, que compreendem dificuldades em relação ao ambiente virtual ou com a habilidade em relação às próprias TDIC, excesso de trabalho para conciliar com as atividades solicitadas e falta de tempo necessário para dedicação ao Curso. Os excertos a seguir exemplificam essa motivação para desistência.

Três integrantes desistiram de concluir o curso, por considerarem estar muito atarefados. (C43)

Uma nem iniciou [o curso], e a outra, no PLAC 2, devido à falta de conhecimento das TDIC. (C46)

A professora efetiva desistiu por ter pouco tempo para realizar as atividades. (C56)

1º Dificuldades com a Plataforma E-ProInfo. 2º Muitas leituras e produções que demandam tempo, e muitos não conseguiram cumprir. (C66)

Menos frequente nas respostas, indicada como motivo propulsor de mudanças na equipe da escola, foi a desistência em virtude de problemas de ordem pessoal, razão mencionada por nove respondentes, sobre a qual não serão especificados detalhes. Outros motivos também de ordem particular em relação a mudanças de escola foram citados de maneira menos recorrente (oito respondentes): isso ocorreu, conforme os respondentes, por mudanças de gestão, aprovação em novo concurso público e convite para assumir um novo cargo. Foram citados outros motivos; entretanto, com frequência inferior a duas respostas, por isso não será aprofundada essa análise.

Quanto à participação dos integrantes da equipe no desenvolvimento das atividades coletivas propostas ao longo do Curso, cerca de 65% afirmaram que houve a participação e interação do coletivo inscrito no Curso, e 35% declararam que isso não ocorreu. Quando convidados a tecer comentários sobre a participação dos integrantes das equipes, 17,1% não responderam, 56,4% afirmaram que ocorreu o envolvimento dos integrantes das equipes no desenvolvimento das atividades, e 24,8% relataram problemas referentes à participação de todos os integrantes.

Além de comentar a efetivação da participação do grupo de trabalho da escola nas atividades, esses respondentes também indicaram as estratégias utilizadas para consolidar o grupo. Dentre as mais citadas, 15,2% dos respondentes que afirmaram a existência do trabalho coletivo com os colegas relataram que ocorriam reuniões entre os participantes, realizando-se grupos de estudos para diálogo e debate sobre as atividades. Desses, 61% explicitaram que esses encontros ocorreram na escola, enquanto 46% especificaram que eles foram realizados nos fins de semana, em casa. Outra estratégia citada para a consolidação do grupo, por dois participantes, foi o debate utilizando ferramentas de comunicação on-line, como e-mail e WhatsApp. Alguns excertos exemplificam essa análise:

Fazíamos as leituras, às vezes individualmente, e nos reuníamos para trocar as ideias e montar os trabalhos, geralmente nos domingos ou feriados, únicos dias em que conseguíamos nos reunir. (C9)

Sempre que necessitava, nos encontrávamos na escola ou na casa de um, e sempre trocávamos informações no grupo criado no WhatsApp. (C32)

Nos encontrávamos toda quinta-feira no período noturno, para realizar as atividades. (C86)

O problema mais recorrente enfrentado pelos cursistas para a participação nas atividades coletivas, citado por 69% dos concluintes respondentes, foi a falta de comprometimento de alguns integrantes da equipe em realizar as atividades, que não se responsabilizavam pela leitura dos materiais e apenas inseriam seus nomes nos trabalhos. Outro aspecto, citado por 13,8% dos cursistas que relata-

ram esses problemas, se refere à desistência de alguns integrantes, o que também prejudicou o trabalho coletivo. Outros aspectos também foram mencionados como indicativos da dificuldade de realização das tarefas coletivas, porém menos recorrentes nas respostas, como: dificuldades, por parte de alguns integrantes, de trabalhar coletivamente; problemas de relacionamento entre os membros e dificuldade de achar tempo para se encontrar com o grupo. Os extratos a seguir exemplificam os problemas mais recorrentes discutidos neste parágrafo.

No início, o grupo era difícil, poucos trabalhavam, mas as notas eram para o grupo, muitos dos integrantes que não realizavam os trabalhos tinham notas melhores do que quem havia feito os trabalhos [...] (C11)

Um professor não se comprometeu com os trabalhos como deveria, vindo a desistir do curso após alguns meses do seu início. (C17)

Dedicavam-se pouco e, por isso, quase não participavam. (C69)

Falta de interesse e disponibilidade. (C95)

[...] No decorrer do curso, com as desistências, até participavam, mas sem se envolverem muito no desenvolvimento. (C39)

Ainda tratando do desenvolvimento das atividades pelo coletivo da equipe de trabalho da escola, um dos pilares do Curso, 44% (54) dos cursistas respondentes afirmaram que essas atividades foram realizadas principalmente por meio de debates presenciais entre os participantes; e 38% (46), que elas foram feitas individualmente e, após, agrupadas pelo coletivo. Debates on-line corresponderam a 8% (10); e pesquisa apenas individual, a 4% (cinco). Na categoria “Outros”, entram comentários dos cursistas, que reafirmam as opções já descritas, principalmente a de trabalhos individuais seguidos de atividades coletivas.

Especificamente com relação às dificuldades encontradas para realização das atividades com o grupo da escola, 18% (21 respondentes) afirmaram que não encontraram nenhuma; entretanto, como se pode concluir, cerca de 82% narraram dificuldades encontradas, entre elas, as mais recorrentes são a falta de tempo comum entre os participantes para reuniões entre o grupo (39 incidências de respostas) e a falta de tempo para estudos individuais (17 incidências de respostas). Evidentemente que esses fatores estão intimamente ligados, pois o cursista que encontra dificuldades para realizar seus estudos individuais certamente não terá disponibilidade para se reunir com seu grupo de estudos da escola. Os recortes de algumas respostas a seguir exemplificam esses aspectos emergentes.

Horário de estudo e indisponibilidade de tempo pelos colegas. (C3)

A falta de tempo em conciliar os horários disponíveis para os encontros. (C32)

Dificuldade no tempo que cada um tinha disponível. (C87)

A falta de interesse e comprometimento com o Curso e as atividades por parte de alguns integrantes da equipe também foi fator recorrente, citado por 16 cursistas, como uma das características que interferiram na realização das atividades coletivas, conforme excertos a seguir: “[...] A outra foi a falta de interesse de um membro do grupo que não fazia absolutamente nada.” (C2); “Comprometimento de todos. Não houve.” (C66); “A falta de compromisso de alguns participantes.” (C69)

Outro fator limitante para o desenvolvimento das atividades coletivas, citado por 12 cursistas, se refere à mudança dos professores (cursistas) de escola, o que prejudica o grupo de trabalho, pois impõe ainda o afastamento físico entre os integrantes de uma mesma equipe. Os recortes a seguir exemplificam essa situação problemática:

Não conseguimos nos reunir e realizar a atividade proposta, pois cada um estava em escolas diferentes. (C23)

Distância, uma vez que nem todos da equipe trabalhavam na mesma escola [...] (C54)

Dificuldades foi [sic] porque sou professora ACT e então mudei de escola, mas foi difícil, mas não impossível. (C60)

Convém ressaltar que, como critério de inscrição, os cursistas deveriam integrar a mesma escola. Entretanto, com a passagem de ano, os professores contratados tiveram remanejamento, o que desconfigurou os grupos formados na inscrição.

A grande carga horária de trabalho por parte dos cursistas, o número de atividades a serem realizadas e os prazos curtos para a entrega, bem como as dificuldades em relação ao ambiente virtual, as ferramentas de comunicação on-line e o próprio acesso à internet também foram citados consideravelmente como propulsores de dificuldades para o encaminhamento das atividades coletivas, sendo cada um dos itens mencionado por sete cursistas concluintes. Com menor recorrência nas respostas, ainda há, em ordem decrescente de ocorrências: problemas de relacionamento entre membros da equipe (cinco citações), e desistência de integrantes do grupo da escola (quatro citações), a falta de apoio da gestão da escola (três citações) e a falta de compreensão do conteúdo do Curso (uma citação).

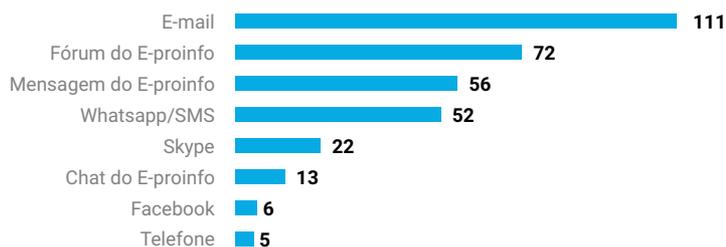
b) Acompanhamento pedagógico e interação com a equipe docente

Nessa temática, busca-se trazer indicativos de como ocorreu o acompanhamento pedagógico na compreensão dos cursistas, o que também possui uma perspectiva coletiva segundo a diretriz do Curso. Para isso, analisaram-se

as ferramentas utilizadas para a comunicação entre cursistas, professores e tutores, bem como os principais motivos para a interação entre os cursistas concluintes e a equipe docente.

Dentre os três principais canais de comunicação utilizados pelos cursistas para a interação com professores e tutores há o e-mail, com 93% (111) dos respondentes confirmando o uso; seguido do fórum do E-ProInfo, com 61% (72); da mensagem individual de texto do E-ProInfo, com 48% (56); e do WhatsApp/SMS, com 44% (52). A Figura 18 apresenta a frequência de utilização das ferramentas.

Figura 18 - Distribuição de frequência de cursistas concluintes em relação aos canais utilizados

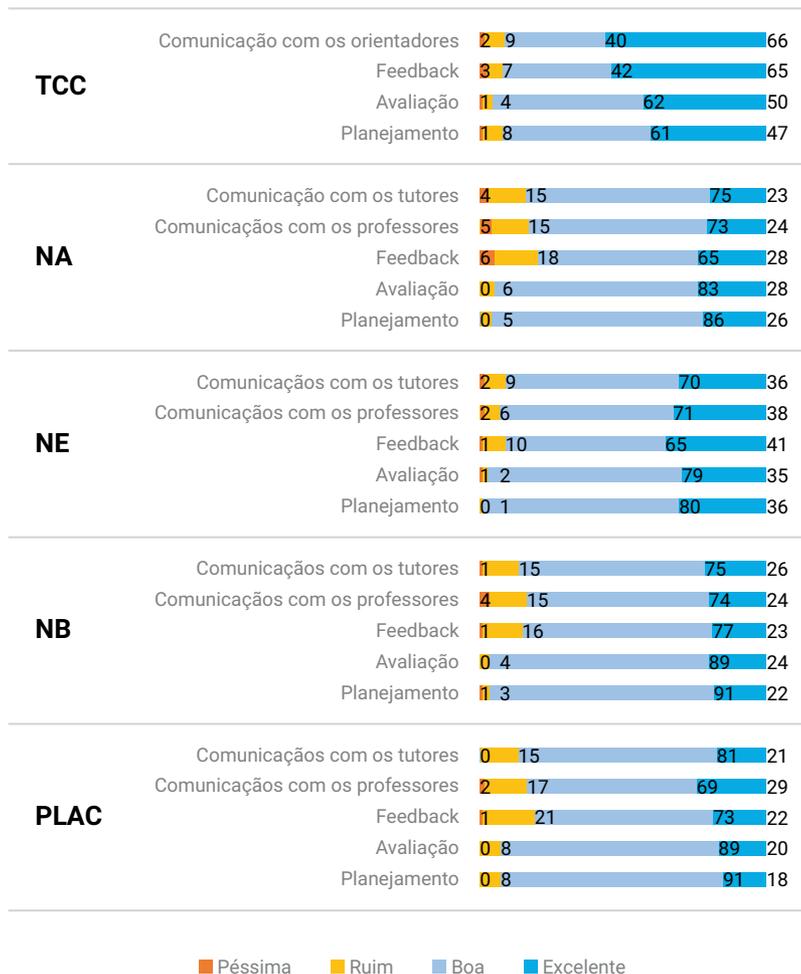


para comunicação com a equipe docente.

Fonte: elaborado pelos autores.

Em relação ao desenvolvimento do Plano de Ação Coletivo (PLAC), do Núcleo de Base (NB), do Núcleo Específico (NE), do Núcleo Avançado (NA) e do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), os cursistas concluintes avaliaram a qualidade do: planejamento, avaliação, *feedback*, comunicação com tutores e comunicação com professores, conforme pode ser observado no Figura 19:

Figura 19 - Distribuição de frequência de cursistas concluintes em relação à qualidade dos Núcleos de Estudo, PLAC e TCC do Curso EECd.



Fonte: elaborado pelos autores.

Observando a Figura 19, as barras em azul mostram que os núcleos foram considerados prioritariamente bons pelos cursistas concluintes, com o mínimo de 80% (93) de avaliações positivas em cada um dos núcleos analisados, o que se interpreta como uma avaliação positiva dos aspectos destacados em cada módulo cursado: Comunicação, *Feedback*, Avaliação e Planejamento. De forma não majoritária, mas que vale a pena ser citada, percebe-se que houve certa avaliação negativa das comunicações entre cursistas, professores e

tutores, tanto no PLAC, NB e NA. A exceção parece ser os NE, que tiveram avaliação negativa inferior à dos demais.

Em relação ao desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), os cursistas concluintes respondentes avaliaram a qualidade do: planejamento, avaliação, *feedback* e comunicação com os orientadores. No TCC, as interações já foram consideravelmente mais positivas, conforme avaliação dos cursistas respondentes, e as avaliações negativas ficaram bem inferiores.

Já com relação a comentários e sugestões sobre a equipe docente e/ou módulos cursados, obtiveram-se respostas diversificadas, destacando tanto pontos positivos quanto negativos, além de algumas sugestões para melhorias no Curso. Ademais, 27% (32) dos cursistas concluintes não responderam a essa questão.

Destacam-se alguns exemplos nos excertos a seguir, abordando os aspectos positivos que foram mencionados por 33% (32) dos respondentes, relacionados tanto à equipe docente quanto aos materiais e atividades dos módulos cursados, destacando-se o comprometimento e a qualificação do corpo docente:

- Profissionais comprometidos com excelente material de pesquisa e estudo. (C3)

Percebeu-se a qualificação dos docentes, bem como a dedicação em auxiliar na construção dos conceitos elaborados durante o Curso. A gratidão é grande em participar de uma formação com temática atual, que trouxe reflexões positivas às práticas desenvolvidas na escola. (C31)

A equipe docente foi excelente; demonstrou em todos os momentos muita dedicação e interesse; se fizeram sempre muito presentes. (C26)

Foi um ótimo curso. Pena que acabou, vai deixar saudade, principalmente dos professores que nos orientaram. (C82)

Além desses, 9% (11) dos respondentes fizeram comentários prioritariamente positivos, porém apresentando algumas ressalvas, principalmente com relação aos *feedbacks* (ou à sua ausência) por parte da equipe docente e também à estrutura sequencial dos módulos ou atividades repetidas, dentre outros, como pode ser observado nos exemplos a seguir:

Tudo muito bom. Aliás, tudo ótimo. Um curso que me ajudou a transformar minha prática pedagógica. A única ressalva ficou no quesito avaliação por parte dos tutores no PLAC 3. (C2)

Tudo ótimo, achei que somente deixou a desejar nos jogos digitais, porque não recebi nenhuma avaliação ou *feedback* após cumprir a atividade. (C14)

Os módulos cursados foram bem-planejados e conduzidos, mas algumas atividades

não ficavam claras quanto a como realizá-las. Também no início do curso, os tutores de PLAC ficaram de visitar as escolas e isso não aconteceu, faltou esse apoio. (C43)

Claro que os conteúdos iniciais foram justamente para dar base aos outros; porém, o menos produtivo foi o PLAC. Todos os outros certamente contribuíram para minha formação. Acredito que, por ser o primeiro ano desta pós-graduação na UFSC, a equipe docente também estava aprendendo com os cursistas. Muitas vezes fazíamos perguntas e eles nos pediam um tempo para responder, quando respostas retornavam. (C52, grifo nosso)

Foram mencionados por 22% (26) dos respondentes comentários apresentando críticas relacionadas à equipe docente e/ou módulos cursados, no que se refere, principalmente, a dificuldades de comunicação, excesso de atividades e falta de tempo para realizá-las, como pode ser observado nos excertos a seguir.

A comunicação, mesmo que a distância, é de suma importância; e houve falhas de comunicação e rispidez de alguns orientadores. (C8)

Muitos trabalhos e pouco tempo para a sua realização. (C11)

Achei que o Núcleo Avançado deixou a desejar... Até hoje o professor não retornou os *feedbacks* das atividades. (C19)

Um curso digital precisa falar a linguagem atual; usar aplicativos de conversa é fundamental, pois é a maneira mais fácil de nos comunicarmos. Se falamos em nativos digitais e imigrantes, precisamos fazer essa migração de forma natural e eficiente. (C58)

Acredito na importância de realizar a devolutiva das atividades (ou *feedback*) de forma clara e objetiva. No meu caso, recebi *feedback* das atividades realizadas apenas no TCC. (C90)

Além desses, foram destacadas, em 7,7% das respostas, sugestões relacionadas às possibilidades de melhoria do Curso, tais como: facilitar a comunicação utilizando aplicativos de mensagens (para smartphones), destinar maior prazo para realização das atividades, selecionar atividades sugeridas nos módulos, propiciar avaliações qualitativas em todas as atividades, entre outras. Os excertos a seguir exemplificam as sugestões feitas pelos cursistas concluintes, visando superar algumas dificuldades encontradas nessa primeira edição do Curso EECD.

Reservar maior tempo às atividades; desenvolver o TCC por duplas ou grupo de trabalho criado durante o curso; disponibilizar os *e-books* para os cursistas ao final do curso como material de estudo e pesquisa futuramente. (C17)

Volto a repetir sobre o aporte teórico e a formação de grupos no WhatsApp, o que nos aproximaria mais... (C56)

[...] Sugestão: propiciar avaliação qualitativa/*feedback* qualitativo em todas as atividades e disciplinas/módulos, inclusive no Núcleo Avançado. (C110)

Em relação à temática de acompanhamento pedagógico e interação com a equipe docente, pode-se concluir que os três principais canais de comunicação utilizados foram o e-mail, o fórum e a mensagem individual de texto – essas duas últimas, ferramentas do E-ProInfo. Destaca-se também que mais de 80% dos respondentes avaliaram como bom ou excelente o desenvolvimento dos módulos cursados em relação à avaliação, forma de devolutiva das atividades e comunicação e interação com a equipe docente (tutores e professores). Essa mesma avaliação positiva (boa ou excelente em relação a cada aspecto) ocorreu na avaliação dos cursistas sobre o Trabalho de Conclusão de Curso.

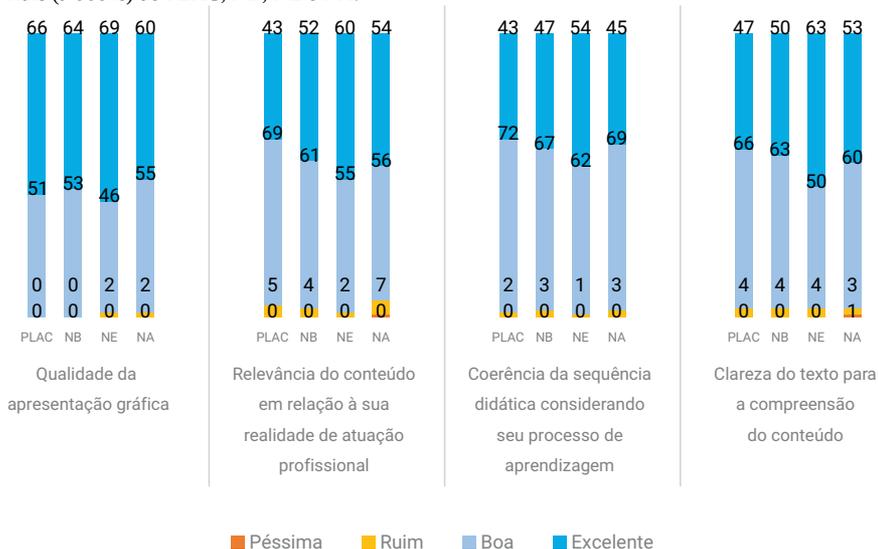
Os aspectos positivos do Curso sobressaíram aos negativos, na avaliação dos respondentes. As características gerais mais citadas como positivas referem-se à equipe docente e às atividades, embora tenham sido feitas ressalvas, pois encontram-se elogios à equipe, mas, ao mesmo tempo, críticas em relação à falta de clareza e de retorno na avaliação das atividades. Como aspectos negativos destacam-se a dificuldade de comunicação com a equipe docente, o excesso de atividades e a falta de tempo para realizá-las. As sugestões para uma possível reoferta do Curso estão vinculadas à utilização de aplicativos que facilitem a comunicação, maior prazo para realização das atividades, bem como a seleção de práticas sugeridas nos módulos, além da realização de avaliações qualitativas.

3.1.4 Recursos Didáticos e Atividades

Nesta temática, os cursistas concluintes analisaram os recursos didáticos, material de base (*e-book*) e ambiente virtual, além das atividades desenvolvidas ao longo do Curso.

Com relação ao material (*e-book*) do Plano de Ação Coletivo (PLAC), do Núcleo de Base (NB), do Núcleo Específico (NE) e do Núcleo Avançado (NA), os cursistas concluintes o avaliaram predominantemente como bom e excelente quanto à: qualidade da apresentação gráfica, coerência da sequência didática, relevância do conteúdo e clareza do texto, conforme pode ser observado na Figura 20:

Figura 20 - Distribuição de frequência de cursistas concluintes em relação à qualidade dos materiais (*e-books*) do PLAC, NB, NE e NA.



Fonte: elaborado pelos autores.

Com relação à articulação dos conteúdos e/ou atividades entre os módulos cursados – PLAC, NB, NE e NA –, 68% (80) dos cursistas concluintes afirmaram que perceberam tal articulação. Desses, 38% (31) escreveram comentários, como pode ser observado nos excertos a seguir, que exemplificam essa situação.

- De certa forma, houve articulação entre todos os módulos. (C1)
- Sim. Ficou clara a conexão entre os conteúdos propostos, contribuindo, de forma relevante na etapa final, a elaboração do TCC. (C31)
- Penso que sim. Como uma coluna vertebral, o PLAC deu sustentação para os demais Núcleos. (C55)
- Na minha compreensão, todos os módulos têm uma relação; porém, o PLAC foi o que ficou mais solto, muitas atividades ficaram apenas no planejamento, sem conclusão. Deveria ser mais bem orientado, com atividades que contemplassem todo o processo de execução, para uma melhor avaliação. (C93)
- Ocorreu articulação entre todos os módulos, ou seja, do PLAC ao TCC. (C114)

A afirmação de que a articulação ocorreu em partes apareceu em 6,8% (oito) dos comentários, sem menções às partes que articularam ou não, como pode ser visto nos exemplos de excertos a seguir.

No início do curso, essa articulação não ficou clara e prejudicou muito o entendimento das atividades, causando uma grande confusão, devido ao número excessivo de atividades e à pouca ambientação ao espaço virtual de aprendizagem. **No entanto, ao fazer a última atividade do PLAC3, em que foi necessário retomar toda a trajetória do curso, é que foi possível visualizar melhor essa articulação**, o que facilitou a busca de informações e atividades desenvolvidas durante o curso para a construção do TCC. (C7, grifo nosso)

Em partes; nem tudo o que foi trabalhado tinha ligação. (C30)

Parcialmente. (C64)

Outros 19% (23) afirmaram que a articulação aconteceu entre alguns módulos, mencionando nos comentários entre quais módulos perceberam essa articulação, como pode ser observado nos excertos a seguir.

Com o PLAC houve muita articulação com os conteúdos. O NE e NA também. (C2)

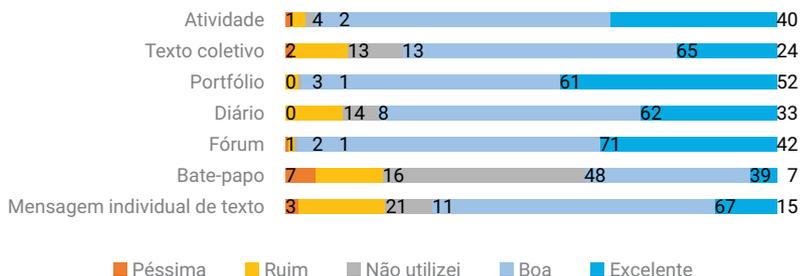
Acredito que ocorreu entre o PLAC e NB e entre NE e NA. Claro que os conteúdos iniciais foram justamente para dar base aos outros; porém, o menos produtivo foi o PLAC. Todos os outros certamente contribuíram. (C52)

Sim, a articulação dos conteúdos e/ou atividades entre o PLAC, NB e NE ocorreu de modo produtivo e efetivo, inclusive no momento da avaliação das atividades. (C110)

Apenas um cursista concluinte afirmou que não houve articulação entre os módulos e/ou atividades realizados no Curso EECD, e cinco não responderam a essa questão.

Os concluintes também foram convidados a avaliar a qualidade das ferramentas do E-ProInfo, conforme a Figura 21. Vê-se que todas as ferramentas tiveram majoritariamente avaliações positivas, entre “boa” e “excelente”. Convém destacar a ferramenta de bate-papo, que não foi utilizada por quase um terço dos cursistas (48), e as avaliações negativas maiores atribuídas ao Texto Coletivo, ao Diário, ao Bate-Papo e às Mensagens Individuais.

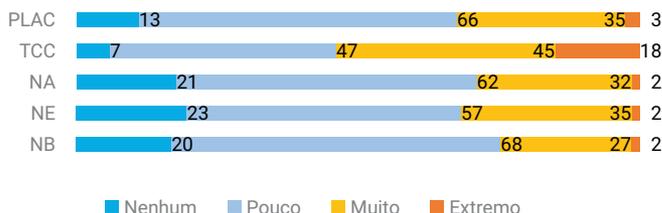
Figura 21 - Distribuição de frequência de cursistas concluintes em relação à qualidade das ferramentas do E-ProInfo.



Fonte: elaborado pelos autores.

Como pode ser observado na Figura 22, a seguir, os cursistas concluintes afirmam ter encontrado, em sua maioria, pouca dificuldade para realizar as atividades propostas pelo Curso em cada Núcleo: 67% (69), no mínimo, indicaram pouca ou nenhuma dificuldade. A partir dos Núcleos Específicos, as atividades parecem ter se tornado mais complexas, sendo o TCC o momento em que eles perceberam um maior nível de exigência, já que 53% (63) indicaram que ele foi muito ou extremamente difícil.

Figura 22 - Distribuição de frequência de cursistas concluintes em relação à avaliação do grau de dificuldade em cada Núcleo do Curso.



Fonte: elaborado pelos autores.

A Figura 23, a seguir, apresenta algumas das dificuldades encontradas pelos cursistas concluintes para a realização das atividades propostas. Sobressaem as críticas referentes ao número de atividades, item indicado por 51% dos respondentes, e ao tempo de execução destinado às tarefas, citado por 57% (67) dos concluintes. “Ferramentas do E-ProInfo” foi indicado por 25% (31) dos concluintes e dificuldades relacionadas ao conteúdo e linguagem não alcançaram 20% cada.

Figura 23 - Distribuição de frequência de cursistas concluintes em relação às dificuldades encontradas na realização das atividades.



Fonte: elaborado pelos autores.

No item “Outros”, há, como características mais recorrentes, citadas por seis cursistas, a falta de tempo para realização dos estudos e atividades, bem como a dificuldade de conciliar o trabalho com o Curso; também foram mencionadas, quatro vezes, as dificuldades relativas aos módulos e suas atividades, como: falta de aporte teórico, falta de clareza no plano de trabalho da disciplina, semelhança entre os módulos cursados e, conseqüentemente, atividades repetitivas. Dificuldades na utilização do ambiente virtual e problemas no acompanhamento docente (falta de comunicação com os professores e tutores e falta de *feedback*) também foram apontados por três cursistas concluintes. Dificuldades pessoais e de compreender como estudar a distância foram aspectos citados uma única vez cada um.

Como possibilidade de expressão dos demais pontos que não foram contemplados nesse grupo de questões referente aos recursos didáticos (*e-books* e E-ProInfo) e atividades utilizadas no Curso EECD, foi apresentada uma pergunta aberta para que os cursistas tecessem comentários e/ou sugestões sobre esse tema. Cerca de 23% não responderam a essa questão, e a maioria (34%) apontou alguns aspectos críticos do Curso, ganhando destaque os problemas enfrentados com o ambiente virtual E-ProInfo, sua plataforma oficial, seguidos de aspectos negativos relativos às atividades, linguagem, comunicação com a equipe docente, material do Curso e seu calendário de atividades. Os recortes a seguir exemplificam as principais incidências desses aspectos críticos:

Apenas alguns textos eram difíceis de compreender, o que dificultava a realização das atividades. (C1)

Poderiam manter uma agenda de atividades como tinha [sic] na primeira etapa do curso, agenda na primeira página para facilitar a visualização das próximas etapas e tarefas a cumprir. (C9)

Uma apostila impressa facilitaria a leitura em outros ambientes. (C11)

- | Às vezes não dava para acessar ou postar as atividades no fórum ou portfólio. (C25)
- | A linguagem das atividades teria que ser mais coloquial, de fácil entendimento. (C42)
- | Deixo registrada a dificuldade de acesso em determinados momentos. (C44)
- | [...] atividades eram em grande escala e dois núcleos aconteciam ao mesmo tempo. (C45)
- | As ferramentas eram muitas, e isso fez com que fôssemos perdidos no início. (C65)
- | Na Plataforma, ao serem postados textos, no espaço “Atividades” ou em “Fórum”, a mensagem se desconfigurava. (C96)
- | Melhorar a comunicação entre tutores e cursandos [...] (C104)

Aspectos positivos foram destacados por 23,9% dos cursistas; alguns des- ses indicaram quais características sobressaíram, ganhando destaque, com elogios, o material (*e-book*) quanto à sua forma e conteúdo; com menor incidência, as atividades, ferramentas do E-ProInfo, a linguagem do material e os recursos utilizados. Os excertos a seguir exemplificam essas afirmações.

- | Ótimo material. Muito bem-elaborado, rico em conteúdo e muito fácil de manusear. (C2)
- | Um material de excelente qualidade. (C29)
- | O *e-book* tem uma linguagem boa e clara [...] (C71)
- | [...] foram bons os recursos didáticos e as atividades propostas. (C79)

É válido destacar que, além dos 23,9% que citaram apenas características positivas do Curso, outros 11,1% também mencionaram elogios; porém, na mesma resposta, fizeram ressalvas, indicando algum ponto crítico já citado no início da análise dessa questão.

Cerca de 6,8% realizaram algumas sugestões para futuras ofertas do Curso. Como se destacaram como ponto crítico aspectos relativos ao E-ProInfo, também foi referente ao E-ProInfo a maior concentração de sugestões. Em seguida, apresentam-se algumas sugestões relativas à disponibilização dos materiais, sejam impressos ou disponíveis para utilização off-line (download). Com menor incidência ainda nas respostas, há sugestões relativas à utilização da agenda de atividades e a inclusão de algumas atividades que pudessem ser trabalhadas diretamente com os estudantes das escolas. Os fragmentos das respostas abaixo exemplificam as sugestões mais recorrentes.

Poderiam manter uma agenda de atividades, como tinha [sic] na primeira etapa do curso [...] (C9)

Queria ter mais acesso a links com atividades voltadas aos alunos e aplicação em aula. (C21)

Melhor acesso à plataforma E-ProInfo. (C24)

[...] com poucas ferramentas no E-ProInfo, teria entendido melhor e não passaria tais dificuldades. (C28)

Deveria estar disponível para downloads. (C59)

[...] disponibilizar os conteúdos também na extensão .pdf. (C110)

Por fim, pode-se destacar, na temática “Recursos didáticos e atividades”, que mais de 90% dos cursistas avaliaram o *e-book* como um material com boa ou excelente qualidade. Para 68,3% dos respondentes, ocorreu certa articulação entre os módulos cursados, cujo nível de dificuldade, para a maioria, foi nenhum ou pouco, chegando a 60% para o PLAC, NB, NE e NA, e 46,2% para o TCC. As principais dificuldades encontradas no desenvolvimento das atividades foram atribuídas principalmente ao pouco tempo para sua execução (57,3%) e ao seu grande número (50,4%). Como aspecto crítico, destacou-se o E-ProInfo, ambiente virtual do Curso, e, como aspecto positivo, o material do Curso, tanto na sua forma quanto no seu conteúdo.

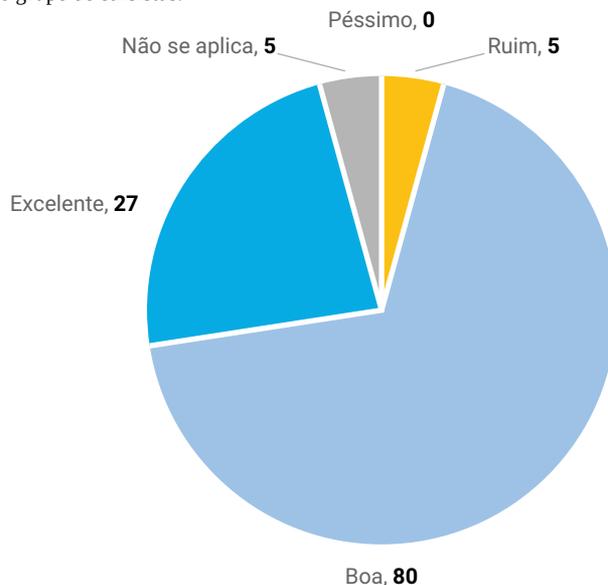
3.1.5 Repercussões do Curso

Neste tópico, foram tratadas as questões referentes à análise que os cursistas realizaram no que concerne aos resultados obtidos em sua prática pedagógica e as reflexões propiciadas em seus estudos acerca de currículo, cultura digital e articulação de TDIC nas atividades da escola, considerando-se o antes e o depois da realização do Curso EECD.

Assim, 74% dos cursistas concluintes respondentes afirmaram que as atividades do Curso suscitaram debates entre o grupo de cursistas; 23%, que elas promoveram parcialmente tais debates; e apenas 3%, que as atividades não promoveram debates entre o grupo de cursistas na escola.

Com relação à qualidade desses debates, os cursistas concluintes os avaliaram, em sua maioria, como bons e excelentes (82% ou 97 respostas), como pode ser visto na Figura 24:

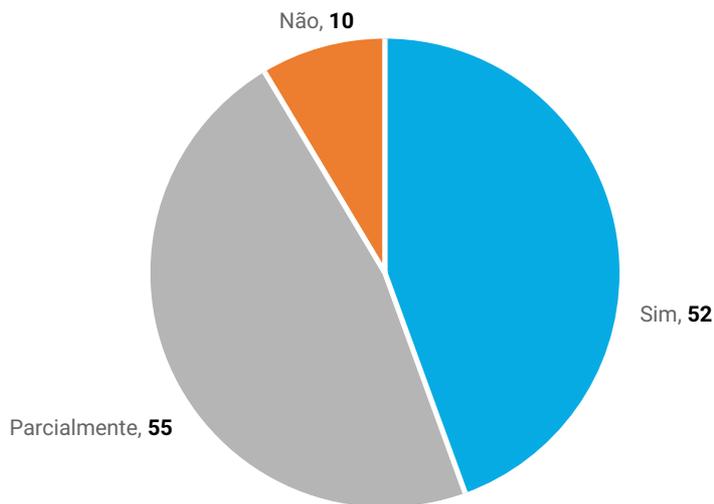
Figura 24 - Distribuição de frequência de cursistas concluintes em relação à qualidade dos debates entre o grupo de cursistas.



Fonte: elaborado pelos autores.

Destaca-se também que a maioria dos cursistas concluintes respondentes (91% ou 107 respostas) apontou que os debates acerca das temáticas do Curso extrapolaram o grupo de cursistas e se estenderam aos demais docentes da escola. Apenas 9% (10) dos respondentes afirmaram que não houve debates entre o grupo de cursistas e os demais docentes da escola, incentivados pelas atividades e estudos desenvolvidos no Curso EECD. Tal situação pode ser observada na Figura 25:

Figura 25 - Distribuição de frequência de cursistas concluintes em relação à realização de debates com docentes da escola não cursistas.



Fonte: elaborado pelos autores.

Alguns exemplos da utilização, mencionados pelos cursistas concluintes respondentes, podem ser observados nos excertos a seguir:

Utilizo muito a criação de vídeos com as atividades dos alunos (em que eles são os atores/diretores do vídeo); uso mais atividades com a participação de aplicativos, pesquisa, softwares educativos etc. (C2)

Jogos digitais, trabalhos interdisciplinares, narrativas digitais, registros fotográficos etc. (C23)

Já utilizava o computador e a internet, mas passei a utilizá-los com outros olhos, não somente para pesquisas, mas sim como forma de contribuir diretamente para a aprendizagem dos alunos. Também passei a utilizar mais os celulares, câmeras fotográficas. (C45)

Realização de pesquisas, trabalho em grupo, produções de áudio, vídeo, textos e narrações digitais. (C76)

A utilização passou a ser frequente e com o olhar focado nas contribuições ao processo de ensino-aprendizagem, buscando não só complementar as aulas, mas também aprofundar e usar [os recursos] como atividades de reforço na atuação dos alunos para desenvolvimento e ampliação da aprendizagem. (C103)

Já utilizava as TDIC na atuação profissional, mas a realização do Curso propiciou um olhar mais direcionado para a construção, produção e compartilhamento de materiais, conhecimentos e informações com o uso das TDIC. A realização do Curso propiciou, ainda, explorar e desenvolver ações com o uso do celular na prática pedagógica. (C110, grifo nosso)

Destaca-se que, com relação à utilização das TDIC na atuação profissional após a realização do Curso, os cursistas concluintes respondentes apontaram a contribuição para o processo de ensino-aprendizagem; a mudança no olhar referente à construção, produção e compartilhamento de materiais e conhecimentos; além de mencionar algumas ferramentas utilizadas nas práticas docentes que modificaram a metodologia de trabalho do professor, tais como: pesquisas interdisciplinares, jogos digitais, celulares, câmeras fotográficas, aplicativos diversos, interação social-virtual, softwares educativos, narrativas digitais, entre outras.

3.1.6 Comentários gerais sobre o curso na voz dos cursistas concluintes

Ao final do questionário, foi solicitado que os respondentes escrevessem comentários gerais sobre o Curso que ainda não haviam sido contemplados com as questões anteriores. Dos 117 respondentes, 57 teceram considerações (49%) e, desses, cinco disseram “sem comentários” ou “nada a declarar”. Pode-se considerar, então, 52 respostas válidas, ou seja, 44,4% dos respondentes escreveram comentários gerais sobre o Curso, apontando aspectos positivos, fragilidades e sugestões.

Com relação aos aspectos positivos destacados pelos respondentes, eles correspondem a 62% do total de respostas, e versam sobre agradecimentos, elogios, e descrição de atividades e materiais considerados importantes e avaliados como bons ou excelentes pelos respondentes. Nos excertos a seguir, podem-se observar alguns exemplos de aspectos positivos destacados pelos respondentes:

Agradeço muito a toda a equipe e principalmente aos professores e tutores. Foi um curso muito bom! Parabéns a todos! (C2)

Acredito que **o curso abriu os meus olhos** para algo que vem acontecendo na sociedade – e escolas por consequência – que a grande maioria dos professores prefere não perceber, e, desta forma, **contribui para a evolução do meu fazer pedagógico. Tenho muito a agradecer pela oportunidade e sempre vou indicar o curso para os colegas, todo o aprendizado foi de grande valia.** [...] sou muito grata pela oportunidade, e sei que **melhorei profissionalmente** com a realização do curso, isso é visível em todas as minhas aulas. (C27, grifo nosso)

Positivos: conhecimento, trabalhos em grupos; a união do grupo da minha escola fez com que ninguém desistisse do curso. [...] (C47)

Potencialidades: criação de grupos de formação (um dos motivos que contribuíram para a inscrição no curso) por Unidade Escolar; **participação** de um componente da **equipe gestora** no curso; **participação de componentes dos Núcleos de Tecnologias** no curso; **planejamento e desenvolvimento de atividades na Unidade Escolar, contexto de atuação; mídia social do curso; organização das defesas do TCC; informações e orientações da Coordenação** do Curso; **iniciativa de avaliar o curso**. [...] (C110, grifo nosso)

Algumas fragilidades foram mencionadas por 31% dos cursistas concluintes respondentes, destacando aspectos de falta de contato ou apoio presencial com o tutor, dificuldades pessoais de estudo, período de paralisação das atividades, excesso de atividades e prazos curtos, falta de apoio da gestão escolar, dentre outros. Alguns exemplos podem ser observados nos excertos a seguir:

[...] Negativos: falta de mais contato com o tutor de cada disciplina, dificuldade de estudar on-line. (C47)

O material do curso é excelente. As **atividades**, muitas vezes, eram **em número excessivo**. **Quase não tivemos feedback das atividades** – o que foi péssimo, porque limita o diálogo. **Há um hiato entre o que os módulos indicam como possibilidades e as reais condições para que os professores saibam realmente fazer o que é proposto** – ou seja, muitas vezes, **a formação não "forma"** para aquele letramento que se pretendia ensinar. Precisaríamos de **mais diálogos presenciais com professores e tutores** da Especialização, **encontros de trocas de experiências**, e, quem sabe, a **elaboração de documentos que pudessem pressionar e nortear as políticas públicas em tecnologias educacionais em nosso estado e municípios**. (C53, grifo nosso)

Não sei se convém falar, mas **foi bastante difícil – por ser a distância, não ter o professor auxiliando por perto**, ou não ter sala de aula para tirarmos as dúvidas, como fazemos constantemente em nosso dia a dia, em nossa prática diária; mas **não tivemos nem auxílio em relação às horas-atividade serem conciliadas de modo que pudessemos estudar em equipe**, dialogando, trocando dúvidas/experiências, enfim, auxiliando umas às outras; **precisávamos nos reunir fora do horário de trabalho**, ou na escola, ou na sala informatizada (fora do horário escolar), ou na casa de uma das colegas – foi bem difícil, **por mais que tenha sido fácil a entrada no Curso. Como diz uma das alternativas na questão 4, não tivemos a facilidade em resolver nossas dificuldades**. (C55, grifo nosso)

Sistema não operante e muitas atividades com pouco tempo para resolver. (C98)

[...] Fragilidades: período em que o curso esteve temporariamente suspenso por questões administrativas (falta de repasse de recursos financeiros, bolsas dos

professores/tutores); falta de polo presencial e tutor presencial; desistências de cursistas. [...] (C110)

Além das potencialidades e fragilidades, 31% dos cursistas respondentes pontuaram sugestões para melhorias em próximas ofertas. Eles citaram a necessidade de melhorar a comunicação, com melhores *feedbacks*, tutores presenciais ou outras ferramentas de contato e mediação. Também mencionaram a ampliação do número de vagas e das disciplinas, como pode ser observado nos excertos a seguir:

■ Poderia ter [*sic*] mais disciplinas. (C24)

■ Abertura de mais vagas para que todos possam ser contemplados. (C34)

■ Um curso muito bom. Pena que as pessoas não aproveitaram; em minha cidade havia outro grupo que desistiu. Professores capacitados. A sugestão é que ocorressem mais devolutivas. Senti muita falta, pois não sabíamos se as atividades realizadas estavam corretas ou necessitavam de ajustes. (C45, grifo nosso)

■ Mais encontros presenciais. (C70)

■ Como o objetivo principal do curso é a integração do coletivo na escola, acho que a equipe de professores e tutores deveria se fazer presente na escola em reunião pedagógica, ou agendar um momento para discutir os objetivos do curso, buscando conscientizar todos para a prática pedagógica com uso das TDIC. (C103, grifo nosso)

■ [...] Sugestões para próximas edições do curso: disponibilizar portaria (no mínimo 10 horas semanais), autorizando a formação em serviço (encontros do grupo de formação, aplicação das atividades na Unidade Escolar); propiciar avaliação/*feedback* qualitativos também no Núcleo Avançado; promover encontros presenciais e/ou ciclo de palestras com os professores/autores do *e-book*; investir em polos de apoio presencial (com tutores e possibilidades de mais encontros presenciais), levando-se em consideração que muitos cursistas precisam de acompanhamento mais próximo, pois não tiveram experiências anteriores em EaD; investir em webconferências; estreitar o diálogo entre universidade, Secretarias de Educação e Núcleos de Tecnologias. (C110, grifo nosso)

Percebe-se que o Curso colaborou para iniciar os movimentos de transformação na escola, embora algumas dificuldades ainda estejam presentes. Os respondentes citaram a qualidade dos seus debates entre o coletivo de cursistas e também com os demais educadores das escolas, demonstrando a potencialidade das discussões do Curso. Quase a totalidade dos concluintes respondentes disse que passou a utilizar as TDIC em sua atividade didático-pedagógica, mostrando as contribuições do Curso para transformar a prática docente nas escolas que participaram da formação.

De acordo com a avaliação dos concluintes, os resultados foram prejudicados pela falta de apoio dos coordenadores do Curso e de contato com eles, o problema da comunicação, a paralisação das atividades, excesso de atividades e falta de suporte da gestão escolar. Eles sugerem que, nas próximas edições do Curso, haja formas mais eficazes de comunicação, com tutores presenciais ou contatos por outras ferramentas, como vídeo-chamadas, priorizando o retorno das atividades por meio dos *feedbacks*.

3.2 Análise da percepção dos cursistas desistentes

Os sujeitos da pesquisa identificados como “cursistas desistentes” correspondem aos que se inscreveram para participação, mas não concluíram o Curso, por desistência imediata (nem iniciaram as atividades) ou por desistência no decorrer do processo (abandono, reprovação ou não conclusão de atividades). Buscou-se identificar, nesse grupo de sujeitos, duas categorias definidas *a priori*, conforme já relatado no tópico do relatório de estruturação da pesquisa: **Perfil dos sujeitos participantes** (Perfil dos cursistas desistentes); e **Repercussões** (Motivos para desistência), categoria que aborda a busca por elementos do Curso que contribuíram para a evasão do cursista. A partir dessas categorias iniciais, os resultados obtidos na análise das respostas são apresentados em subtens nessa mesma ordem.

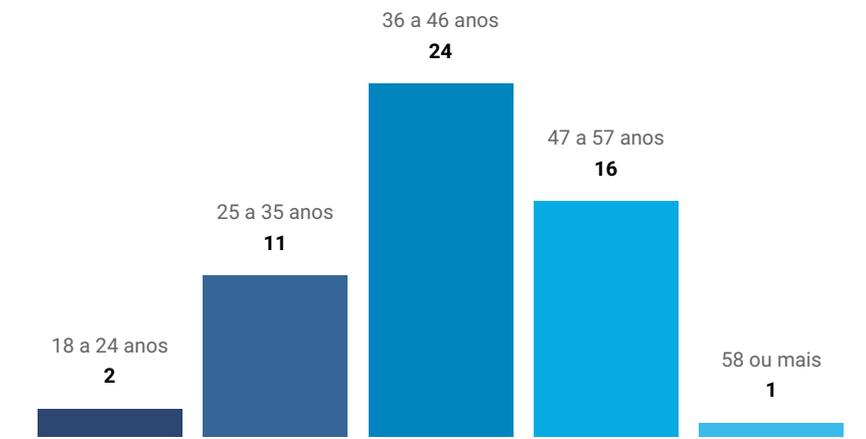
O objetivo com relação a esse grupo é reconhecer as principais motivações para ingresso e desistência do Curso, apontar os limites e possibilidades na visão desses sujeitos, bem como traçar o seu perfil. Foram convidados para participar da pesquisa 591 cursistas desistentes, dos quais 54 responderam ao questionário, o que corresponde a uma amostra de 9% do total de cursistas desistentes do Curso.

3.2.1 Perfil dos cursistas desistentes

Para iniciar a análise, primeiramente será discutido o “Perfil dos cursistas desistentes”, que tem como objetivo conhecer ou traçar o perfil dos cursistas desistentes, destacando informações gerais relacionadas à idade, sexo, tempo de atuação no magistério, situação funcional, nível de escolaridade e área de formação inicial, área de atuação no momento de ingresso no Curso, motivos para ingresso no Curso e carga horária semanal de trabalho.

Assim, como pode ser observado na Figura 26, 44,4% (24) dos professores respondentes têm entre 36 e 46 anos; 29,6% (16), entre 47 e 57 anos; 20,4% (11), entre 25 e 35 anos; e 5,6% (três), acima de 58 anos ou abaixo de 24 anos. Dos 54 respondentes, 36 (66,7%) são do sexo feminino; e 18 (33,3%), do sexo masculino.

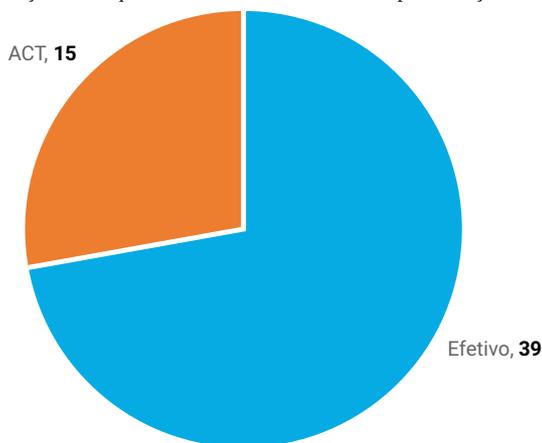
Figura 26 - Distribuição de frequência de cursistas desistentes por idade.



Fonte: elaborado pelos autores.

Dos 54 respondentes, 72% (39) são professores efetivos; e 28% (15), professores Admitidos em Caráter Temporário (ACT), como pode ser observado na Figura 27:

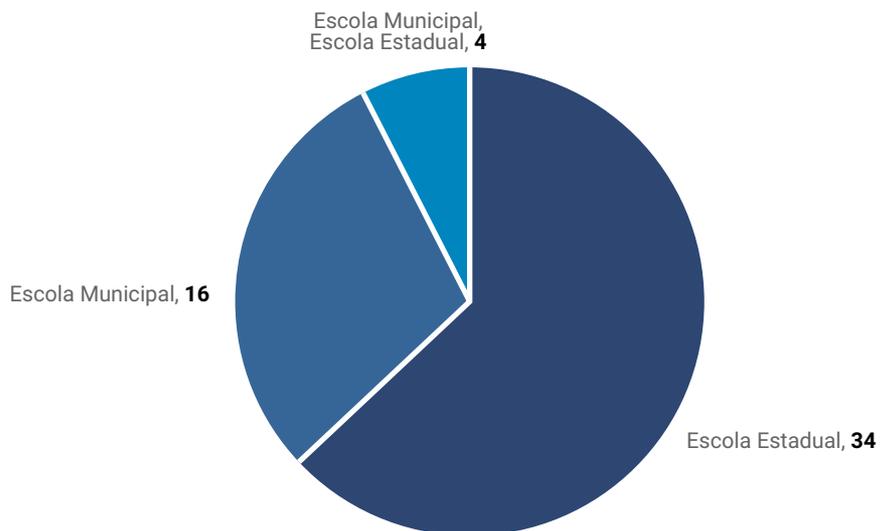
Figura 27 – Distribuição de frequência de cursistas desistentes por situação funcional.



Fonte: elaborado pelos autores.

Dentre os respondentes, identificou-se que 30% (16) trabalhavam em escolas municipais; e 63% (34), em escolas estaduais, no momento de ingresso no Curso. Além desses, 7% (quatro) dos respondentes atuavam em ambos os tipos escolares, como visto na Figura 28:

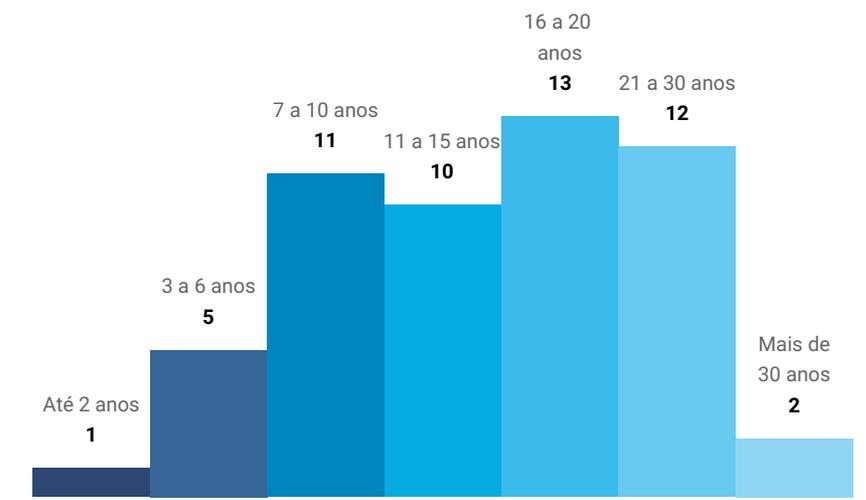
Figura 28 - Distribuição de frequência de cursistas desistentes por administração escolar.



Fonte: elaborado pelos autores.

Destaca-se que 50% (27) dos cursistas desistentes possuem mais de 16 anos de atuação no magistério. Desse grupo, a maioria (13) possui o tempo de atuação no magistério entre 16 e 20 anos, conforme a Figura 29:

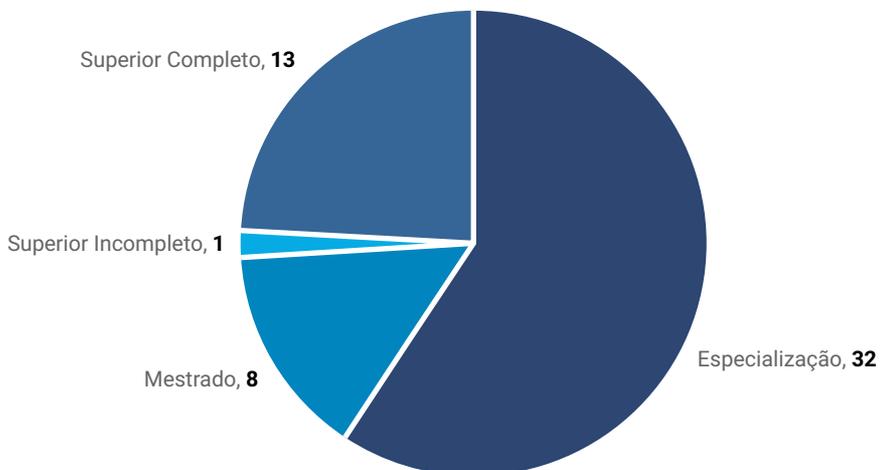
Figura 29 - Distribuição de frequência de cursistas desistentes por tempo de atuação no magistério.



Fonte: elaborado pelos autores.

Com relação ao nível máximo de formação acadêmica, identificou-se que 59,3% (32) dos respondentes já possuíam um curso de Especialização; 24,1% (13), um curso superior completo; 14,8% (oito), Mestrado; e apenas 1,8% (um) não havia concluído o Ensino Superior, conforme a Figura 30:

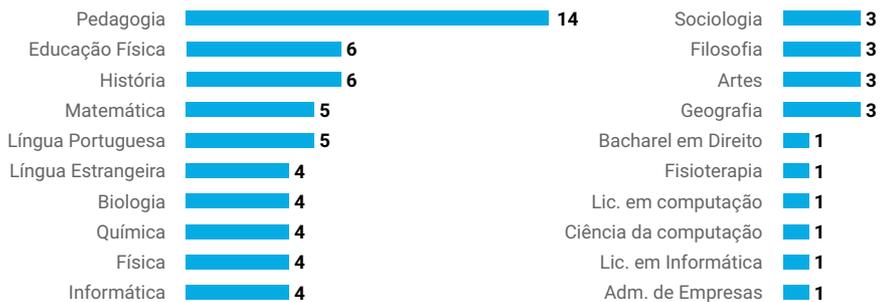
Figura 30 - Distribuição de frequência de cursistas desistentes por nível de formação.



Fonte: elaborado pelos autores.

A área de formação dos cursistas desistentes pode ser observada na Figura 31, a seguir. Observa-se que Pedagogia reúne a maior quantidade de respondentes, 19% (14), seguida por Educação Física e História – 9% (seis em cada área) – e Matemática e Língua Portuguesa (8% ou cinco respostas em cada). Vale notar que as áreas relacionadas à informática (Informática e Computação) correspondem a 9% (sete) dos desistentes e, agrupadas, corresponderiam à segunda colocação.

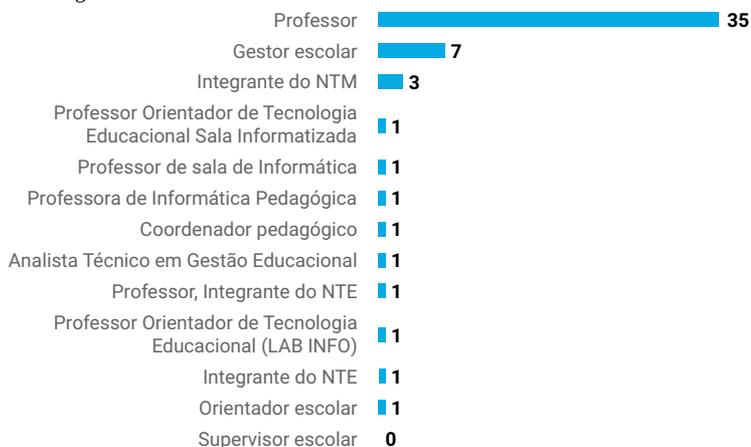
Figura 31 - Distribuição de frequência de cursistas desistentes por área de formação.



Fonte: elaborado pelos autores.

Com relação à área de atuação na escola no momento de ingresso no Curso, a maioria, 64% dos respondentes, atuava como professor (35); os gestores corresponderam a 9% (sete) das respostas; e educadores atuantes em salas de informática, a 7% (quatro), conforme a Figura 32:

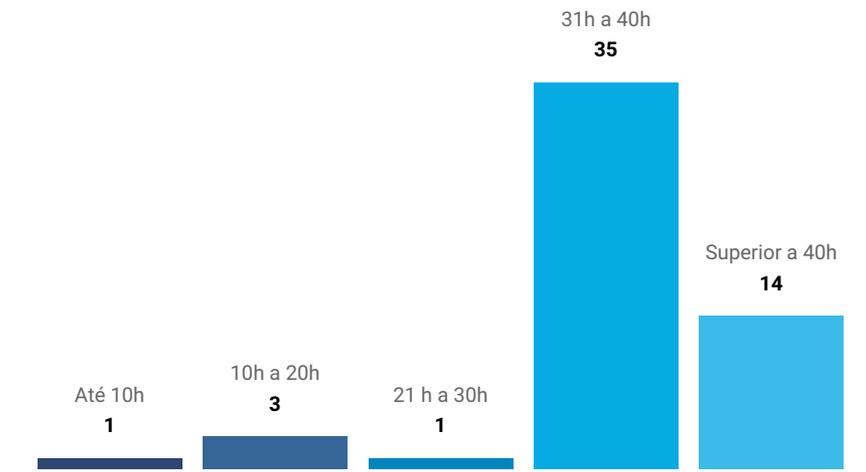
Figura 32 - Distribuição de frequência de cursistas desistentes por área de atuação na escola no momento de ingresso no Curso.



Fonte: elaborado pelos autores.

Destaca-se que a maioria dos cursistas desistentes respondentes, cerca de 90% (49), possuía carga horária de trabalho semanal, durante o período de realização do Curso, superior a 31horas, conforme a Figura 33:

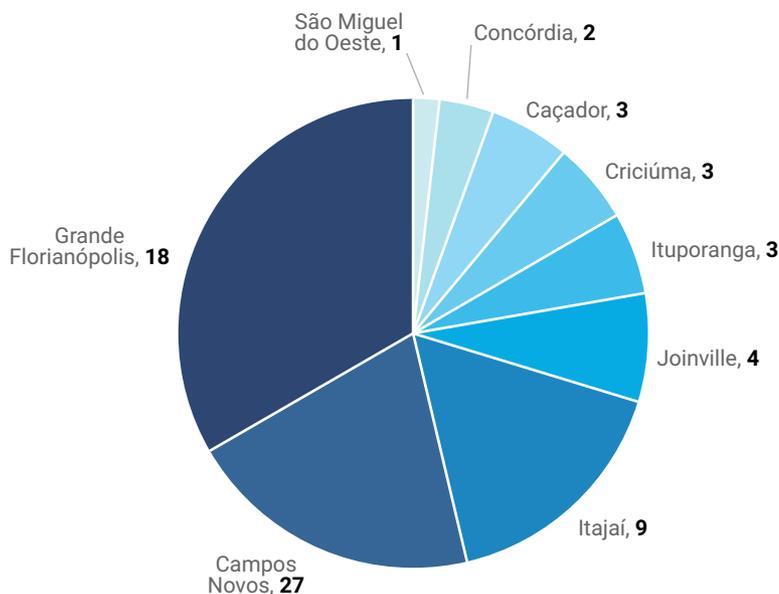
Figura 33 - Distribuição de frequência de cursistas desistentes por carga horária semanal de trabalho durante o Curso.



Fonte: elaborado pelos autores.

Dos 54 cursistas desistentes que responderam ao questionário, a maioria (33% ou 18 respondentes) iniciou o Curso vinculado ao Polo da Grande Florianópolis; Campos Novos correspondeu a 20% (11); e Itajaí, a 17% (nove) dos respondentes. Destaca-se também que nenhum cursista desistente do Polo de Chapecó respondeu à pesquisa. Os dados podem ser observados na Figura 34:

Figura 34 - Distribuição de frequência de inscrição de cursistas desistentes por Polo.



Fonte: elaborado pelos autores.

Acerca da realização de cursos oferecidos pelo PROINFO antes do início do Curso EECD, a maioria (60% ou 38 respondentes) dos cursistas desistentes indicou a não realização de nenhum dos cursos mencionados. Em seguida, os cursos de *Tecnologias na Educação e Introdução à Educação Digital* apareceram com 14% (nove) cada um. O curso de *Elaboração de projetos* foi citado por 8% (cinco); e *Ensinando e aprendendo com as TICs e as redes de aprendizagem*, por 2% (um) cada.

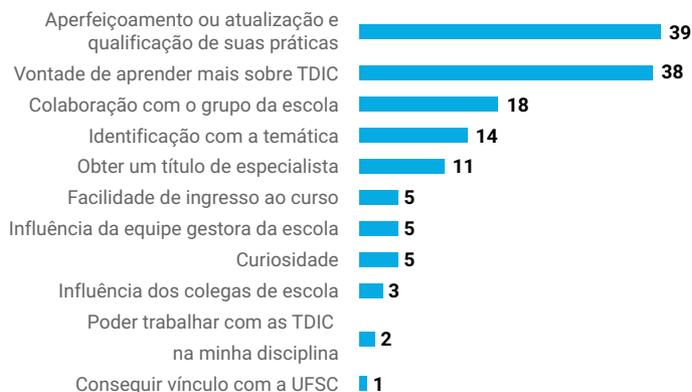
Identificou-se que 44,4% (24) dos colegas de grupo dos respondentes também não continuaram no Curso, ou seja, também são desistentes. Ademais, 37% (20) dos respondentes apontaram que somente alguns dos colegas do grupo continuaram no Curso; e 18,5% (10), que os colegas do grupo continuaram realizando o Curso, sendo ele o único desistente.

A análise das questões referentes à categoria “Perfil” indica que a maioria dos cursistas é do sexo feminino e possui idade entre 36 e 46 anos. Atuam no magistério há mais de 16 anos, são efetivos da rede estadual de ensino na função de professor, com carga horária maior que 30 horas semanais de trabalho. Sua área preponderante de formação inicial é Pedagogia, seguida de Educação Física, História e áreas ligadas à informática, e já possuíam outro curso de especialização. Por fim, ainda nessa categoria, ressalta-se que foi grande a quantidade de cursistas que afirmaram que seus colegas da escola também desistiram do Curso.

3.2.2 Motivos para ingresso

Os cursistas desistentes foram convidados a selecionar os três principais motivos para ingresso no Curso, dentre o rol de opções apresentado na Figura 35, a seguir, que relaciona, em ordem decrescente, o motivo para ingresso e a quantidade de vezes em que esta razão foi selecionada pelos cursistas desistentes respondentes.

Figura 35 - Distribuição de frequência de cursistas desistentes em relação aos motivos para ingresso no Curso.



Fonte: elaborado pelos autores.

Dessa forma, os cursistas desistentes apontaram como principais motivos para ingresso o interesse pelo aperfeiçoamento ou atualização e qualificação de suas práticas docentes (72,2%), seguido de vontade de aprender mais sobre TDIC (70,4%), colaboração com o grupo da escola (33,3%) e identificação com a temática (25,9%).

3.2.3 Motivos para desistência

Com relação aos principais motivos para o afastamento do Curso, os cursistas desistentes apontaram: dificuldades de comunicação com a Coordenação do Curso, dificuldades de acesso ao ambiente virtual e excesso de atividades no Curso, além de outros motivos que não constavam nas opções de seleção, conforme a Figura 36, a seguir. Destaca-se que a questão estava composta de várias opções e que o cursista poderia marcar livremente a quantidade de opções que correspondesse a suas motivações para desistência do Curso, além de descrever outros motivos que não foram contemplados nas opções sugeridas, selecionando “Outros”.

Figura 36 - Distribuição de frequência de cursistas desistentes em relação aos motivos para afastamento do Curso.



Fonte: elaborado pelos autores.

Na opção “Outros”, de modo geral, os cursistas apontaram, de maneira sintética e inter-relacionada, os mesmos problemas já descritos nas opções: as dificuldades de comunicação com a Coordenação e acompanhamento docente (a falta de informações sobre o andamento do Curso), o excesso de atividades e os problemas de infraestrutura que dizem respeito à própria dificuldade do cursista em lidar com as TDIC (não só o E-ProInfo, mas também a informática em geral).

3.2.3.1 Descrição das situações que resultaram na desistência

Além de assinalar as opções de uma questão com possíveis motivos para a desistência, todos os cursistas foram convidados a descrever, em uma questão aberta, a situação vivenciada que os levou a não concluir o Curso EECd. Identificou-se, nas respostas, que cada cursista vivenciou situações que, embora com motivações semelhantes, possuíam peculiaridades. Assim, são apresentados alguns excertos das falas dos cursistas desistentes que se referem aos principais motivos para a não continuidade das atividades.

Os fragmentos das falas dos cursistas desistentes D3, D10, e D11 versam sobre as situações vivenciadas principalmente com relação às dificuldades de comunicação, tanto com a Coordenação quanto com a equipe docente:

Na paralisação, não tivemos mais contato com o pessoal da organização do Curso, ficamos sem saber o que fazer [...] (D3)

Era muito difícil acessar o curso. A nossa orientadora [...] era muito omissa, aí o grupo resolveu desistir. (D10)

Falta de comunicação com a equipe gestora, pois não liam os e-mails, e a dificuldade de entender as matérias. (D11)

Além da própria dificuldade de comunicação com a equipe docente, seis cursistas desistentes citaram problemas referentes ao acompanhamento docente, principalmente no que se refere aos tutores. É válido lembrar que, em vários Núcleos de Estudos, os tutores eram os responsáveis pelo contato e acompanhamento imediato dos cursistas. Os trechos abaixo exemplificam a ocorrência dessas situações.

[...] falta de devolutivas relacionadas às atividades. Nunca sabíamos se estavam corretas as atividades ou se as tínhamos postado no lugar certo. (D5)

[...] na penúltima etapa do curso, mais especificamente no Núcleo Específico, não houve compreensão, por parte do tutor, em relação à realização das atividades. (D25)

[...] e os tutores pouco ajudavam. (D26)

[...] e sem acompanhamento do tutor (demora na devolutiva). (D31)

[...] grande dificuldade de contato com o orientador da parte específica do curso [...] (D35)

Também não houve contato da tutora da disciplina, aliás, com exceção da tutora [...], não houve acompanhamento dos outros tutores, eram vários, e fiquei inclusive sem saber qual era o tutor responsável por minha turma. (D38)

Os cursistas desistentes D18 e D36 destacam as dificuldades de comunicação com os colegas do grupo da escola, como pode ser observado nos excertos a seguir.

[...] não conhecia muito os colegas de escola. Quando se iniciou o curso, uma das professoras saiu de licença durante um ano, e o outro era ACT, não estava todos os dias na escola e, no ano seguinte, desistiu. A assessora de direção era com quem eu tinha mais contato. Eles sempre achavam que eu é que tinha que fazer os trabalhos, mas, na hora de postar no blog, eu não podia – tinha que enviá-los para serem colo-

cados, e eles acabavam não conseguindo. Eu não tinha internet em casa, e ficava na escola depois do horário para fazer os trabalhos individuais. E, para os [trabalhos] de grupos, eles marcavam encontros, mas nunca apareciam para fazermos e deixavam pra depois [...] (D18)

Falta de comunicação e ajuda de alguns do grupo. (D36)

Outro aspecto bastante enfatizado se refere ao excesso de atividades exigidas pelo Curso e ao pouco prazo para realizá-las, conforme destacado nas falas dos cursistas desistentes respondentes D5, D13, D15, D31 e D54.

[...] O retorno foi num período muito complicado na escola, muito trabalho, e o curso exigia que eu realizasse muitas atividades; e não achei justo [...] (D5)

Muitos trabalhos em pouco tempo, sem auxílio de como fazê-los. (D13)

[...] o conteúdo era ótimo e de fácil compreensão, mas as atividades eram difíceis de compreender, principalmente o que exatamente elas pediam. Não eram claras e objetivas; pelo contrário, eram "enroladas" e similares, além do pouco tempo que tínhamos para sua realização e postagem. [...] O tempo era muito curto para tantas atividades [...] (D15)

Excesso de atividades e sem acompanhamento do tutor (demora na devolutiva) [...] (D31)

[...] muitos trabalhos, pouco prazo para entrega [...] (D54)

Os cursistas desistentes D23, D33 e D34 mencionam as atividades repetitivas como principal motivador para a não continuidade no Curso EECD, como pode ser visto nos fragmentos a seguir:

Desastrosa, o tempo que fiquei pouco acrescentou, as atividades eram repetitivas. (D23)

Eram muitas atividades repetitivas sobre nossas experiências na unidade escolar e pouco tempo para resolvê-las. [...] (D33)

A metodologia do curso não foi estimulante. Estava muito repetitivo. (D34)

Outro elemento importante que influenciou os cursistas D15 e D54, por exemplo, foi a falta de apoio da Direção da escola para a realização das atividades e permanência no Curso, conforme os excertos a seguir:

[...] além disso, tivemos pouquíssimo apoio da Direção da escola. Nos reuníamos uma vez por semana na escola, mais fora do período de trabalho. (D15)

Carga de 40 horas semanais, [...] e pouco apoio da Direção. (D54)

A falta de infraestrutura adequada, ou acesso à internet, também colaborou para a não continuidade no Curso EECD, conforme destacado pelos cursistas desistentes D16, D18 e D54 nos fragmentos a seguir:

- Como na escola a sala de informática não tinha computadores suficientes, e muitos alunos não tinham acesso à internet em casa, muitos trabalhos ficaram prejudicados. (D53)
- Eu não tinha internet em casa e ficava na escola depois do horário para fazer os trabalhos individuais [...] (D18)
- Dificuldade e internet. (D16)

As dificuldades de acesso ao ambiente virtual foram enfatizadas pelos cursistas D5, D35 e D51, como pode ser visto nos excertos a seguir:

- [...] E, quanto ao acesso ao ambiente do ProInfo, às vezes conseguia acessá-lo, outras não, gerando muitas dúvidas e incertezas na hora de postar as atividades [...] (D5)
- [...] a plataforma para acesso às postagens é muito confusa. (D35)
- A plataforma não era de fácil manuseio, me senti muito perdida! (D51)

Os cursistas D5 e D11 apontaram as dificuldades na compreensão de conteúdos, incluindo aquelas em relação à própria modalidade do Curso, conforme é possível verificar nos extratos a seguir:

- [...] não conseguia compreender os conteúdos dos materiais-base dos módulos. [...] Não estava preparada para realizar um curso a distância, já que meus cursos foram sempre presenciais, e não tinha realizado nenhum relacionado às novas tecnologias. (D5)
- [...] e a dificuldade de entender as matérias. (D11)

Os problemas pessoais também foram enfatizados, nas respostas das situações vivenciadas, como motivadores para a não continuidade no Curso. Os cursistas D2, D8, D12, D15, D18, D22, D31, D46 e D48 indicaram situações referentes a problemas de saúde na família, mudanças de residência, mudança de escola (professor contratado em caráter temporário – ACT), além de dificuldades para a participação na avaliação e em encontros presenciais.

Outras situações vivenciadas também estiveram presentes nas respostas analisadas, entretanto com menor incidência, entre elas: reprovação ou desligamento do Curso sem maiores explicações por parte dos respondentes (D14, D25, D29), desorganização geral do Curso (D9 e D26), desistência de colegas do grupo da escola (D15 e D44), mudanças de cargo na escola (D20), falta de compreensão da proposta coletiva do Curso (D42) e dificuldade de colocar a proposta apreendida no Curso em prática de sala de aula (D27).

A partir da análise das respostas, aponta-se que a parcela delas referente a uma situação vivenciada que gerou as desistências está vinculada a problemas pessoais dos cursistas, o que, de certa maneira, foge ao âmbito de busca de solução por parte do Curso, embora a Coordenação pudesse pensar em certa flexibilização para os que enfrentam sérios problemas ao longo do Curso. Entretanto, os problemas pessoais constituem apenas 15% dos comentários feitos nessa questão; as demais contribuições dos desistentes atentam para problemas na organização do Curso, seja o excesso de atividades ou sua falta de clareza.

3.2.4 Comentários sobre a participação no Curso

Os cursistas desistentes foram convidados a apresentar comentários acerca de sua participação no Curso EECD, realizando uma autoanálise em relação a esse período. Dos 54 respondentes, 40 teceram comentários, dos quais 32 expressaram claramente se gostaram ou não do Curso. Alguns respondentes relataram novamente as situações vivenciadas de sua desistência e, por isso, elas não serão de novo mencionadas.

Alguns cursistas desistentes conseguiram realizar uma análise de sua trajetória, mesmo que breve, no Curso. Um dos elementos que sobressaiu na autoanálise foi a contribuição do Curso para a formação profissional, em virtude dos estudos realizados durante o tempo de participação. Os relatos dos cursistas D3, D18, D29 e D44 corroboram essa constatação.

[...] tive um enorme aprendizado sobre a rede E-ProInfo, tive um grande desempenho e inovação durante esse período. (D3)

[...] no pouco tempo em que participei, e no que vi e li sobre o assunto, eu aprendi muito [...] (D18)

[...] o assunto era muito bom e me ajudou bastante a perder alguns medos e inseguranças. (D29)

O durante o ano que participei foi de grande valia para o meu crescimento profissional. (D44)

Atrelado à formação profissional, os cursistas D12, D18 e D52 afirmam que, com sua participação no Curso, ocorreram mudanças na prática pedagógica, como pode ser observado nos excertos a seguir:

[...] o conteúdo é excelente, as atividades são práticas e facilmente aplicáveis em propostas pedagógicas. (D12)

[...] e tive várias ideias; até coloquei em prática e gostei do resultado – que foi muito positivo. (D18)

Mudou muito a metodologia de professores da escola, embora eles não tenham ido até o fim. (D52)

Alguns cursistas desistentes, (D23, D38, D51 e D54) durante a análise de sua participação no Curso, indicaram que a falta de tempo ou orientação, organização ou excesso de atividades profissionais sobressaíram no período em que participaram do Curso, conforme os excertos apresentados na sequência:

[...] talvez por falta de atenção minha, ou por falta de orientação, perdi prazos de entrega de trabalho e, ao enviar um pedido para poder apresentar o trabalho, somente me responderam: “lamentamos”. (D23)

Quando não pude fazer mais, foi por conta do tempo ou da organização do grupo, já que a maior parte das atividades eram interligadas. (D38)

[...] uma jornada bem grande de trabalho, e não é proporcionada diminuição de carga para que possamos fazer nosso curso. (D51)

[...] algumas deixei de cumprir no prazo hábil, por falta de tempo mesmo, e outras por falta de esclarecimento e contato com meus colegas. (D54)

A partir dos relatos de 21 respondentes, ou seja, de 65,6% dos cursistas desistentes que participaram da pesquisa, identificou-se que eles gostaram do Curso e, inclusive, voltariam a realizá-lo caso tivessem nova oportunidade. Os relatos a seguir confirmam esta informação.

■ Infelizmente não o concluí, mas, se pudesse, voltaria para realizá-lo. (D2)

[...] eu gostaria de ter dado continuidade, gostaria de fazê-lo novamente. (D8)

Eu gostei muito de ter participado, pois, no pouco tempo em que participei e no que vi e li sobre o assunto, eu aprendi muito e tive várias ideias, e até coloquei em prática e gostei do resultado, que foi muito positivo. (D18)

Adorei participar deste curso, pena que não consegui terminar [...] (D29)

Para além desses que citaram aspectos positivos decorrentes de sua participação no Curso, um grupo de 11 respondentes, ou seja, 34,4%, afirmaram que tinham certa expectativa e que se frustraram ao realizar o Curso, que não gostaram dele e não voltariam a fazê-lo. Os fragmentos a seguir exemplificam esse grupo de participantes:

■ Não gostei. (D19)

■ Foi decepcionante o curso [...] (D23)

Me dediquei muito e me frustrei! (D27)

Um aspecto muito interessante que se pode resgatar após realizar esta análise está no fato de que, embora tenha desistido de realizar o Curso, a maioria teceu elogios e afirmou que voltaria a fazê-lo se tivesse nova oportunidade. Portanto, há indicativos de que o Curso atendeu minimamente às expectativas da maioria dos cursistas desistentes, embora isso não indique ausência de aspectos a serem corrigidos em caso de uma nova oferta.

3.2.5 Sugestões para a reformulação do Curso

Os cursistas desistentes também foram convidados a registrar sugestões para possíveis reformulações do Curso EECD, que dizem respeito ao acompanhamento pedagógico, à organização do Curso, às atividades, aos recursos didáticos, ao contexto do professor e da escola, ao incentivo da Gestão da escola e da Coordenação do Curso, e a outros aspectos menos recorrentes.

Entre as alterações sugeridas para futuras edições, as mais recorrentes são referentes ao acompanhamento pedagógico e à organização do Curso, ambos citados por 29,6% dos respondentes.

Em relação ao acompanhamento pedagógico, as sugestões foram relativas ao *feedback* de atividades com mais agilidade, incentivo para participação no Curso, comunicação mais frequente e fluida entre cursistas e equipe docente, critérios mais claros e previamente definidos para as avaliações, melhor preparo e disponibilidade da equipe docente e compreensão do contexto dos cursistas por parte dos professores e tutores. Alguns fragmentos dos relatos exemplificam essas sugestões:

A inexistência de incentivo também partiu dos professores e tutores do Curso, uma vez que não havia motivações ou falas e comentários estimulando o seu desenvolvimento. (D1)

[...] devolutivas mais rápidas das atividades [...] (D5)

Mais acesso direto entre o cursista e os tutores, orientadores. (D12)

É preciso conhecer a realidade do público para o qual se oferece o Curso. (D17)

[...] se possível, gostaria de pedir uma maior compreensão de alguns professores, pois ocorreu um atraso no início do Curso, aí alguns professores do Núcleo Específico colocaram todas as atividades juntas nos meses de novembro e dezembro. (D24)

[...] promover uma melhor qualificação dos envolvidos no Curso, para que estes saibam como alcançar os resultados propostos [...] (D27)

Existem datas a serem cumpridas, e, durante todo o curso, muitas pessoas postaram suas atividades com atrasos e todas foram aceitas, mas a minha, naquela ocasião, não foi aceita. [...] (D30)

Em relação à organização do Curso, as sugestões incluíram a necessidade de maior publicização do cronograma e mudanças metodológicas. Questões relativas ao cronograma estiveram presentes em 11,1% das respostas, e as sugestões se referem principalmente à impressão e distribuição do cronograma para os cursistas, à maior clareza e publicidade de suas informações e ao cumprimento dos prazos e atividades sem mudanças constantes. Os excertos a seguir exemplificam algumas dessas questões.

Interessante que o material didático estivesse impresso, assim como o cronograma do Curso também. (D2)

E deixar claras as datas e recuperações. (D15)

Procurar não modificar as datas. (D22)

[...], mas é necessário um calendário mais bem planejado e melhorar os canais de contato com o aluno, principalmente por se tratar de um curso EaD. (D38)

Também foram mencionadas outras sugestões sobre a organização do Curso, sintetizadas nos tópicos a seguir:

- a) mudança no público atendido: o cursista desistente D4 sugere que os técnicos de informática também possam participar do Curso; o cursista desistente D49 sugere que o Curso seja oferecido apenas para os professores efetivos; e o cursista desistente D15 sugere que possa haver substituição de membros mediante prova de nivelamento;
- b) número maior e mais tempo para as aulas presenciais, bem como a possibilidade de possuir um material impresso (D2, D10, D43 e D49);
- c) realização de avaliações on-line em lugar da avaliação presencial, tópico citado pelo cursista desistente D15;
- d) maior organização e comprometimento de maneira geral (D28 e D47);
- e) possibilidade de os desistentes cursarem os módulos não realizados (D24);
- f) atividades e trabalhos individuais (D42);
- g) maior objetividade do Curso e clareza da proposta antes das matrículas (D23 e D34); e
- h) mudanças na metodologia, tornando o Curso mais dinâmico – foi a sugestão do cursista desistente D34, sem maiores detalhes para esclarecimento da proposta.

Além de sugestões acerca da organização do Curso, os cursistas desistentes que participaram da pesquisa apontaram, em 24,1% dos relatos, considerações acerca das atividades, como pode ser observado em alguns excertos a seguir:

- Diminuir a quantidade de atividades propostas por Núcleo. (D6)
- Acho que na primeira fase a carga de atividades foi muito atribulada, em demasia. Não conseguia dar continuidade. (D8)
- Planejar melhor as atividades, as atividades se repetiam [...] (D9)
- [...] as atividades eram postadas de uma semana para outra, mas precisam ser avisadas com mais antecedência [...] (D17)
- [...] que as atividades fossem desenvolvidas dentro de um cronograma e que o intervalo entre elas fosse um pouco maior [...] (D24)
- Ter um pouco mais de prazo para o término das atividades. (D44)
- Duas disciplinas em andamento, com um tempo maior de entrega, com datas bem diferentes e, no mínimo, duas semanas de diferença entre elas para a entrega. (D50)

Os cursistas desistentes pontuaram, em 11,1% das respostas, alguns aspectos referentes aos recursos didáticos, principalmente no que se refere ao material ser exclusivamente on-line e o acesso à plataforma E-ProInfo, como pode ser observado nos excertos a seguir:

- Interessante que o material didático estivesse impresso [...] Criar um roteiro com poucos links, mas sim com endereços mais preciso para realização das tarefas também seria interessante. Uma coisa bacana seria um sistema em que o aluno visse o *feedback* de suas avaliações [...] (D2)
- Manual mais simplificado do uso das Ferramentas do ProInfo [...] (D5)
- [...] ter uma melhor plataforma, que demonstre todas as atividades, se foram concluídas e postadas corretamente, em tempo real, e posterioridade à exibição aproveitamento [...]” (D15)
- Melhorar a plataforma. (D20)
- Apostilas impressas [...] (D46)
- O ambiente E-ProInfo é confuso. (D52)

Foram mencionados, em 9,3% das sugestões, aspectos referentes ao contexto do professor e escola, para que os coordenadores e docentes do Curso considerem a jornada de trabalho e a realidade dos professores atuantes nas escolas públicas, para organizar atividades e prazos a cumprir. Esses apontamentos versam principalmente sobre dois aspectos: sobrecarga do professor (atribuições na escola, inexistência ou incompatibilidade da hora-atividade, número de alunos etc.) e relação do conteúdo do Curso com a realidade escolar. Os excertos a seguir apresentam esses elementos:

■ [...] lembrar que os cursistas são professores que têm atribuições nas escolas. (D13)

É preciso conhecer a realidade do público para o qual se oferece o curso. Nós não temos hora-atividade, como professores universitários. Um professor 40h tem 32 aulas e, em média, 600 alunos. [...] (D17)

■ [...] e o conteúdo um pouco fora da realidade das escolas públicas, mas, de qualquer forma, muito interessante. (D48)

■ Melhorar a internet das escolas [...] (D53)

■ [...] horário compatível para os professores participantes, ou seja, mesmo horário de hora-atividade, para que possamos realizar atividades no horário da jornada de trabalho. (D54)

Outro aspecto destacado (5,6%) diz respeito ao incentivo e colaboração da Gestão da escola e da equipe do Curso, para permanência no Curso e/ou possibilidade de realização dele. Os excertos a seguir exemplificam essa questão:

■ Na verdade, não se tem incentivo por parte das escolas, e muitos professores desejaram fazer o Curso por ser gratuito e receberem mais um certificado/diploma. A inexistência de incentivo também partiu dos professores e tutores do Curso, uma vez que não havia motivações ou falas e comentários estimulando o seu desenvolvimento. (D1)

■ Depois da paralisação do curso, houve uma falta de competência por parte da Coordenação. (D7)

■ Cursos assim devem ser administrados por alguém da escola, e só os efetivos devem fazer, e cobrados a fazer. Assim deviam ser até dispensados de algumas aulas na escola para poder fazer esse tipo de trabalho, e não levar para casa [...] (D49)

Além desses já mencionados, pode-se perceber, nos comentários dos cursistas desistentes: o interesse em realizar novamente o Curso em uma futura oferta (D3, D25 e D31), elogios à equipe do Curso da UFSC (D2), sugestão de alteração do Núcleo de Estudos de História para abordar a História de Santa

Catarina, bem como abrir a possibilidade de inscrição do “segundo professor¹⁰” (D16), e expressão clara do sentimento de decepção e abandono ao longo do Curso (D14 e D26).

As sugestões de mudanças em futuras ofertas do Curso se concentram principalmente em observações sobre o acompanhamento pedagógico, destacando-se a necessidade de *feedback* de atividades, comunicação mais frequente e fluida entre cursistas e equipe docente, incentivo/estímulo aos cursistas para continuarem no Curso, a definição antecipada e clareza dos critérios para as avaliações, melhor preparo e disponibilidade da equipe docente e compreensão do contexto dos cursistas por parte dos professores e tutores.

Além desses, na mesma proporção, os cursistas apontaram sugestões/comentários referentes à organização do Curso, que incluem desde uma publicização maior do cronograma até mudanças metodológicas, enfatizando-se a possibilidade de realização de avaliações on-line, aulas presenciais, material impresso, realização de atividades e trabalhos individuais, facilitando a dinâmica de organização de cada cursista.

Com relação às atividades desenvolvidas, os cursistas mencionaram a possibilidade de diminuir a quantidade de atividades e/ou aumentar o prazo para a realização de cada uma, bem como evitar a alteração do cronograma. Referente aos recursos didáticos utilizados, os comentários abordaram a necessidade de haver uma versão impressa do material (que possibilite o acesso aos professores da escola ao conteúdo, quando impossibilitados de navegação pela internet, seja por inexistência ou inconstância do sinal), bem como a necessidade de melhoria da Plataforma E-ProInfo, que, de acordo com os cursistas, foi um dos fatores de maior dificuldade no decorrer do Curso, pois suas ferramentas eram confusas.

Foram citados também aspectos referentes ao contexto do professor e da escola, considerando-se as condições de trabalho, excesso de atividades docentes e incompatibilidade de horários para reunir os grupos de uma mesma escola. Na visão dos desistentes, esses aspectos devem ser considerados em cursos futuros, bem como o próprio incentivo e colaboração da Gestão da escola e da Coordenação do Curso EECD, com a finalidade de viabilizar a continuidade e conclusão das atividades da Especialização.

10 - “Segundo professor” foi o termo utilizado pelo cursista para designar o professor auxiliar, ou aquele que acompanha os estudantes com deficiência.



**RESULTADOS:
PARTE II**

4.1 Análise da percepção da equipe docente: Professores e Tutores

Os participantes da equipe docente do Curso EECD, indicados como professores, são os profissionais convidados pela Coordenação do Curso na UFSC para coordenar a equipe docente de cada Núcleo e/ou turma e realizar as atividades de ensino ao longo do período de oferta do Curso: planejamento, videoaulas, orientações aos tutores e cursistas, mediação de atividades, avaliação, entre outras. Salienta-se que pelo menos 80% dos professores que atuaram no Curso já estavam vinculados à UFSC.

Os tutores, por sua vez, foram selecionados por meio de Chamada Pública (UFSC, 2014), com a seguinte especificação: “O tutor compõe o quadro de formadores do Curso, sendo o agente que faz a intermediação entre os cursistas e os professores, orientando os cursistas, sanando suas dúvidas e acompanhando as atividades propostas por meio do Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem do MEC chamado E-ProInfo e de outras mídias sociais que fazem parte do Curso”.

Com a análise das respostas dos professores e tutores, pretende-se conhecer as características da docência no Curso, a percepção sobre seus limites e potencialidades, bem como explicitar e discutir possíveis reflexões advindas do Curso para a formação continuada desses professores e tutores. Destaca-se que foram convidados para participar da pesquisa 32 professores de diversos núcleos, com uma devolutiva de 13 questionários respondidos, representando 40,6% do total de professores envolvidos no Curso. Quanto aos tutores, 72 foram convidados a participar da pesquisa e, desses, 30 responderam aos questionários avaliativos, representando 41,6% do total.

4.1.1 Perfil da equipe docente

Para iniciar a análise, primeiramente será traçado o perfil dos professores e tutores atuantes no Curso, explicitando informações gerais relacionadas à idade, sexo, tempo de atuação no magistério, nível de formação e área de formação inicial, módulo de atuação, motivos para ingresso no Curso, participação em atividades formativas, bem como à dedicação profissional a outras atividades além do Curso.

Assim, identificou-se que cinco professores respondentes tinham entre 36 e 46 anos, cinco entre 47 e 57 anos, dois tinham entre 25 e 35 anos e um tinha mais de 58 anos. Dos 13 professores respondentes, 10 são do sexo feminino e três do sexo masculino. A maioria dos tutores respondentes, por sua vez, tinha entre 25 e 35 anos de idade (16). Destaca-se que nenhum tutor possuía menos de 24 anos de idade. Quanto ao sexo, 21 tutores participantes da pesquisa são do sexo feminino, caracterizando, assim, a predominância de mulheres na composição do corpo docente do Curso EECD.

Em relação ao tempo de atuação no magistério, foi inferido das respostas dos professores que esses possuíam experiência de, no mínimo, três anos como docentes, e cinco deles em torno de 11 a 15 anos na profissão. Já os tutores

indicaram possuir menos tempo de atuação no magistério – entre 3 e 6 anos, na maioria dos casos.

Sobre o nível máximo de formação, a maioria dos professores possui Doutorado (oito); três, mestrado; e dois, outros níveis não especificados. Entre os tutores respondentes, a maioria possui Mestrado (17), seguido por Especialização (sete) e Doutorado (seis).

Quando questionados sobre a área de formação, dos 13 professores respondentes, três afirmaram que possuem formação inicial em Biologia, dois em Língua Portuguesa, dois em Pedagogia, um em Artes, um em Química, um em Educação Física, um em Matemática, um em Língua Estrangeira e dois em outras áreas não especificadas. Já em relação ao módulo em que atuaram no Curso, três professores atuaram no PLAC; e 10, em Núcleos Específicos, contribuindo com a obtenção de informações do andamento do Curso em diversas turmas. A área de formação dos tutores é bastante diversificada, com destaque para Pedagogia, com maior ocorrência.

Dos professores respondentes, 11 já haviam atuado como professores em outro curso na modalidade de Educação a Distância (EaD), e apenas dois tiveram sua experiência inicial neste Curso de Especialização. Portanto, a maioria dos professores respondentes já possuía algum nível de apropriação das tecnologias no contexto da Educação. Por outro lado, 18 tutores respondentes nunca haviam atuado nessa função em outro curso.

Dentre os principais motivos para a participação no Curso, os professores apontaram os seguintes, por ordem decrescente: identificação com a temática (nove), aperfeiçoamento e qualificação de suas práticas docentes (sete), envolvimento na elaboração do Curso (seis) e influência da Coordenação do Curso (seis), auxílio financeiro (três), curiosidade (dois), e outros não especificados (um). Para os tutores, os principais motivos para atuarem no Curso também foram a identificação com a temática (24) e aperfeiçoamento e qualificação de suas práticas docentes (23), resultado similar ao apresentado pelos professores. Ressalta-se que a equipe docente podia assinalar mais de uma alternativa de resposta.

Com relação ao desenvolvimento de outras atividades profissionais concomitantes ao acompanhamento do Curso EECD, identificou-se que, em média, os professores desenvolviam 37 horas semanais de atividades profissionais não vinculadas ao Curso. A maior parte dos tutores participantes da pesquisa (21) declarou exercer outra atividade. A maioria dos professores (23) possuía atividades profissionais com carga horária de 40h semanais, quatro dos quais são professores da UFSC com dedicação exclusiva (DE), inserindo as tarefas do Curso em suas atividades de pesquisa, ensino ou extensão. No caso dos tutores participantes da pesquisa, a maior parte declarou exercer outra atividade profissional durante o acompanhamento do Curso. Em relação à carga horária dedicada ao Curso, os professores do PLAC despenderam, em média, 17 horas semanais, enquanto os dos demais núcleos de estudo dedicaram, em média, 5 horas.

Quanto ao conhecimento da proposta do Curso (objetivos, organização do material, pressupostos teóricos e metodológicos etc.), os professores atuantes tiveram como principais fontes de informação as conversas com a Coordenação do Curso (nove), os cursos de formação ofertados durante a execução das atividades (cinco), e a leitura dos documentos orientadores do Curso (quatro). Destaca-se que cinco professores atuaram também na elaboração dos materiais, ou seja, conheceram a proposição do Curso anteriormente à sua execução.

Os tutores, por sua vez, tomaram conhecimento dos objetivos, da organização do material e dos pressupostos teóricos e metodológicos do Curso por meio de cursos de formação ofertados durante a execução das atividades (19), por meio da leitura de documentos (17), conversas com a Coordenação do Curso (14) e durante o desenvolvimento do Curso (13).

A maioria dos professores (10) participou de formações relacionadas ao tema “Tecnologias Digitais e Educação” antes da sua atuação nesta Especialização. Durante o desenvolvimento do Curso, também foram oferecidas atividades formativas voltadas para essa temática. Todos os professores que responderam à pesquisa indicaram ter participado de encontros entre a equipe docente e a Coordenação, 10 respondentes participaram de oficinas de ambiente virtual (E-ProInfo) e de reunião com apresentação da proposta do Curso. Quatro professores participaram das palestras sobre temas relacionados à cultura digital organizadas pela Coordenação.

Com relação à relevância das atividades formativas promovidas pela Coordenação do Curso juntamente com o Lantec, voltadas à atuação dos professores, seis professores respondentes as avaliaram como de extrema importância; seis as consideraram de relevância moderada; e um, pouco relevantes. Assim, 12 respondentes consideraram a participação em atividades formativas promovidas pelo Curso como de extrema ou moderada relevância para sua formação e atuação no Curso EECD.

Muitos tutores também participaram de alguma atividade formativa relacionada ao tema “Tecnologias Digitais e Educação” antes de sua vinculação ao Curso (26). Dentre as que foram ofertadas pelo Curso EECD, destacam-se: encontros de formação de tutores (28), apresentação da proposta do Curso (21) e oficina de ambiente virtual E-ProInfo (20). Para os tutores respondentes, em geral, as atividades formativas foram de extrema relevância (16) ou moderada (10) e quatro respondentes indicaram pouca relevância dessas atividades. Salienta-se, também, que 24 tutores respondentes nunca haviam realizado algum Curso ofertado pelo E-ProInfo.

4.1.2 Trabalho Coletivo

Esta categoria possibilita uma análise sobre como ocorreram as relações entre cursistas, tutores e professores. Pretende-se verificar se o trabalho coletivo, pressuposto do Curso, se efetivou durante seu desenvolvimento e quais foram

seus limites e potencialidades na prática docente. Para isso, serão abordados os temas: “Interação da equipe docente” e “Acompanhamento pedagógico dos cursistas”, também definidos *a priori*.

4.1.2.1 Interação da equipe docente

Com relação a este tema, observaram-se a periodicidade e a organização dos encontros entre a equipe docente (professores e tutores), a sua finalidade, os canais de comunicação utilizados, bem como as estratégias de articulação dessa equipe.

Os professores destacaram como principal estratégia para reunião com o grupo de tutores a realização de encontros presenciais (quatro), por vezes acompanhados de encontros virtuais (cinco). Os demais apontaram como estratégias reuniões on-line (dois), e alguns indicaram outras estratégias (dois) não especificadas. Para oito professores, os encontros foram realizados com periodicidade semanal.

Corroborando a fala dos professores, 13 tutores informaram que os encontros da equipe docente, referentes aos seus módulos, aconteceram de forma presencial. Já para 10 tutores respondentes, os encontros ocorreram de forma presencial e on-line (chamada de vídeo – Skype, *hangouts*, ou similares). Para cinco respondentes, os encontros ocorreram de forma on-line. A periodicidade dos encontros, assim como declarado pelos professores, foi semanal (19).

As principais finalidades dos encontros, segundo os professores, foram: a discussão sobre situações dos cursistas (13); a discussão dos instrumentos e critérios de avaliação (12); o planejamento de atividades (12); a construção coletiva do *feedback* das atividades (sete); o repasse de instruções aos tutores (sete); a organização e preparação prévia para as reuniões com as outras equipes do Curso (cinco); a realização de estudos coletivos (três), e outras finalidades não especificadas (um). Os resultados apresentados pelos tutores foram semelhantes aos dos professores.

Para viabilizar a comunicação com o grupo de tutores, todos os professores utilizaram o e-mail (13). Além disso, também foram utilizados como canais de comunicação WhatsApp/SMS (11), telefone (seis), Skype (dois), mensagem individual de texto do E-ProInfo (um), e outros canais não especificados (um). Os professores destacaram o nível de comunicação com os tutores como excelente (nove) e bom (quatro), não constatando grandes obstáculos de comunicação entre os integrantes de sua equipe.

Em relação à comunicação e interação com os demais professores do seu núcleo, seis professores respondentes indicaram ter pouca dificuldade, dois indicaram nenhuma dificuldade, um afirmou ter extrema dificuldade e quatro assinalaram a opção de resposta “não se aplica”, já que em alguns núcleos havia apenas um professor. Referente à comunicação e interação com os demais professores do Curso, cinco professores afirmaram ter pouca dificuldade, três indicaram ex-

tema dificuldade, dois apontaram nenhuma dificuldade e três assinalaram a opção “não se aplica”.

Ao se comunicarem com os professores, os tutores também utilizaram, com maior frequência, o e-mail (26). O fórum e o *chat* do E-ProInfo foram utilizados por 14 tutores; já o WhatsApp, por 13 respondentes. Quanto à qualidade da comunicação estabelecida com os professores da sua equipe docente, os tutores a avaliaram como boa (15) e excelente (12). Um tutor indicou a importância de maior interação entre tutores, professores e coordenadores do Curso: “Acredito que, se a interação entre os professores do curso, tutores e coordenadores fosse maior, muitos ‘problemas’ e desistências poderiam ter sido evitados”. (T7)

Todos os professores respondentes avaliaram como muito ou extremamente importante a atuação do tutor nas atividades docentes do Curso, especialmente no que se refere à devolutiva das atividades aos cursistas, à comunicação com os cursistas e à interlocução com o professor sobre a situação de cada estudante. Para 12 professores, os tutores desempenharam um papel muito importante também na avaliação das atividades, nas estratégias de mediação e na elaboração dos critérios de avaliação. Já para 11 professores, os tutores também foram considerados muito importantes para o planejamento das atividades. Assim, infere-se que, em geral, os professores avaliaram positivamente a contribuição dos tutores para o desenvolvimento da proposta do Curso, valorizando sua participação nos vários âmbitos de atuação da equipe docente.

Com relação aos comentários e sugestões para a articulação e interação da equipe docente, emergiram da análise dois subtemas: “Organização dos recursos e atividades”, que se refere às estratégias ou meios para organização do trabalho coletivo; e “Características da ação pedagógica desenvolvida”, que concerne ao planejamento e organização pedagógica das atividades para a articulação da equipe docente.

Assim, com relação à organização dos recursos e atividades, os professores apontaram que a utilização de recursos on-line auxiliou o acompanhamento das atividades desenvolvidas pelos tutores. As reuniões presenciais também se mostraram estratégias importantes para a organização das tarefas, principalmente para os professores do PLAC. Os excertos a seguir exemplificam a fala dos professores:

Utilizamos uma **planilha de acompanhamento no drive, compartilhada** com toda a equipe. (P1, grifo nosso)

Isso [reuniões semanais com a equipe de coordenação] garantiu a **construção coletiva das orientações e das avaliações** das atividades propostas em cada unidade.” (P2, grifo nosso)

[...] foram pertinentes **os encontros na UFSC, bem como os contatos por e-mail, WhatsApp e de forma presencial**. É uma proposta colaborativa, que envolve o **diálogo constante**. (P6, grifo nosso)

Conforme os fragmentos das respostas, a utilização de recursos on-line (e-mail, planilha compartilhada, WhatsApp etc.) possibilitou o diálogo constante e a efetivação da proposta de trabalho coletivo.

Acerca das características da ação pedagógica desenvolvida, um dos professores (P2) destacou a importância do acompanhamento semanal da equipe docente realizado pela coordenação do Curso. Especificamente, foram realizadas reuniões semanais de planejamento e acompanhamento do PLAC, com o professor coordenador de cada turma, para garantir a coesão do trabalho docente durante os três semestres de sua oferta. Segundo P2, essas reuniões forneceram suporte aos professores na organização do trabalho e construção coletiva das orientações e atividades, o que constituiu um aspecto positivo para a equipe docente. Entretanto, esse planejamento não ocorreu em tempo hábil para a organização e entendimento dos cursistas de sua trajetória no módulo, gerando insegurança em relação ao desenvolvimento do Curso, o que pode ter ocasionado uma desmotivação dos cursistas. Essa falta de tempo para planejamento também causou percalços para os professores no momento da orientação de seus tutores. Sobre tal aspecto, P2 afirma:

Como o Curso se apresentava como experiência-piloto, a programação de cada passo foi construída no coletivo, o que é muito bom; no entanto, não permitiu a previsão do todo do Curso pelo/a cursista, e isso deu uma certa ideia de improvisação constante. (P2)

Outro professor (P3) destacou a possibilidade de planejar e replanejar o seu Núcleo junto com os tutores durante seu desenvolvimento, fator que exalta a qualidade da interação com a equipe. Infere-se que tal atividade ocorreu de maneira coletiva. De acordo com esse professor: “Foi excelente, planejamos e replanejamos o Núcleo durante todo o seu desenvolvimento”. (P3)

A resposta do professor P8 também corrobora a visão de que ocorreu a construção coletiva de cada etapa do trabalho ao longo do Curso: “[...] nos ajudamos durante todo o processo e discutimos juntos cada etapa do trabalho”. (P8).

Destaca-se também a importância da afinidade dos integrantes da equipe docente, que, no caso mencionado por um dos professores, se deu anteriormente à entrada no Curso, em função de os integrantes da equipe (professores e tutores) participarem de um mesmo grupo de pesquisa. “Nossa equipe **funcionou muito bem**, porquanto **fazemos parte do mesmo grupo de pesquisa** (P5, grifo nosso).”

Assim, por meio da análise da temática definida *a priori* “Interação da equipe docente”, cujos subtemas são “Organização dos recursos e atividades” e “Características da ação pedagógica desenvolvida”, identificou-se que a maioria dos professores respondentes trabalhou de forma articulada com sua equipe de tutores, promovendo encontros presenciais regulares e utilizando as TDIC como ferramentas de trabalho para otimizar a comunicação com eles. Além disso, é possível perceber que os professores consideraram de grande importância o tra-

balho dos tutores, ressaltando sua contribuição para as diferentes etapas do trabalho docente na EAD. Dessa forma, a maioria dos respondentes explicitou alguma característica do trabalho coletivo na equipe, um dos pressupostos do Curso, já que em vários fragmentos aparece a ideia de equipe e planejamento coletivo.

4.1.2.2 Acompanhamento pedagógico

Neste tema, foram observadas as razões para os professores e tutores interagirem com o cursista, a frequência de interação, os canais utilizados para a comunicação, as dificuldades encontradas para a realização do acompanhamento, bem como as estratégias usadas pelos professores para organizarem com os tutores o acompanhamento das atividades dos cursistas.

Os professores destacaram três principais razões para interagirem diretamente com os cursistas: o envio de *feedback* das atividades (nove), o esclarecimento de dúvidas sobre o conteúdo do núcleo (oito), e orientações para a realização das atividades (oito). Além dessas razões, as interações serviram para debater os temas abordados (cinco) e esclarecer dúvidas administrativas do Curso (dois). Destaca-se que apenas um dos professores apontou que não houve interação direta com o cursista, de onde se compreende que, nesse caso, as interações com os cursistas aconteceram mediadas pelo tutor do Núcleo. Já para os tutores, as principais razões para interação com os cursistas relacionam-se a orientações para a realização das atividades (30), *feedback* das atividades (26) e esclarecimento de dúvidas sobre o conteúdo do núcleo (20).

Acerca da frequência de interação entre o professor e os cursistas no desenvolvimento das atividades do Curso, destaca-se a periodicidade quinzenal. Dentre os principais canais de comunicação utilizados pelos professores para essa interação, é possível destacar, por ordem decrescente de utilização: fórum do E-ProInfo (10), e-mail (nove), mensagem individual de texto do E-ProInfo (sete), seguidos de telefone (três), WhatsApp/SMS, *chat* do E-ProInfo e Facebook (todos com somente um respondente cada). Os tutores utilizaram, com maior frequência, mensagem individual de texto do E-ProInfo (25), e-mail e fórum do E-ProInfo (23 cada).

A maioria dos professores respondentes (12) indicou como principal dificuldade para o acompanhamento das atividades do Curso a pouca participação por parte dos cursistas. As demais dificuldades, em escala decrescente, referem-se a: problemas na utilização do ambiente virtual (nove), pouca interação com os demais Núcleos e professores (quatro), grande número de cursistas (um) e disponibilidade de infraestrutura (um).

Ao serem questionados sobre como ocorreu a organização do acompanhamento das atividades dos cursistas junto com os tutores, os professores apontaram diferentes possibilidades. Na análise das respostas acerca do acompanhamento pedagógico, também emergiram os subtemas: “Organização dos recursos e atividades”; e “Características da ação pedagógica desenvolvida”.

Sobre a organização dos recursos e atividades, identificou-se que nove dos treze professores respondentes indicaram que os recursos on-line auxiliaram muito no acompanhamento das atividades, destacando como ferramentas utilizadas as planilhas on-line, WhatsApp, mensagens individuais do ambiente virtual e e-mail, conforme excertos a seguir:

As atividades dos tutores foram acompanhadas pela **plataforma** e por **WhatsApp**, cuja eficiência garantiu maior proximidade dos cursistas com o/a tutor/a. (P2, grifo nosso)

Preferencialmente, através do **ambiente E-ProInfo**, com reforços via **e-mail** e **redes**. (P5, grifo nosso)

Por meio de uma **tabela no drive**, que os tutores tinham que alimentar semanalmente. (P13, grifo nosso)

Além dos recursos on-line, como citados anteriormente, muitos professores também utilizaram, como estratégia de acompanhamento, reuniões com o grupo de tutores. Segundo os professores P1 e P4, essas reuniões auxiliaram a discussão do planejamento e redefinição de estratégias de ensino ao longo da oferta do Núcleo, conforme os fragmentos a seguir: “Reuniões, discussão do planejamento e uso da planilha de acompanhamento.” (P1); “Em encontros presenciais, nos quais discutíamos e avaliávamos as melhores estratégias.” (P4)

O acompanhamento das atividades dos cursistas realizado pelos professores e tutores, segundo relatos dos tutores, se deu de diferentes formas, como através de planilha de Excel/drive, reuniões semanais na UFSC, trocas de e-mails e *feedbacks* estruturados por critérios pré-definidos. Os excertos a seguir também apresentam algumas formas de organização do acompanhamento das atividades realizadas pelos cursistas, por parte dos tutores.

Relato sobre desenvolvimento das atividades e dificuldades apresentadas pelos cursistas nos encontros presenciais; elaboração de respostas coletivas às dificuldades; elaboração de planilha para registro das atividades realizadas pelos cursistas e enviada à professora. (T29)

O tutor se encarregava de acompanhar as atividades, preencher uma planilha com informações sobre os cursistas e enviá-la ao professor. O professor acompanhou a situação dos cursistas pelas mensagens dos fóruns e pelas referidas planilhas. (T21)

No NB1, como tínhamos um quantitativo grande de cursistas, os tutores trabalharam em duplas ou trios para o acompanhamento das atividades. Nesse processo, o professor orientava e discutia junto com os tutores a melhor forma de avaliação de cada atividade, bem como prazos de entrega etc. (T19)

Nos casos de muito atraso no envio das atividades pelos cursistas, encaminhei e-mails à professora questionando as medidas a serem tomadas. Em relação a situações de alguns cursistas, nos comunicamos por e-mail ou em reunião presencial. (T17)

Conforme as atividades eram realizadas, ou dúvidas surgiam por parte dos cursistas, nos reuníamos para realizar as avaliações e encaminhar as demandas, sempre em um clima de diálogo, de forma bastante propositiva e eficaz. (T15)

Os tutores faziam todo o acompanhamento, e o professor recebia informações a respeito por meio dos encontros presenciais. (T14)

Nós tutores ficamos responsáveis pelo acompanhamento e pela correção e repasse da nota avaliativa. (T7)

No que se refere às características da ação pedagógica desenvolvida, destaca-se que o trabalho de acompanhamento dos cursistas, de acordo com os professores respondentes, foi realizado prioritariamente pelos tutores, que posteriormente discutiam com os professores os encaminhamentos necessários. Os fragmentos das respostas dos professores exemplificam essa característica:

Como tínhamos apenas um tutor, ele acompanhou todos os alunos do Núcleo. (P7)

Os tutores participaram ativamente da relação com os cursistas, reportando as situações periodicamente. (P9)

As avaliações que o (a) tutor(a) apresentava dificuldades de realizar eram encaminhadas para mim, eu efetuava as correções e as enviava para o aluno [...] A orientação é que os tutores encaminhassem mensagens semanais de orientação e motivação dos alunos. (P11)

Corroborando essa resposta, o professor P2 afirmou que o acompanhamento do cursista ficou a cargo do tutor, que era orientado pelo professor, e que o desempenho do tutor garantiu uma proximidade maior com os cursistas:

Todos os encontros foram registrados em forma de ‘memória de reunião’, disponibilizada via e-mail para todos/as os/as tutores. As atividades dos tutores foram acompanhadas pela plataforma e por WhatsApp, cuja eficiência garantiu maior proximidade dos cursistas com o/a tutor/a. (P2)

Em alguns excertos das respostas, podem-se verificar indicativos de um trabalho coletivo, como: “[...] discutíamos como problematizar cada resposta no momento da devolutiva aos cursistas”. (P6)

Os tutores respondentes indicaram algumas dificuldades encontradas durante o acompanhamento pedagógico dos cursistas, conforme relatos apresentados na sequência.

Cursistas nem sempre tinham o hábito de verificar o e-mail, ou o excesso de e-mails enviado pelo ambiente fez com que nem sempre todos fossem lidos. (T3)

Houve falhas constantes nos sistemas de mensagens do e-ProInfo, o que, em parte, dificultou a interação on-line síncrona. (T11)

No NB1 houve muita complicação na plataforma, e alguns cursistas ficaram furiosos. Nunca deixei de responder a uma mensagem imediatamente; mesmo que eu não soubesse ajudá-los, eles sempre eram informados de que seriam providenciadas as soluções. Foi ruim a comunicação via Skype também, pois agendávamos horários e, quando chegava o momento, eles não tinham caixa de som no computador pessoal, não era possível conversar e nem se ver pela câmera. Muitos não sabiam usar outra ferramenta além do e-mail. (T14)

Confesso que, em alguns momentos, havia pouca interatividade e um período muito longo sem respostas no caso de mensagens assíncronas. (T15)

A interação se deu através da troca de mensagens e fóruns. O único problema é que alguns cursistas demoravam a dar retorno ou ignoravam as mensagens orientando com relação às atividades e prazos. (T22)

A organização do trabalho dos cursistas foi criticada pelos tutores responsáveis, ao indicarem que nem todos os participantes desenvolviam as atividades, ou seja, normalmente apenas alguns membros do grupo as faziam. Esse aspecto foi recorrente nos relatos dos tutores.

Nem todos os participantes desenvolviam as atividades. (T2)

Normalmente o grupo deixava para um ou dois fazerem. (T8)

Havia constantes reclamações de que alguns membros não participavam das atividades. (T11)

Era evidente quando somente uma pessoa fazia a atividade e as demais não contribuíam por conta do montante total de atividades do módulo. Sempre tinha [sic] aquele que fazia todas e outros que não faziam nenhuma, ou poucas, e aparecia o nome na atividade coletiva. (T14)

Muitos cursistas ficavam 'nas costas' dos colegas. Tanto que, no momento em que o curso ficou mais individual, muitas dessas pessoas desistiram. (T20)

Foi possível perceber que alguns cursistas não auxiliavam na realização das atividades coletivas. (T21)

Com base em elementos de outras perguntas do questionário para os professores, sobre o envolvimento e importância da contribuição dos tutores no planejamento e avaliação das atividades e na comunicação com cursistas e professores, pode-se compreender que a forma de divisão do trabalho entre professores e tutores no acompanhamento dos cursistas não significa, necessariamente, a fragmentação do trabalho docente. A divisão das atividades acordada pela equipe docente, desde que compartilhada a autoria pedagógica de todo o processo, pode resultar em um efetivo acompanhamento do cursista, principalmente nos casos em que o número de cursistas é bastante expressivo.

Retomando os principais elementos da temática, podemos destacar que o acompanhamento pedagógico dos cursistas ocorreu de forma coletiva, em geral com interações quinzenais com o professor voltadas para orientação, *feedback* de atividades e esclarecimento de dúvidas sobre os conteúdos dos Núcleos. Nesse processo, a equipe docente utilizou recursos on-line e reuniões presenciais de planejamento. Como principal dificuldade no acompanhamento pedagógico os professores ressaltaram a pouca participação dos cursistas nas atividades propostas e dificuldades na utilização do ambiente virtual E-ProInfo. Também nessa temática, emergiram elementos que evidenciaram o trabalho coletivo como característica pedagógica da docência no Curso.

4.1.3 Recursos Didáticos e Atividades

Compreendendo que a docência envolve elementos relativos aos recursos e atividades utilizados ao longo do Curso, esta seção busca investigar se as atividades propostas estavam de acordo com a realidade dos cursistas, bem como discutir se os materiais e o ambiente virtual eram compreensíveis e de fácil utilização.

4.1.3.1 E-book

Além de atuar na oferta, cinco professores respondentes participaram do projeto de desenvolvimento dos materiais didáticos do Curso EECD, realizado pelo Núcleo Multiprojetos de Tecnologia Educacional (Nute) da UFSC. Ao longo do Curso, a maioria dos professores utilizou parcialmente o material do *e-book*, eliminando algumas atividades.

Pelo resultado apresentado pelos tutores, registra-se que 19 declararam que o professor que coordenou seu módulo utilizou o *e-book* integralmente; os demais indicaram que o professor usou todo o conteúdo e algumas atividades.

Para os professores e tutores, ainda no que se refere ao *e-book*, a qualidade da apresentação gráfica, a coerência da sequência didática, a relevância do conteúdo e a clareza do texto foram avaliadas como boas ou excelentes.

Uma das principais dificuldades apontadas pelos professores acerca do *e-book* foi o excesso de atividades e o pouco tempo para os cursistas desenvolvê-las. Assim, foi necessário selecionar algumas atividades dentre as propostas no material. Embora houvesse uma orientação comum, os professores possuíam

a liberdade de organizar os materiais da maneira que considerassem mais adequada. Como critérios para realizar essa seleção, os professores destacaram: cronograma de atividades, perfil dos cursistas, recursos utilizados/disponíveis para as atividades, e a adequação das atividades à realidade dos cursistas. Apenas um professor destacou que foi necessário aumentar o número de atividades do seu Núcleo. Portanto, alguns professores utilizaram o *e-book* na íntegra; outros, apenas como suporte conceitual; e outros ainda, como material de consulta. Os excertos a seguir exemplificam tais apontamentos:

No PLAC, optamos por utilizar a maior parte das atividades, apenas algumas foram revistas. O maior desafio foi adequar as atividades ao cronograma do Curso. No início, utilizamos todas as atividades, e os alunos se sentiram sobrecarregados. (P11)

Critérios de seleção: os mais apropriados para os alunos do Curso, de mais fácil acesso. Desafios: propor atividades que realmente poderiam ser executadas pelos alunos. (P12)

O *e-book* funcionou como material de consulta. (P10)

Outro critério apontado pelos professores respondentes, para a seleção das atividades, foi a disponibilidade de recursos para sua realização, como pode observado nos excertos a seguir:

Foram selecionadas as atividades que possibilitassem o uso de um dos recursos ou ferramentas discutidos na unidade. (P4)

Entendemos que os conteúdos estavam muito adequados, mas algumas atividades previstas continham dificuldades operacionais. (P5)

De maneira semelhante, o professor P3 indicou como critérios o perfil dos cursistas aliado ao cronograma disponível, mas ressaltou que seu maior desafio consistiu na integração do seu Núcleo com o PLAC: “Utilizamos como critério o perfil dos nossos alunos e o cronograma de que dispúnhamos. Desafio: integrar com o PLAC”. (P3)

O projeto do Curso previa uma articulação do NE com o PLAC; entretanto, em muitos materiais não estava prevista essa articulação. Nesses casos, foi necessário que o professor ministrante planejasse atividades que privilegiassem essa interlocução. O fragmento a seguir indica essa realidade do professor P6.

Eu não elaborei o conteúdo do núcleo, mas considero que foi excelente. As atividades também não foram elaboradas por mim, com exceção da que envolvia a articulação com o PLAC 3. (P6)

Nesse contexto, o professor P7 relata que foi solicitada pela Coordenação a elaboração de atividades de integração para além das que já constavam no ma-

terial: “Houve a necessidade de acrescentar atividades àquelas já propostas pelo material, por solicitação da Coordenação do Curso”. (P7)

O professor P8 destaca que utilizou o material na íntegra, conforme o excerto a seguir:

Utilizamos o material na íntegra. No primeiro tópico, criamos algumas atividades extras para facilitar o acompanhamento das alunas, mas como a participação não estava acontecendo como esperávamos, não acrescentamos novas atividades nos tópicos seguintes, nos concentrando na realização das atividades principais. (P8)

Embora também tenha utilizado o *e-book* integralmente, o professor P13 traz indicativos de que foi necessária uma adequação das atividades à realidade dos cursistas: “Critério: seguir o *e-book* rigorosamente; desafios: compactar as atividades para que ficassem mais de acordo com a realidade vivenciada pelos professores das escolas”. (P13)

O Professor P9, afirma que utilizou o *e-book* apenas como suporte conceitual, criando novas atividades a partir dos contextos reais dos alunos, conforme o excerto:

Usamos o *e-book* como um suporte conceitual. Estabelecemos uma proposta de ensino em que os cursistas buscassem problemas de sua realidade e depois refletissem sobre eles com base nos conceitos do *e-book*. Assim, as atividades foram recriadas tendo em vista esse movimento de olhar a realidade, identificar problemas e procurar soluções. (P9)

Os professores P1 e P2 não destacaram nenhum critério utilizado para selecionar atividades, ou qualquer apontamento com relação aos desafios encontrados na realização das tarefas do Curso: “Não tinha a informação de que não podia utilizar. Apenas selecionamos as atividades”. (P1); “A decisão foi tomada no coletivo por toda a equipe”. (P2)

Diante da análise das respostas, sinteticamente, destaca-se que os professores P6, P8, P9, P12 e P13 mencionaram como critérios para seleção das atividades a sua adequação à realidade dos cursistas. P3 e P11 citaram o cronograma do Curso e o perfil dos cursistas como elementos norteadores para seleção dos conteúdos e atividades propostas do *e-book*.

Alguns tutores registraram sugestões de modificações para o material do seu Núcleo; no entanto, salienta-se que grande parte declarou estar satisfeita com o material, julgando-o adequado. Dentre as sugestões, emergiram: repensar a carga horária do Curso em função da quantidade de atividades; diminuir o número de atividades e tutoriais; trazer mais reflexão sobre valores e princípios democráticos das TDIC junto ao texto principal; maior objetividade nas questões de reflexão de cada disciplina; modificar o material de forma que ele fique mais atrativo e que as atividades não sejam repetitivas; maior interação entre os alunos e posicionamentos compartilháveis; tornar o núcleo de gestão menos

empresarial e mais voltado à gestão escolar. Outras sugestões são apresentadas na sequência.

■ Não tivemos muito acesso ao Núcleo de Base, com certeza seria interessante que os tutores tivessem acesso ao conteúdo completo em si, com momentos de estudo e troca de ideias. (T7)

■ O material do PLAC era muito bem-elaborado. Apenas sugerir para fazer as questões das atividades de maneira mais simplificada, primeiro, porque é um curso a distância, e, depois, os cursistas, embora sejam professores, têm bastante dificuldade de compreender um conteúdo mais culto. (T9)

■ Penso que os conteúdos têm um caráter bastante abrangente; porém, penso que as atividades sugeridas não precisam ser seguidas à risca. Podem ficar em aberto para que os grupos de trabalho elaborem outras com base nos contextos nos quais futuros cursos sejam realizados. (T15)

■ Reduzir o número de atividades e repensar as atividades do NB e PLAC, pois muitas tem um quê de repetição entre si. Os cursistas sempre reclamaram, e com razão. (T20)

■ O site precisava ser muito melhorado, mais simples. Não adianta aos professores ter muitas tarefas em diferentes ambientes se a plataforma não é acessível e de fácil uso. Acredito também que criar um compartilhamento dos trabalhos e ideias de professores seria muito bacana para estimular os cursistas e outros professores também, mas isso precisaria ser aberto a todas as escolas, inclusive as que ainda não participaram do curso. (T25)

Ao compreender que, na proposta do Curso, o PLAC se configura como sua espinha dorsal e deveria ser trabalhado de maneira articulada com os Núcleos de Base (NB) e Específicos (NE), os professores respondentes avaliaram a compreensão dos conteúdos desse módulo durante sua atuação como professor no Curso. Observa-se que, dentre 13, sete professores declararam possuir muita compreensão, e seis afirmaram ter pouco entendimento do conteúdo do Núcleo do PLAC. Inference-se, com base nesse dado, que esses seis professores podem ter encontrado dificuldades para realizar a articulação entre PLAC e NE, prevista na proposta metodológica do Curso.

Os tutores, em geral, indicaram ter compreendido os conteúdos dos módulos. No entanto, no Núcleo Avançado (NA), alguns tutores declararam não possuir entendimento dos conteúdos abordados. Quanto à articulação dos conteúdos e/ou atividades entre os módulos PLAC, NB, NE e NA, os tutores indicaram que, em geral, ela não ocorreu, conforme excertos apresentados na sequência.

■ Não, pois não tínhamos contato e acesso aos núcleos. (T2)

Não. Apesar de algumas atividades tentarem dialogar, não sabíamos o que ocorria no PLAC. (T3)

Não, faltou maior articulação. (T5)

Na minha compreensão, foi pouco. (T6)

Não, e muitas vezes senti falta do contato entre tutores, coordenadores e professores. (T7)

Tudo ficou muito vago, pois as atividades repetiam-se muito, e até os alunos achavam todas elas muito chatas de fazer. (T8)

A articulação ocorreu entre o PLAC e os Núcleos de Base. Com o Núcleo Específico e o Núcleo Avançado, nós tutores do PLAC praticamente não tivemos contato, pois não tínhamos acesso. (T9)

Acredito que ocorreu mais com relação aos Núcleos de Base e o PLAC, e menos em relação ao Núcleo Avançado. (T15)

Houve articulação, mas poderia ter sido maior. Há necessidade de mais interação entre os tutores do PLAC e Núcleos de Base e Específicos. (T22)

Muito pouca. Na minha opinião, essa articulação deveria começar a ser tecida desde o início do curso, pois facilitaria o processo. (T25)

Quando questionados sobre sugestões para modificação dos materiais dos Núcleos (*e-book*), 11 professores responderam. Desses, três destacaram aspectos técnicos como revisão do menu de navegação, estruturação do sumário e produção de vídeos com entrevistas mais curtas. Com relação aos aspectos técnicos, os excertos a seguir apontam alguns exemplos:

O menu de navegação deve ser repensado, pois era difícil localizar as atividades e partes específicas do material. (P1)

Não temos sugestão de modificação, exceto os vídeos, cujas entrevistas são longas demais e sem ter intercalação de imagens. (P5)

Além dos aspectos técnicos, seis professores destacaram aspectos pedagógicos, principalmente referentes à diminuição da quantidade de atividades ou revisão de sua proposição. Também a necessidade de acesso prévio a todos os materiais dos Núcleos antes do início do Curso, de modo que o cursista possa visualizá-los conforme sua disponibilidade. O excerto a seguir exemplifica essa questão, trazendo elementos técnicos e também pedagógicos:

A começar pelo *e-book*, ele precisa ter um sumário. Sua leitura ainda é linear: não é possível ler um texto sem ter de passar por todas as suas "páginas". Outro ponto importante é que o curso tem de estar todo pronto e disponível ao cursista. Ele merece saber o que vem à frente, e não ficar esperando o próximo "módulo" para ver como fazer o anterior. (P2)

O professor P2, docente do PLAC, conforme o extrato acima, sugere a inserção de sumário no *e-book*, de maneira que permita ao cursista navegar livremente e ler as "páginas" que achar interessantes na ordem que lhe for mais adequada, sem necessariamente seguir uma ordem sequencial imposta de páginas ou conteúdos. Vale destacar que, ao final do Curso, a equipe que elaborou o material já havia solucionado o problema e inserido em todos os *e-books* dos núcleos um sumário, porém preservando a sequência de acesso em paginação. Além disso, o excerto do professor P2 indica a necessidade de disponibilizar todo o material do Curso ao cursista no início, de modo que ele possa ter a visão dos próximos módulos antes de concluir o anterior. Relaciona-se a isso o fato de o Curso ter se iniciado no momento em que o material dos Núcleos ainda estava em produção, ficando prontos no decorrer dos semestres. Assim, o cursista teve acesso inicialmente ao material do PLAC e do NB, mas só pôde observar os materiais da continuidade (Núcleos Específicos e Avançados) após ter concluído o primeiro semestre do Curso. Essa falta de tempo, entre a finalização dos materiais e o início dos módulos, prejudicou o planejamento docente e de todas as ações do Curso.

Ainda com relação aos aspectos pedagógicos, pode-se observar os excertos a seguir:

■ Diminuir o número de atividades. Conteúdo OK. (P3)

O material está muito bem-elaborado. Ele apenas prevê a realização de muitas atividades, o que pode ser inviável, dada a condição de trabalho da grande maioria dos professores. Ainda que se selecionem algumas para serem obrigatórias (que foi o que fizemos), para a realização delas é imprescindível o professor passar pelas demais. Nesse caso, a sugestão seria rever este encadeamento de atividades. Talvez privilegiar alguns recursos que possibilitassem a realização de diferentes atividades. (P4)

Penso que o conteúdo do núcleo está adequado. Repensando as atividades, a escrita do dossiê de inclusão acabou se tornando um pouco confusa para os cursistas no momento das postagens. Eu reveria esta atividade. (P6)

As atividades poderiam ser removidas do material, ficando apenas no documento de orientação do curso, dando maior autonomia para os professores estruturarem a proposta pedagógica a partir do contexto dos cursistas e do curso. (P11)

Sim. Menos atividades. (P13)

De modo geral, os professores sugeriram diminuir a quantidade de atividades propostas, ou mesmo removê-las do *e-book*, deixando apenas como orientação aos professores de cada Núcleo, delegando maior autonomia para o docente organizar ou propor atividades de acordo com o contexto dos cursistas. É importante salientar que metade dos tutores respondentes não participou do planejamento dos módulos, de forma que não realizaram sugestões de alterações e novas propostas de atividades e/ou estratégias.

Ainda em relação ao *e-book*, os tutores registraram comentários gerais, como: além da proposta digital, poderia haver material impresso; o NB não apresentava clareza na elaboração das atividades, portanto poderia utilizar uma linguagem mais simples e direta, e muitas atividades caminhavam na mesma direção; e o número de atividades poderia ser reduzido.

4.1.3.2 Ambiente virtual

Nesta seção, tratou-se da análise das questões referentes à utilização do Ambiente Virtual E-ProInfo, buscando-se compreender a visão dos professores e tutores acerca da sua funcionalidade, navegabilidade, facilidade de entendimento das suas ferramentas, possibilidades de comunicação com os cursistas, dentre outros aspectos que poderão auxiliar a reflexão sobre os limites e possibilidades do E-ProInfo.

Dentre as dificuldades percebidas no desenvolvimento do Curso, para oito professores, elas foram referentes à ferramenta utilizada no Ambiente Virtual (E-ProInfo); para três, as dificuldades estiveram relacionadas ao curto tempo de planejamento e desenvolvimento do Núcleo, e dois professores se referiram a outros aspectos não identificados.

Cabe destacar que 10 professores e 20 tutores consideraram que a navegação no Ambiente Virtual E-ProInfo não estava adequada ao acompanhamento do cursista, mencionando ou descrevendo alguns limites, tais como: lentidão, interface pouco amigável, utilização de termos pouco comuns às redes, limitações com relação à interação entre cursistas e professores, ambiente inadequado ou impeditivo de mediação, dentre outros, como se pode observar nos excertos a seguir:

Ele é lento, tem interface pouco amigável, usa termos pouco comuns às redes, apresenta dificuldades para atividades síncronas. (P5)

A ferramenta E-ProInfo não se constitui em um ambiente de aprendizagem que reproduz uma sala virtual com espaço de orientações claras aos cursistas. É tudo muito fragmentado nos links internos. Cada ferramenta tem seu espaço de *feedback*, sendo difícil reunir a visão geral do andamento do núcleo. (P8)

A E-ProInfo limita muito a interação com os alunos e a organização do ambiente virtual. Ele não é intuitivo e gera a sensação de que o curso é basicamente a leitura do conteúdo e a entrega das atividades, dificuldades a articulação entre as diferentes ações e encaminhamentos do Núcleo e o diálogo com os alunos. (P11)

Os tutores registraram diversos comentários acerca do E-ProInfo, com destaque para as críticas e sugestões de melhorias, como: bate-papo não funcionou ou demorava para chegar; o diário acumulou postagens e não informava as datas; as mensagens poderiam ser mais práticas de serem enviadas, assim como no formato de e-mail; foi muito trabalhoso ter de escolher cursista por cursista para enviar a mensagem; em comparação com o ambiente virtual Moodle, o E-ProInfo foi considerado muito inferior. Além disso, destacam-se os seguintes relatos:

- É complicado para quem não conhece, prefiro o Moodle. (T1)
- O ambiente é de péssima qualidade. (T2)
- O ambiente foi o grande desafio, não gerava bons relatórios e os cursistas perdiam-se. (T3)
- Precisa ser melhor elaborado/reformulado em algumas ferramentas de trabalho. (T5)
- É uma plataforma com bastantes possibilidades de interação, porém os cursistas tiveram bastantes dificuldades para se encontrar dentro da plataforma, principalmente no início do curso. A plataforma poderia ser mais simples. (T9)
- Penso que o sistema poderia ser melhor desenvolvido. Em alguns momentos saiu do ar, e a navegação não era muito prática. (T15)
- Não é uma ferramenta adequada para trabalhar com grande número de cursistas e dialogar com eles. (T18)
- É um ambiente muito falho e instável. Em diversas ocasiões, o sistema estava fora e não funcionava. (T21)
- Plataforma não adequada à proposta do curso. (T28)
- É restritivo, demorado para chegar aos locais de trabalho, muitos links. (T29)
- Encontramos muitos problemas de velocidade e caídas do sistema que desencorajavam os cursistas. (T30)

Os professores, além de destacar os limites do E-ProInfo, questionaram ou sugeriram a utilização de outros ambientes virtuais, que possibilitem melhores estratégias de mediação ou interação e comunicação entre os participantes do Curso, como pode ser observado nos fragmentos a seguir:

Penso que há outros ambientes que podem ser utilizados; o E-ProInfo é meio confuso, trava, é um pouco limitante. (P6)

A plataforma não é nada intuitiva. Não justifica seu uso diante de outras possibilidades bastante mais coerentes. (P7)

Ambiente em que, sinceramente, não vejo efetividade alguma para qualquer mediação de ensino e aprendizagem; aliás, não há espaço adequado e funcional para mediação neste ambiente. O Moodle cumpre muito bem a função do processo de ensino e aprendizagem na EaD. (P13)

Dentre as ferramentas disponíveis no Ambiente Virtual E-ProInfo, os professores, em sua maioria, utilizaram, com mais frequência como recurso didático-pedagógico, o Fórum (12), a atividade (nove), e a mensagem individual (sete).

Assim, ressalta-se que o Ambiente Virtual E-ProInfo foi considerado pela maioria dos professores e tutores respondentes como ineficiente para as necessidades do Curso, dificultando a navegação, interação, mediação e comunicação. Além disso, não se configurou como um espaço organizado para o arranjo de materiais e um diálogo pedagógico com os cursistas, além dos espaços de cada ferramenta para a realização de atividades ou ao próprio fórum de notícias do Curso. Logo, para uma próxima oferta, sugere-se utilizar outro ambiente virtual, que corresponda à proposta do Curso no que se refere aos aspectos pedagógicos, buscando-se espaços de qualidade para interação e mediação, sem primar apenas por espaços para entrega de atividades.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Proinfo tem como princípio, desde 1997, a realização de cursos de formação continuada para professores, com relação à temática das tecnologias ligadas à Educação. A partir de 2007, a ênfase dos cursos ofertados por esse programa voltou-se mais para os aspectos pedagógicos do uso das tecnologias, e não somente aos aspectos operacionais. *O Curso de Especialização em Educação na Cultura Digital* foi concebido como uma continuidade na formação pedagógica do Proinfo, sendo esperado e desejado que os cursistas já tivessem realizado as demais formações do programa.

Considerando-se o período de 20 anos de existência do Proinfo e os inúmeros cursos já ofertados, identificou-se, surpreendentemente, que a maioria dos cursistas desistentes que responderam ao questionário de avaliação afirmaram a não realização de cursos acerca da temática das tecnologias no âmbito educacional, conforme a Figura 34. Isso leva à reflexão sobre as dificuldades de acesso dos professores aos cursos ofertados, bem como sua carga horária de trabalho nas diversas escolas onde atuam, horários de planejamento ou “horários livres” não compatíveis com as ofertas dos cursos, impossibilidade de acesso a cursos on-line por falta de infraestrutura e/ou acesso adequado à internet, entre outros motivos.

Cabe ressaltar que um dos critérios para a participação no curso EECD era que a inscrição não fosse realizada individualmente, mas, sim, com um grupo da escola, visando à constituição do trabalho coletivo, tanto para a realização das tarefas do Curso, quanto para o desenvolvimento das atividades na escola. Esses grupos foram constituídos por professores de diferentes áreas, gestores e assessores pedagógicos, bem como por integrantes dos núcleos de tecnologia educacional (municipais ou estaduais). O objetivo desse arranjo foi articular o coletivo da escola no processo do curso, incentivando que a própria escola se percebesse como um espaço formativo. Porém, em sua maioria, os grupos foram se desarticulando no decorrer do curso, seja por mudanças de escola, principalmente nos casos dos professores ACT, por trocas de função ou outras justificativas apontadas pelos desistentes, conforme indicado nas páginas 65 e 66, por exemplo. Esse dado, apesar de não desejado, de alguma forma já era esperado, uma vez que a instabilidade do corpo docente nas escolas é conhecida; muitos professores permanecem apenas um ano na instituição por motivo de contrato temporário, essa uma das razões da dificuldade de estabelecer um coletivo forte que construa projetos duradouros. Longe de recomendar soluções individuais de formação aos docentes, esses dados sugerem que a próxima edição do Curso EECD se inicie junto com o ano letivo da escola, de modo que as etapas coletivas aconteçam ao longo do calendário anual, bem como a necessidade de exigir um compromisso formal da Direção da escola e dos órgãos gestores, para garantir condições de os cursistas acompanharem as atividades do Curso. Além disso, cabe ressaltar que políticas que minimizem a troca do corpo docente da escola podem auxiliar a constituição de um coletivo mais efetivo de formação e ação na realidade de seu contexto.

Outro fator que parece ter sido determinante para a desarticulação dos grupos e desistência de cursistas foi uma interrupção no Curso. Após o desenvolvimento dos Núcleos de Base 1 e 2, PLAC 1 e 2, de agosto de 2014 a abril de 2015, o Curso esteve paralisado no período de abril a julho de 2015, em decorrência do atraso no repasse de verbas e no pagamento das bolsas dos tutores e professores. Na retomada de atividades, em agosto de 2015, observou-se um número considerável de desistências, o que provocou a necessidade de reorganização do PLAC 3 em cinco turmas. Somando-se os abandonos do início do curso até esse período, a taxa de desistência foi de aproximadamente 58,4%.

Ao comparar o perfil dos cursistas desistentes com o dos concluintes, identificou-se que aqueles possuem mais tempo de experiência no magistério. A diferença entre os dois grupos também se caracteriza pelos níveis de escolaridade – cerca de 14% dos desistentes possuem o título de mestre e, entre os concluintes, 6% têm esse título. Algumas informações são semelhantes entre os dois grupos. As áreas de formação são bastante diversificadas dentro dos grupos, porém, em ambos, a formação em Pedagogia predomina. As áreas relacionadas à informática representam cerca de 10% em cada grupo. As funções exercidas pelos respondentes na escola também são pouco diferenciadas entre os grupos. Cerca de 60% são professores; e 10%, gestores escolares. Segue-se com 5% compostos de profissionais integrantes dos NTM (Núcleos de Tecnologia Municipal). Os motivos para ingresso no Curso EECD também são bem semelhantes, embora os cursistas concluintes tenham atribuído maior importância à obtenção do título de especialista. Destaca-se que a carga horária de trabalho de ambos os grupos também é semelhante, em geral, maior que 30 horas.

Em relação às dificuldades encontradas pelos cursistas desistentes para a realização do Curso, foram enfatizadas aquelas relacionadas às tecnologias, como acesso ao ambiente do E-ProInfo e aos materiais on-line, obstáculos relacionados à compreensão dos conteúdos dos módulos e à comunicação com a Coordenação do curso. Destacam-se, também, críticas sobre o excesso de atividades. Ao mesmo tempo, avaliaram o incentivo da Coordenação do Curso, da Secretaria do Curso e do suporte do E-ProInfo como os menos efetivos para a permanência na Especialização. A partir desses dados, pode-se inferir que os principais motivos para a desistência dos cursistas podem estar vinculados à dificuldade em lidar com as ferramentas digitais e à falta de um suporte adequado pensado para quem não tinha conhecimento inicial do E-ProInfo e tampouco familiaridade com materiais de hipermídia. Cerny e Espindola (2016) investigaram a apropriação da hipermídia que serviu de material para o Curso e identificaram dificuldades entre os cursistas para se adaptarem ao formato digital, para eles tão diferenciado da cultura do estudo em material impresso. As autoras corroboram a presente constatação de que o curso cria a necessidade de modificação nas práticas de estudo e de trabalho dos educadores cursistas.

Um aspecto a ser destacado é que, embora tenha desistido de realizar o curso, a maioria registrou elogios e afirmou que voltaria a fazê-lo se tivesse nova oportunidade. Portanto, há indicativos de que o curso atendeu minimamente às expectativas da maioria dos cursistas desistentes, embora isso não indique ausência de aspectos a serem corrigidos em caso de uma nova oferta. Dentre as alterações sugeridas pelos cursistas desistentes para futuras edições, as mais recorrentes referem-se aos seguintes aspectos: acompanhamento pedagógico e organização do curso, atividades desenvolvidas e recursos didáticos.

Em relação ao acompanhamento pedagógico, as sugestões foram relativas ao *feedback* das atividades com mais agilidade, incentivo para participação no Curso, comunicação mais frequente e fluida entre cursistas e equipe docente, critérios mais claros e previamente definidos para as avaliações, melhor preparo e disponibilidade da equipe docente e compreensão por parte dos professores e tutores do contexto dos cursistas.

Em relação à organização do curso, os cursistas desistentes sugeriram uma maior divulgação do cronograma e de mudanças metodológicas. As sugestões referem-se, principalmente, à impressão e distribuição do cronograma para os cursistas e ao cumprimento dos prazos e atividades sem mudanças constantes. Com relação às atividades desenvolvidas, os cursistas desistentes mencionaram a possibilidade de diminuir a quantidade de atividades e aumentar o prazo para realização de cada uma.

No que se refere aos recursos didáticos utilizados, os comentários apontam a necessidade de haver uma versão impressa do material, que permita aos professores da escola a sua leitura, mesmo quando estiverem sem acesso à internet, seja por inexistência ou inconstância de sinal. Assim, considera-se a possibilidade de disponibilizar o material off-line para leitura, sem que haja a perda das características de hipermídia. Além disso, foi ressaltada a necessidade de melhoria da plataforma E-ProInfo, que, de acordo com os cursistas, foi um dos fatores de maior dificuldade no decorrer do curso, pois suas ferramentas não eram intuitivas e geravam confusão.

Na percepção dos cursistas concluintes, muitos desses aspectos também foram registrados, principalmente as dificuldades geradas pelo excesso de atividades e o pouco tempo para desenvolvê-las. O E-ProInfo também recebeu críticas dos cursistas concluintes, assim como a falta de material disponível para impressão.

Já o material didático foi positivamente avaliado com relação à sua qualidade e articulação entre os módulos. A interação dos cursistas concluintes com a equipe docente, de uma maneira geral, foi avaliada positivamente. Ainda assim, a comunicação entre a equipe pedagógica e Coordenação com os cursistas concluintes recebeu algumas críticas, principalmente no que se refere à ausência de *feedback* das atividades.

Todas as ferramentas tiveram avaliações majoritariamente positivas. Convém destacar a ferramenta bate-papo, que não foi utilizada por cerca de um terço

dos cursistas concluintes, e algumas avaliações negativas atribuídas ao texto coletivo, ao diário, ao bate-papo e às mensagens individuais. A partir dos Núcleos Específicos, as atividades parecem ter se tornado mais complexas, sendo o TCC o momento em que eles perceberam um maior nível de exigência.

Na percepção dos cursistas concluintes, para uma possível reoferta do Curso, seria necessário considerar a utilização de outros aplicativos que facilitem a comunicação, a seleção das atividades sugeridas nos *e-books* dos módulos para diminuir a quantidade e permitir a realização de *feedbacks* mais aprofundados e um maior prazo para realização das atividades elencadas.

Na avaliação do Curso por parte das equipes docentes, todos os professores respondentes avaliaram como muito ou extremamente importante a atuação do tutor nas atividades docentes do Curso, especialmente no que se refere à devolutiva das atividades aos cursistas, à comunicação com os cursistas e com o professor sobre a situação de cada estudante. Na percepção dos professores, os tutores desempenharam um papel muito importante também na avaliação das atividades, nas estratégias de mediação, na elaboração dos critérios de avaliação e no planejamento das atividades. Assim, infere-se que, em geral, os professores avaliaram positivamente a contribuição dos tutores para o desenvolvimento da proposta do curso, valorizando sua participação nos vários âmbitos de atuação da equipe docente.

Com base nos relatos da equipe docente, fica evidente que o acompanhamento pedagógico dos cursistas ocorreu de forma coletiva, em geral, em interações quinzenais com o professor voltadas para orientação, *feedback* de atividades e esclarecimento de dúvidas sobre os conteúdos dos Núcleos. Nesse processo, a equipe docente utilizou recursos on-line e reuniões presenciais de planejamento. Como principal dificuldade no acompanhamento pedagógico, os professores ressaltaram a pouca participação dos cursistas nas atividades propostas e dificuldades na utilização do ambiente virtual E-ProInfo. Talvez essa percepção dos professores esteja relacionada à crítica dos cursistas em relação à ausência de *feedback* das atividades. Neste mesmo aspecto, a organização do trabalho dos cursistas foi recorrentemente criticada pelos tutores, ao indicarem que nem todos os participantes desenvolviam as atividades, apenas alguns membros do grupo.

Assim como percebido pelos cursistas, uma das dificuldades apontadas pelos professores refere-se ao *e-book*, mais especificamente, ao excesso de atividades e ao pouco tempo para os cursistas desenvolvê-las. Os professores relataram que foi necessário selecionar algumas atividades dentre as originalmente propostas no material, o que parece ter sido ainda insuficiente, considerando-se os resultados das percepções dos cursistas sobre esse aspecto.

A maioria dos professores e tutores avaliou positivamente o material do Núcleo em que atuou, julgando-o adequado, mas foram tecidas algumas sugestões para a sua melhoria, como: repensar a carga horária do Curso em função da quantidade de atividades; diminuir o número de atividades e tutoriais; modificar

o material de forma que fique mais atrativo e que as atividades não sejam repetitivas; trazer mais reflexão sobre valores e princípios democráticos das TDIC junto ao texto principal; maior objetividade nas questões de reflexão de cada disciplina; maior interação entre os alunos; tornar o Núcleo de Gestão menos empresarial e mais voltado à gestão escolar.

Como já citado, para a maior parte dos professores e tutores a navegação no ambiente virtual do E-ProInfo não estava adequada para o acompanhamento do cursista, e foram descritos alguns limites, tais como lentidão, interface pouco amigável, utilização de termos pouco comuns às redes e limitações com relação à interação entre cursistas e professores. Assim, para uma próxima oferta, sugere-se utilizar outro ambiente virtual, que corresponda à proposta do Curso no que se refere aos aspectos pedagógicos, buscando-se espaços de qualidade para interação e mediação, sem primar apenas por espaços para entrega de atividades.

Na proposta do Curso, todos os Núcleos – Núcleos de Base (NB) e Específicos (NE) – deveriam estar articulados ao desenvolvimento do PLAC, que é o espaço de reflexão-ação-reflexão no coletivo da escola. Dessa forma, a equipe docente avaliou a compreensão dos conteúdos desse módulo durante sua atuação no Curso. Observou-se que cerca de metade dos professores participantes da pesquisa declararam ter pouca compreensão dos conteúdos e atividades do PLAC. Quanto à articulação dos conteúdos e/ou atividades entre os módulos PLAC, NB, NE e NA, os tutores indicaram que, em geral, ela não ocorreu.

O PLAC era o núcleo que promovia a organização dos cursistas na forma de coletivos escolares, para que trabalhassem em conjunto. Essa organização parece ter sido dificultada por três principais motivos, como se pode notar nas respostas dos concluintes: falta de comprometimento dos cursistas integrantes da equipe; falta de tempo para as atividades formativas; e mudança de escolas dos professores cursistas. No contexto do Curso, o PLAC foi um elemento diferenciado e que, portanto, trouxe movimentações para a formação. Houve uma parcela dos concluintes e desistentes que não se adaptou às comunicações com o PLAC; enquanto alguns concluintes elogiaram sua articulação, outros o perceberam como desconexo, com pouco sentido.

Os resultados deste processo de autoavaliação também apontam que o Curso significou avanços. Ele promoveu o debate entre os cursistas com os demais educadores da sua escola, conforme indicado por mais de 74% dos cursistas concluintes, e gerou impacto nas escolas, conforme relatos apresentados nas páginas 83 e 84. Deixou claro, também, como é angustiante e novo para o professor pensar o seu contexto e buscar respostas coletivas e autorais para os problemas da escola. Talvez a maior contribuição do Curso tenha sido despertar a reflexão sobre as TDIC de forma mais ampla, reestruturando algumas práticas nos contextos educativos de que os cursistas participam.

Os próprios cursistas dão sinais das transformações que foram suscitadas. Destaca-se que, com relação à utilização das TDIC na atuação profissional após

a realização do Curso, os cursistas concluintes respondentes apontaram a contribuição para o processo de ensino-aprendizagem; a mudança no olhar referente à construção, produção e compartilhamento de materiais e conhecimentos; além de mencionar algumas ferramentas utilizadas nas práticas docentes que modificaram a metodologia de trabalho do professor, tais como: pesquisas interdisciplinares, jogos digitais, celulares, câmeras fotográficas, aplicativos diversos, interação social-virtual, softwares educativos, narrativas digitais, dentre outras. Para melhor entendê-las e significá-las, no entanto, são necessárias pesquisas mais aprofundadas das produções dos cursistas ao longo do Curso e suas repercussões nas escolas.

O Curso, ao mesmo tempo em que foi elaborado a partir de um conjunto de críticas às formações continuadas oferecidas aos professores, encontrou novos desafios, problemas identificados pelos sujeitos desta autoavaliação e para os quais o Curso não estava preparado, e que agora podem ser levados em conta em futuras edições. Em sua estruturação pedagógica, o Curso significou uma novidade para os cursistas e para a equipe docente, ao organizar suas ações a partir da reflexão sobre a prática docente e o contexto escolar.

Salienta-se que este relatório possui um caráter descritivo, fornecendo informações que podem ser úteis para melhor compreender a oferta e os resultados do Curso EECD, bem como para subsidiar a reflexão sobre possíveis reformulações em próximas ofertas. Contudo, o processo de avaliação do Curso possui, entre seus limites, a impossibilidade de generalização das informações apresentadas, tendo em vista que a taxa de participação dos cursistas desistentes foi baixa (9% em relação ao total de desistentes), e não foram realizados cálculos de tamanho da amostra, o que impossibilita a generalização das informações como sendo representativas do universo de cursistas e equipe docente. Em futuras investigações, sugere-se que outros aspectos sejam incluídos no processo de avaliação do Curso, tais como variáveis que possam influenciar os resultados, mas, principalmente, estratégias de avaliação do impacto da formação nas escolas participantes.



PÓS-ESCRITO

Escola e Cultura Digital: apontamentos sobre o Curso do ponto de vista da experiência vivida pelos coordenadores

Henrique César da Silva

Marina Bazzo de Espíndola

Pensamos que este trabalho de avaliação trouxe elementos empíricos importantes para aprimorar este Curso em eventuais próximos oferecimentos. Mais do que isso, fornece subsídios para criação de outras propostas de formação na temática Educação na Cultura Digital, que, com certeza, é de extrema relevância no contexto atual, em que as tecnologias digitais atravessam, transformam, coabitam, intervêm, desafiam, impõem, controlam e inspiram elementos diversos em quase todos os aspectos das nossas vivências, cotidianas ou não, individuais ou coletivas. Transformam, também, da produção e circulação de conhecimentos à produção e circulação artística, passando pelas relações interpessoais, públicas e privadas.

Certamente, um processo de avaliação tem seus contornos e limites. Ele é apenas uma parte de um processo de reflexão gerado pelo Curso sobre esta questão da qual ainda sabemos pouco empiricamente: as relações entre educação escolar e cultura digital. De que transformações e invenções produzidas nas escolas participantes as atividades e ideias propostas e levadas pelo Curso fizeram parte, estão conectadas, foram origem, o modelo, ou a inspiração? Não temos dúvida de que houve mudanças nas práticas docentes de muitos dos concluintes, e talvez de desistentes também, que conseguiram cursar uma parte do programa; mas não sabemos, ainda, a amplitude dessas mudanças.

Essas e outras inúmeras questões permanecem em aberto, aguardando oportunidades e novas propostas de pesquisa e avaliação. As atividades realizadas e registradas na plataforma do E-ProInfo, o banco de Trabalhos de Conclusão do Curso disponível no repositório da UFSC, assim como as mídias criadas para divulgar as produções do Curso fornecem muito material ainda a ser explorado com novas questões, e diferentes abordagens teóricas e metodológicas. Há diversos trabalhos de investigação acadêmica em andamento, cujo objeto são as produções do Curso e seus impactos. Pensamos que seria interessante finalizar o relatório de avaliação com uma contribuição diferente, a que emerge da nossa própria experiência como Coordenadores. Assim, entremeeamos relatos, sensações, impressões, desafios e – mais questões.

O gerenciamento de um curso de Especialização tem diversos fatores específicos de complexidade. Se, de um lado, ele tem que se adequar às resoluções da Universidade, por outro, sua não perenidade faz com que seja preciso constituir toda uma estrutura própria. É preciso selecionar, formar e coordenar uma estrutura de secretaria que envolve diferentes frentes, as quais precisam estar articuladas: o sistema de apoio aos cursistas; o sistema de apoio às equipes docentes; o

gerenciamento do sistema da universidade (CAPG); o gerenciamento do sistema de pagamentos e bolsas, que, por sua vez, se desdobra em dois sistemas, o do MEC e o da verba de custeio gerenciado, no nosso caso, pela Fapeu; e o sistema tecnológico de mediação das interações entre os sujeitos, e entre os sujeitos e os materiais, que, neste curso, se desdobrou em mais dois sistemas, o dos materiais propriamente ditos (o catálogo dos materiais do MEC) e o ambiente do E-ProInfo. Tudo representou uma experiência nova para nós, enquanto Coordenadores.

Paralelamente ao desafio de conhecer, pela primeira vez, esses sistemas, aprendê-los, havia o desafio de lidar com eles de forma integrada, e fazer o Curso com características próprias e inovadoras, e se adaptar a esses sistemas. Como classificar, como pedia o sistema CAPG, os cursistas em desistentes ou regulares, se o Curso era inovador e ofertado em fase-piloto, se tínhamos que flexibilizar e fazer mudanças, dada a percepção em andamento de elementos no Curso que não se adequavam à realidade de trabalho e de vida dos cursistas, dentro de um trabalho constante de resgate de cursistas que poderiam eventualmente voltar ao Curso, que, por suas características, tinham encontrado dificuldades em seguir? Apesar de se constituir claramente como uma experiência-piloto em que a viabilidade do desenho do Curso seria avaliada, a proposta do MEC para a oferta em Santa Catarina foi a de contemplar 800 educadores em todo o Estado. Isso se constituiu num grande desafio, pois todas as ações do Curso tiveram que ser pensadas em grande escala, dificultando um acompanhamento mais próximo de cada equipe de cursistas por parte das Coordenações envolvidas na oferta. Em consequência, foi grande, também, o número de docentes envolvidos no projeto e as necessidades de formação e acompanhamento desta equipe. Soma-se a isso a falta de tempo no início do projeto para a formação das equipes dos módulos iniciais.

Ao longo do processo, fomos percebendo necessidades de adaptações do Curso à realidade da oferta, principalmente no que se referia ao excesso de atividades que engessavam o processo, e à importância de incorporar a autoria dos professores da oferta na seleção e interpretação dos materiais e proposição de formas de mediação da aprendizagem. Com um grupo tão extenso, isso se configurou num desafio importante. Ao mesmo tempo, reconhecemos a riqueza da experiência de trabalhar em uma equipe docente de mais de 20 professores, trazendo suas visões e construções sobre a relação da Educação com a cultura digital a partir de seus campos de formação.

Ao gerenciamento de todos esses aspectos soma-se ainda outro: a coordenação da produção de novas mídias e novos materiais do curso, como previsto no projeto da oferta-piloto, mas não previsto no projeto original do curso. Um dos objetivos do projeto de implementação era promover a publicização em rede e o compartilhamento dos conhecimentos produzidos pelos participantes, cursistas e formadores. Esse trabalho envolveu a coordenação de uma equipe multidisciplinar, que criou a mídia social do curso. No entanto, o tempo de dedicação à

produção das mídias e seus conteúdos tomou o tempo necessário também para articular essas mídias às atividades formativas que envolviam produção dos cursistas nas diferentes etapas desta proposta de Especialização.

Percebemos, hoje, a importância de um trabalho de atenção aos alunos centralizado numa Coordenação de maior contato com os cursistas, o que exigiria uma equipe maior e mais adequadamente preparada de acompanhamento do que a que havíamos suposto. Esse trabalho de maior proximidade, mediado pelas tecnologias, é complexo. Embora parte da equipe docente tivesse experiência com educação a distância, para a maioria era uma experiência nova. A equipe docente do PLAC teve um papel fundamental nessa interação e interlocução curso-cursistas, e à Coordenação coube o desafio complexo de fazer circular o que essa interação trazia para as demais equipes docentes. Isso remete a um dos maiores desafios deste Curso – que diz respeito à relação entre PLAC e Núcleos Específicos (NE). Desse desafio e dos inúmeros problemas encontrados emerge uma sugestão que julgamos fundamental: a de que as equipes docentes de PLAC e NE sejam as mesmas.

Este Curso foi pensado para quem já havia feito as outras formações do PROINFO e, no entanto, o público foi outro, gerando um descompasso grande entre os cursistas, como a falta de conhecimentos básicos de tecnologias; falta de adesão e apoio de algumas escolas; dificuldade na manutenção de equipes de cursistas por escola ao longo do Curso todo, principalmente com a troca de ano letivo;

Da Tabela 4 (p. 24) podemos verificar que houve uma grande desistência no início do curso, 22%, entre o PLAC 1 e PLAC 2. Mas a maior taxa de desistência ocorreu na passagem do PLAC 2 para o PLAC 3, quando se iniciaram os NE. Nessa mudança de fase do Curso, há dois acontecimentos importantes. Ele teve que ser interrompido por vários meses; mas, antes de ser interrompido, notamos que parte dos tutores já não realizavam o acompanhamento dos alunos devido aos vários atrasos nas bolsas. Notávamos o descontentamento de muitos cursistas quanto à falta de acompanhamento. Mas outro fator importante a ser considerado para interpretar esse dado é a grande mudança na dinâmica do Curso. Alguns cursistas tiveram dificuldade em interagir com as equipes dos NE, pois para eles a interação estava baseada na equipe do PLAC. Os NE implicaram o desenvolvimento de atividades mais individuais, pois cada membro da equipe escolar agora cursava um NE diferente. Apesar da formação inicial na abertura do curso, alguns cursistas não pareciam ter compreendido bem a sua estrutura e a razão de estarem cursando PLAC 3 e NE simultaneamente. Mas há uma limitação que deve ser considerada quanto à própria fidedignidade dos números, pois as desistências não foram completamente computadas ao longo do desenvolvimento do PLAC 1 e 2. Os números só foram atualizados após a efetivação das matrículas no NE, ou seja, muitos alunos podem ter desistido antes e ainda constavam como efetivos, posto que havia ainda a chance de, estudando caso a caso, se desenvolver alguma recuperação. Outro fator que pode ter motivado

desistências nas fases iniciais do curso, até culminar nos números computados no início efetivo dos NE e PLAC3, diz respeito a até então os cursistas não terem tido nenhuma reflexão ou atividade ou conteúdo do Curso relacionado com sua área de atuação curricular, o que só aconteceria nos NE que estavam se iniciando. São desistentes que, portanto, não chegaram a estudar conteúdos sobre cultura digital associados às práticas de ensino específicas dos assuntos trabalhados em suas aulas. Isso nos induz a uma possibilidade futura de mudança na estrutura do Curso, que poderia se iniciar com PLAC e NE, numa articulação contínua, costurando-se a dimensão coletiva (PLAC) com a dimensão individual (NE). Assim, o PLAC poderia auxiliar a articular coletivamente reflexões que fossem desenvolvidas nos NE, assim como os NE poderiam refletir maneiras de oferecer subsídios para as necessidades coletivas identificadas no PLAC.

De fato, parece ser bem coerente supor que haja grandes expectativas em aprender cultura digital na relação com seu trabalho específico de sala de aula, ou seja, na relação com os conhecimentos do conteúdo escolar da sua área de formação e atuação. Notamos também, ainda em relação às desistências ao longo do curso, que apenas 6% dos cursistas então ativos desistiram após a 3a fase, a do desenvolvimento dos NE – porcentagem menor do que a dos desistentes na última fase, que não conseguiram concluir seus TCC.

O projeto de implementação do Curso buscou se apropriar do curso já produzido não para simplesmente reproduzi-lo, mas para inventar e construir algo novo no coletivo, a partir do já construído, desdobrando aspectos da proposta original em novas propostas. Se a proposta inicial do Curso tinha como elemento central o estudo e a reflexão dos cursistas ligados à sua própria realidade e envolvendo ações de compreensão, análise e transformação e inovação nesta realidade, não se havia previsto que tudo isso é conhecimento. Isso significa conceber a escola como espaço de construção de currículo e de conhecimento pedagógico. Mas o que é de um conhecimento que não circula, que é ação local apenas, que não produz seus próprios enunciados, que não pode ser visto, experienciado, pensado, conhecido por quem não está presente no mesmo espaço e tempo em que ações acontecem? Ora, é justamente característica da cultura digital propiciar novas configurações de produção, formulação e circulação de conhecimentos. Assim, nos pareceu coerente e tentador avançar para além da proposta no sentido de construir mecanismos de circulação do que acontecia nas escolas. Nessa perspectiva, houve três ações que colocam em circulação os saberes produzidos pelos cursistas no espaço e tempo do Curso a partir de suas intervenções criativas em suas escolas. Uma delas é o repositório dos TCC¹¹, e outra foi a produção de uma mídia social.

No entanto, para que isso se efetivasse, era preciso que se interligasse às atividades do curso de modo mais efetivo. O que implicava um trabalho de re-

11 Fonte: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/166330>.

flexão interna e de produção de modificações nessa atividade. Como a produção da mídia social levou tempo, a articulação com o Curso já pronto começou a acontecer tarde. Apenas uma das inúmeras atividades do PLAC 3 efetivamente trabalhou essa interligação explícita entre as ações dentro das escolas e uma atividade de ocupação da própria rede virtual, para fazer circular essas atividades e estabelecer novas conexões, ampliando a potencialidade transformadora da proposta do Curso.

Este trabalho, coordenando uma equipe de produção e, simultaneamente, buscando articular essa produção com o Curso, mostrou que ainda não vemos, em geral, a potencialidade das redes sociais para circulação dos saberes produzidos pelos membros das escolas, corpos docente e administrativo. Se as redes sociais fizeram aumentar, multiplicar, variar o espaço de autoria na circulação de saberes, dos blogs aos youtubers, essa potencialidade ainda não se conectou à produção dos saberes docentes. Mas o curso apontou pelo menos essa potencialidade. De certo que ocupar as redes sociais para divulgar seus saberes docentes implica mais novas demandas para condições de trabalho já bastante limitadoras. Que o Curso tenha colocado essa possibilidade em pauta já consideramos importante.

Assim, indicamos que os seguintes aspectos precisam ser contemplados em uma nova oferta do Curso:

- conhecimento rigoroso das condições estruturais das escolas participantes do Curso quanto às tecnologias digitais, para que as ações considerem e se adaptem a essas condições, que variam muito de local para local, no lugar de selecionar apenas escolas que tenham tais condições, operando uma seleção excludente;
- entendimento rigoroso do grau de conhecimento e interação dos cursistas no início do Curso com as tecnologias digitais – novamente, não para excluir os que têm um baixo domínio e conhecimento, mas para levar isso em consideração na mediação pedagógica do curso;
- iniciar o curso impreterivelmente no início do ano letivo;
- formar as equipes docentes com mais tempo antes do início do curso;
- incentivar, modificando atividades do curso, que os saberes produzidos sejam compartilhados nas redes sociais;
- iniciar o curso com PLAC e NE simultaneamente, de modo que a equipe docente do PLAC seja a mesma do NE, e ambas as frentes atuem conjuntamente e de modo como PLAC e NE.

Além dessas recomendações, consideramos que as universidades devem ser incentivadas a elaborar um projeto próprio de oferta deste Curso, que o adapte à sua realidade. Uma das premissas dessa oferta-piloto na UFSC foi a de que este movimento representasse uma apropriação inovadora, criativa, e não uma simples aplicação de algo pronto. A parceria com o Lantec fortalecia essa ideia, por dispormos de um laboratório de criação e reflexão sobre mídia-educação dentro da própria UFSC, e do próprio CED. Representando

essa ideia, mantivemos o logotipo do Curso, mas criamos um logotipo próprio da sua oferta. Mantivemos os objetivos do Curso original e sua estrutura, mas acrescentamos a possibilidade de que os produtos do programa ocupassem efetivamente as redes durante seu desenvolvimento.



REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Persona, 1977.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação**. Campinas: Autores Associados, 2005.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510 de abril de 2016**. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>>. Acesso em 16 de junho de 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Referenciais de Qualidade para a Educação Superior a distância**. Brasília, DF: 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/legislacao/refead1.pdf>>. Acesso em 16 de junho de 2016.

CERNY, R. Z.; ESPINDOLA, M. B. Formação de Professores para a Integração das TDIC ao Currículo. In: MACIEL, C.; ALONSO, K. M.; PANIAGO, M. C. (orgs.) **Educação a Distância: interação entre sujeitos, plataformas e recursos**. Cuiabá: EdUFMT, 2016. p. 477-498.

CERNY, R. Z.; ALMEIDA, J. N. de.; RAMOS, E. **Formação continuada de professores para a cultura digital**. Revista e-Curriculum, v. 2, n.12, maio/out., 2014.

DIAS SOBRINHO, José; RISTOFF, Dilvo. (Org.). **Avaliação e compromisso público: a educação superior em debate**. Florianópolis: Insular, 2003.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 12ª Edição. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1979.

GALDINO, M. N. D. **A autoavaliação institucional no ensino superior como instrumento de gestão**. In: CD-ROM do 25º Simpósio Brasileiro e 2º Congresso Ibero-Americano de Política e Administração da Educação, São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.anpae.org.br/simposio2011/cdrom2011/PDFs/trabalhosCompleto/comunicacoesRelatos/0399.pdf>> Acesso em 16 de junho de 2016.

GATTI, B. A. Avaliação Institucional: processo descritivo, analítico ou reflexivo? **Estudos em Avaliação Educacional**, v. 17, n. 34, maio/ago, 2006.

GIL, A. C. **Método e técnicas de pesquisa social**. 6 ed., São Paulo: Atlas, 2008.

MASETTO, M. T. Avaliação Institucional: definições e posicionamentos. **Estudos em Avaliação Educacional**. São Paulo, n. 1, p. 9-12, jan/jun, 1990.

RAMOS, Edla Maria Faust; BÚRIGO, Carla Cristina Dutra; CERNY, Roseli Zen; CAVELLUCCI, Lia Cristina Barata; DA SILVA, Mônica Renneberg; HASSAN, Elizangela Bastos. **Curso de Especialização em Educação na Cultura Digital: Guia de Diretrizes Metodológicas**. Brasília: Ministério da Educação, 2013a.

RAMOS, Edla Maria Faust; CERNY, Roseli Zen; CAVELLUCCI, Lia Cristina Barata; DA SILVA, Mônica Renneberg; BÚRIGO, Carla Cristina Dutra; HASSAN, Elizangela Bastos. **Curso de Especialização em Educação na Cultura Digital: Documento Base**. Brasília: Ministério da Educação, 2013b.

UFSC. **Processo seletivo para tutores do Curso de Especialização em Educação na Cultura Digital**. 2014. Disponível em: http://noticias.ufsc.br/files/2014/06/EDITAL-TUTORES_NB-e-PLAC.pdf. Acesso em 18 de setembro de 2017.



APÊNDICES

APÊNDICE A

QUESTIONÁRIO AVALIATIVO - Cursistas Concluintes

Curso de Especialização em Educação na Cultura Digital - UFSC

Avaliação do Desenvolvimento do Curso

Blocos:

A - Participação no Curso

B - Interação e articulação do coletivo da escola

C - Recursos didáticos e atividades (Material-Base; Ambiente Virtual; Atividades)

D - Acompanhamento pedagógico e interação (Equipe docente)

E - Resultados

F - Perfil do cursista

O objetivo deste questionário é avaliar a execução do Curso de Especialização em Educação na Cultura Digital, em relação ao acompanhamento pedagógico e acadêmico dos cursistas, os recursos didáticos utilizados e atividades propostas, bem como a interação com a equipe docente.

SUA PARTICIPAÇÃO É MUITO IMPORTANTE, tendo em vista que este é um curso-piloto, e todas as informações coletadas serão consideradas para a reformulação das próximas edições. Assim, reserve cerca de 15 minutos para respondê-lo.

Seja sincero(a) ao responder ao questionário. Sua participação é anônima. A equipe agradece a disponibilidade!

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

() Declaro formalmente que estou de acordo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A- PARTICIPAÇÃO NO CURSO

1. Polo de inscrição:

- Caçador
- Campos Novos
- Chapecó
- Concordia
- Criciúma
- Grande Florianópolis
- Itajaí
- Ituporanga
- Joinville
- São Miguel do Oeste

2. Assinale o Núcleo Específico (NE) que você cursou:

- Aprendizagem de **Artes Visuais** e Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC)
- Aprendizagem de **Biologia** no Ensino Médio e TDIC
- Aprendizagem de **Ciências** no Ensino Fundamental e TDIC
- Educação Física** e TDIC
- A Prática Docente no **Ensino Fundamental I** e TDIC
- Aprendizagem de **Filosofia** e TDIC
- Aprendizagem de **Física** no Ensino Médio e TDIC
- Formação** de Educadores na Cultura Digital
- Aprendizagem de **Geografia** no Ensino **Fundamental** e TDIC
- Aprendizagem de **Geografia** no Ensino **Médio** e TDIC
- Gestão**
- Aprendizagem de **História** no Ensino **Fundamental** e TDIC
- Aprendizagem de **História** no Ensino **Médio** e TDIC
- Aprendizagem de **Língua Estrangeira** e TDIC
- Aprendizagem de **Língua Portuguesa** no Ensino **Fundamental** e TDIC
- Aprendizagem de **Língua Portuguesa** no Ensino **Médio** e TDIC
- Aprendizagem de **Matemática** no Ensino **Fundamental** e TDIC
- Aprendizagem de **Matemática** no Ensino **Médio** e TDIC
- Aprendizagem de **Química** no Ensino Médio e TDIC
- Tecnologias Assistivas

3. Assinale o Núcleo Avançado (NA) que você cursou:

- Ética na Cultura Digital
- Jogos Digitais e Aprendizagem
- Linguagens de Nosso Tempo
- Tecnologias Digitais no Letramento Estatístico

4. Selecione os TRÊS principais motivos que levaram você a ingressar no Curso:

- Vontade de aprender mais sobre TDIC
- Curiosidade
- Obter um título de especialista
- Colaboração com o grupo da escola
- Influência dos colegas da escola
- Influência da equipe gestora da escola
- Facilidade de ingresso ao Curso
- Identificação com a temática
- Aperfeiçoamento ou atualização e qualificação de suas práticas docentes
- Outro. Especifique:

5. Quantas horas por semana você costumava estudar para o Curso?

- horas

6. Onde você estudava com mais frequência para o Curso?

- Casa
- Na escola em que trabalho
- Biblioteca
- Meio de transporte
- Outro

7. O grupo gestor de sua escola apoiava as iniciativas e atividades vinculadas ao Curso?

- Sim
- Não

7.1 Especifique como:

8. Você tinha liberação de sua escola, de carga horária de trabalho, para o desenvolvimento das atividades do Curso?

- Sim
- Parcialmente
- Não

8.1 Caso tenha respondido sim ou parcialmente na questão anterior, explique:

B - INTERAÇÃO E ARTICULAÇÃO DO COLETIVO DA ESCOLA

1. Descreva a composição da sua equipe de trabalho na escola, relacionada ao início do Curso, indicando a quantidade de participantes em cada função (Ex.: 3 Professores, 1 Orientador, 2 Supervisores, 1 Gestor, etc.):

2. Com relação a sua equipe de trabalho na escola:

- Permaneceu a mesma durante todo o curso
- Você mudou de escola e de equipe
- Outros integrantes mudaram de escola e de equipe
- Outros integrantes desistiram
- Outro:

2.1 Se ocorreram mudanças na composição do grupo, comente os motivos:

3. Todos os integrantes participaram no desenvolvimento das atividades coletivas propostas?

- Sim
- Não

3.1 Comente sobre a participação dos integrantes da equipe no desenvolvimento das atividades:

4. As atividades coletivas, propostas pelo Curso, foram elaboradas principalmente por meio de:

- Debates online
- Debates presenciais
- Pesquisas individuais, agrupadas posteriormente pelo coletivo
- Pesquisa individual, sem conexão com o grupo
- Outro:

5. Quais as dificuldades encontradas por você para realização das atividades com o grupo da escola?

C - RECURSOS DIDÁTICOS E ATIVIDADES

1. Avalie o material (E-book) do Plano de Ação Coletivo (PLAC), quanto à:

	Péssima	Ruim	Boa	Excelente
Qualidade da apresentação gráfica (ilustrações, gráficos, vídeos, animações, tabelas, texto, etc.)				
Relevância do conteúdo em relação à sua realidade de atuação profissional				
Coerência da sequência didática considerando seu processo de aprendizagem				
Clareza do texto para a compreensão do conteúdo				

2. Avalie o material (E-book) do NÚCLEO DE BASE (NB), quanto à:

	Péssima	Ruim	Boa	Excelente
Qualidade da apresentação gráfica (ilustrações, gráficos, vídeos, animações, tabelas, texto, etc.)				
Relevância do conteúdo em relação à sua realidade de atuação profissional				
Coerência da sequência didática considerando seu processo de aprendizagem				
Clareza do texto para a compreensão do conteúdo				

3. Avalie o material (E-book) do NÚCLEO DE ESPECÍFICO (NE), quanto à:

	Péssima	Ruim	Boa	Excelente
Qualidade da apresentação gráfica (ilustrações, gráficos, vídeos, animações, tabelas, texto, etc.)				
Relevância do conteúdo em relação à sua realidade de atuação profissional				
Coerência da sequência didática considerando seu processo de aprendizagem				
Clareza do texto para a compreensão do conteúdo				

4. Avalie o material (E-book) do NÚCLEO DE ESTUDOS AVANÇADOS (NA), quanto à:

	Péssima	Ruim	Boa	Excelente
Qualidade da apresentação gráfica (ilustrações, gráficos, vídeos, animações, tabelas, texto, etc.)				
Relevância do conteúdo em relação à sua realidade de atuação profissional				
Coerência da sequência didática considerando seu processo de aprendizagem				
Clareza do texto para a compreensão do conteúdo				

5. Avalie o GRAU DE DIFICULDADE para realizar as atividades propostas pelo Curso em cada núcleo:

Módulo	Nenhum	Pouco	Muito	Extremo
PLAC				

Módulo	Nenhum	Pouco	Muito	Extremo
Núcleo de Base (NB)				
Núcleo Específico (NE)				
Núcleo Avançado (NA)				
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)				

6. Caso você tenha encontrado dificuldades na realização das atividades propostas, você atribui:

- ao conteúdo exigido
- ao número de atividades
- ao tempo de execução
- à linguagem
- à ferramenta do ambiente virtual utilizada (E-ProInfo)
- Não encontrei dificuldades
- Outro. Especifique:

7. Quais foram as dificuldades encontradas para o planejamento e desenvolvimento da Atividade de Intervenção proposta pelo Núcleo Específico (NE)?

8. Avalie a QUALIDADE DAS FERRAMENTAS do E-ProInfo utilizadas ao longo do Curso:

Ferramenta	Péssima	Ruim	Boa	Excelente	Não utilizei
Mensagem individual de texto					
Bate-papo					
Fórum					
Diário					
Portfólio					
Texto coletivo					
Atividade					

9. Deixe aqui seus comentários e/ou sugestões sobre os recursos didáticos (E-books e E-ProInfo) e atividades utilizados no Curso:

D - ACOMPANHAMENTO PEDAGÓGICO E INTERAÇÃO (EQUIPE DOCENTE)

1. Selecione os TRÊS principais canais que você utilizou para comunicação com o professor e o tutor:

- Fórum do E-ProInfo
- Chat do E-ProInfo
- Mensagem individual de texto do E-ProInfo
- E-mail
- Telefone
- Facebook
- Whatsapp/SMS
- Skype
- Outro:

2. Em relação ao desenvolvimento do Plano de Ação Coletivo (PLAC), avalie a qualidade do(a):

	Péssima	Ruim	Boa	Excelente
Planejamento				
Avaliação (instrumentos utilizados, critérios empregados, etc.)				
A forma de devolutiva das atividades (<i>Feedback</i> , comentários, etc.)				
Comunicação e interação com os tutores				
Comunicação e interação com os professores				

3. Em relação ao desenvolvimento dos Núcleos de Base (NB), avalie a qualidade do(a):

	Péssima	Ruim	Boa	Excelente
Planejamento				
Avaliação (instrumentos utilizados, critérios empregados, etc.)				
A forma de devolutiva das atividades (<i>Feedback</i> , comentários, etc.)				
Comunicação e interação com os tutores				
Comunicação e interação com os professores				

4. Em relação ao desenvolvimento do Núcleo Específico (NE), avalie a qualidade do(a):

	Péssima	Ruim	Boa	Excelente
Planejamento				
Avaliação (instrumentos utilizados, critérios empregados, etc.)				
A forma de devolutiva das atividades (<i>Feedback</i> , comentários, etc.)				
Comunicação e interação com os tutores				
Comunicação e interação com os professores				

5. Em relação ao desenvolvimento do Núcleo de Estudos Avançados (NA), avalie a qualidade do(a):

	Péssima	Ruim	Boa	Excelente
Planejamento				
Avaliação (instrumentos utilizados, critérios empregados, etc.)				
A forma de devolutiva das atividades (<i>Feedback</i> , comentários, etc.)				
Comunicação e interação com os tutores				
Comunicação e interação com os professores				

6. Em relação ao desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), como você avalia a qualidade da comunicação e interação com os orientadores:

- () Péssima
- () Ruim
- () Boa
- () Excelente

7. Na sua compreensão, ocorreu a articulação dos conteúdos e/ou atividades entre quais módulos cursados – PLAC, Núcleos de Base (NB), Núcleo Específico (NE) e Núcleo Avançado (NA)?

8. Comentários e/ou sugestões sobre a equipe docente e/ou módulos cursados:

E- RESULTADOS

1. As atividades propostas pelo Curso proporcionaram debates SOBRE A ESCOLA entre o GRUPO DE CURSISTAS?

- () Sim
- () Parcialmente
- () Não

1.1 Avalie a qualidade dos debates gerados:

- Péssima
- Ruim
- Boa
- Excelente
- Não se aplica

2. As atividades propostas pelo Curso proporcionaram debates entre o GRUPO DE CURSISTAS e os DEMAIS DOCENTES da escola?

- Sim
- Parcialmente
- Não

3. A sua concepção sobre o uso das TDIC mudou após o Curso?

- Sim
- Parcialmente
- Não

3.1 Comente sobre essa mudança:

4. Com a realização do Curso, você passou a utilizar TDIC na sua atuação profissional?

- Sim
- Parcialmente
- Não

4.1 Descreva essa utilização das TDIC:

5. Após a realização do Curso, como você avalia a articulação entre TDIC e currículo na sua escola?

- Péssima
- Ruim
- Boa
- Excelente

5.1 Comente sobre essa articulação:

6. Quais as contribuições do desenvolvimento da prática de Intervenção para sua atuação profissional?

F - PERFIL DO CURSISTA

1. Idade:

- 18 a 24 anos
- 25 a 35 anos
- 36 a 46 anos
- 47 a 57 anos
- 58 ou mais

2. Sexo:

- Feminino
- Masculino

3. Situação Funcional: (é possível assinalar mais do que uma alternativa)

- Efetivo
- ACT

4. Atuação: (é possível assinalar mais do que uma alternativa)

- Escola estadual
- Escola municipal

5. Tempo de atuação no magistério:

- Até 2 anos
- De 3 a 6 anos
- De 7 a 10 anos
- De 11 a 15 anos
- De 16 a 20 anos
- De 21 a 30 anos
- Mais de 30 anos

6. Nível de formação (máximo):

- Ensino médio completo
- Superior incompleto
- Superior completo
- Especialização
- Mestrado
- Doutorado
- Outro:

7. Área(s) de formação: (é possível assinalar mais do que uma alternativa)

- Artes
- Biologia
- Educação física
- Física
- Filosofia
- Geografia
- História
- Língua estrangeira
- Língua portuguesa
- Matemática
- Pedagogia
- Química
- Sociologia
- Outro:

8. Área de atuação na escola no momento de ingresso no Curso:

- Professor
- Orientador escolar
- Supervisor escolar
- Gestor escolar
- Integrante do NTE
- Integrante do NTM
- Outro:

9. Carga horária de trabalho semanal durante o período de realização do Curso:

- Até 10h
- de 10h a 20h
- de 21h a 30h
- 31h a 40h
- Mais de 40h

10. Equipamentos que você possui e/ou utiliza em casa:

- Computador de mesa
- Notebook e/ou netbook
- Tablet
- Camera fotográfica digital
- Smartphone
- Outro:

11. Equipamentos e ambientes que existem em sua escola:

- Computador de mesa
- Notebook e/ou netbook
- Tablet
- Smartphone
- Câmera fotográfica digital
- Filmadora digital
- Gravador de áudio
- Lousa digital
- Laboratório de informática
- Projetor multimídia
- Outro:

12. Equipamentos e ambientes que você utiliza no planejamento e execução de suas atividades profissionais relacionadas a escola:

- Computador de mesa
- Notebook e/ou netbook
- Tablet
- Smartphone
- Câmera fotográfica digital
- Filmadora digital
- Gravador de áudio
- Lousa digital
- Laboratório de informática
- Projetor multimídia
- Outro:

13. Você utiliza o computador para:

- Acessar Redes Sociais
- Acessar E-mail
- Realizar pesquisas na Internet
- Participar de jogos
- Editar textos
- Editar apresentações de slides
- Editar imagens
- Editar vídeos
- Planejar e desenvolver suas aulas
- Outro:

14. Você tem acesso à internet na escola?

- Sim
- Parcialmente
- Não

15. Você tem acesso à internet em casa?

- Sim
- Parcialmente
- Não

16. Assinale os cursos oferecidos pelo PROINFO que você realizou antes de iniciar O Curso de Especialização em Educação na Cultura Digital:

- Introdução à educação digital
- Tecnologias na educação
- Elaboração de projetos
- Redes de aprendizagem
- Projeto UCA (Um computador por aluno)
- Outro:
- Não realizei

17. Como você avalia seu grau de conhecimento de informática, anterior ao seu ingresso no Curso, para o desenvolvimento das atividades:

- Péssimo
- Ruim
- Bom
- Excelente

18. Deixe aqui os comentários sobre o Curso que não foram contemplados ao longo do questionário:

APÊNDICE B

QUESTIONÁRIO AVALIATIVO – Cursistas Desistentes

Curso de Especialização em Educação na Cultura Digital - UFSC

Avaliação do Desenvolvimento do Curso

Blocos:

A – Ingresso e Desistência

B – Perfil do cursista

O objetivo deste questionário é avaliar a execução do Curso de Especialização em Educação na Cultura Digital, em relação ao acompanhamento pedagógico e acadêmico dos cursistas, os recursos didáticos utilizados e atividades propostas, bem como a interação com a equipe docente.

SUA PARTICIPAÇÃO É MUITO IMPORTANTE, tendo em vista que este é um curso-piloto, e todas as informações coletadas serão consideradas para a reformulação das próximas edições. Assim, reserve cerca de 15 minutos para respondê-lo.

Seja sincero(a) ao responder ao questionário. Sua participação é anônima. A equipe agradece a disponibilidade!

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

() Declaro formalmente que estou de acordo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

() Declaro formalmente que estou de acordo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A – INGRESSO E DESISTÊNCIA

1. Polo de inscrição:

- Caçador
- Campos Novos
- Chapecó
- Concordia
- Criciúma
- Grande Florianópolis
- Itajaí
- Ituporanga
- Joinville
- São Miguel do Oeste

2. Assinale os cursos oferecidos pelo PROINFO que você realizou antes de iniciar o Curso de Especialização em Educação na Cultura Digital:

- Introdução à educação digital
- Tecnologias na educação
- Elaboração de projetos
- Redes de aprendizagem
- Projeto UCA (Um computador por aluno)
- Outro:
- Não realizei

3. Selecione os TRÊS principais motivos que levaram você a ingressar no Curso de Especialização em Educação na Cultura Digital:

- Vontade de aprender mais sobre TDIC
- Curiosidade
- Obter um título de especialista
- Colaboração com o grupo da escola
- Influência dos colegas da escola
- Influência da equipe gestora da escola
- Facilidade de ingresso ao curso
- Identificação com a temática
- Aperfeiçoamento ou atualização e qualificação de suas práticas docentes
- Outro:

4. Descreva a composição da sua equipe de trabalho na escola, relacionada ao curso, indicando a quantidade de participantes em cada função (Ex.: 3 Professores, 1 Orientador, 2 Supervisores, 1 Gestor, etc.):

5. Os principais motivos para o seu afastamento do Curso foram:

- Motivos pessoais (problemas de saúde, familiares, etc.)
- Mudança de escola
- Mudança de carreira
- Excesso de trabalho na escola
- Excesso de atividades no Curso
- Pouco tempo para estudar
- Pouca contribuição dos materiais para a sua prática profissional
- Dificuldades de comunicação com a coordenação do curso
- Dificuldades de interação com o grupo da escola
- Período de paralisação das atividades do Curso
- Falta de apoio da equipe gestora da escola
- Desistência dos demais colegas do grupo
- Dificuldade de compreensão dos conteúdos dos materiais base dos módulos
- Dificuldades de acesso ao Ambiente Virtual (E-ProInfo)
- Dificuldade de acesso aos materiais do curso (on-line)
- Realização da Avaliação Presencial
- Outro:

5.1 Se possível, explique a situação vivenciada:

6. Os demais colegas do grupo da escola continuaram a realizar o Curso?

- Sim
- Somente alguns
- Não

7. Avalie o incentivo dos seguintes profissionais, a sua Permanência no Curso:

	Péssimo	Ruim	Bom	Excelente	Não se aplica
Coordenação do Curso					
Secretaria do Curso					
Suporte do E-ProInfo					
Professores do Curso					
Tutores do Curso					
Colegas da Escola					

8. Comentários e/ou sugestões para possíveis reformulações do Curso (opcional):

B - PERFIL DO CURSISTA

1. Idade:

- 18 a 24 anos
- 25 a 35 anos
- 36 a 46 anos
- 47 a 57 anos
- 58 ou mais

2. Sexo:

- Masculino
- Feminino

3. Situação Funcional: (é possível assinalar mais do que uma alternativa)

- Efetivo
- ACT

4. Atuação: (é possível assinalar mais do que uma alternativa)

- Escola estadual
- Escola municipal

5. Tempo de atuação no magistério:

- Até 2 anos
- De 3 a 6 anos
- De 7 a 10 anos
- De 11 a 15 anos
- De 16 a 20 anos
- De 21 a 30 anos
- Mais de 30 anos

6. Nível de formação (máximo):

- Ensino médio completo
- Superior completo
- Superior incompleto
- Especialização
- Mestrado
- Doutorado

7. Área(s) de formação:

- Artes
- Biologia
- Educação física
- Física
- Filosofia
- Geografia
- História
- Língua estrangeira
- Língua portuguesa
- Matemática
- Pedagogia
- Química
- Sociologia
- Outro:

8. Área de atuação na escola no momento de ingresso no Curso:

- Professor
- Orientador escolar
- Supervisor escolar
- Gestor escolar
- Integrante do NTE
- Integrante do NTM
- Outro:

9. Carga horária de trabalho semanal durante o período de realização do Curso:

- Até 10h
- de 10h a 20h
- de 21h a 30h
- 31h a 40h
- Superior a 40h

10. Comentários gerais sobre sua participação no curso.

APÊNDICE C

QUESTIONÁRIO AVALIATIVO – Professores

Curso de Especialização em Educação na Cultura Digital - UFSC

Avaliação do Desenvolvimento do Curso

Blocos:

A – Interação e articulação com a Equipe docente (Tutores e demais professores)

B – Acompanhamento pedagógico do cursista

C – Reflexões sobre a temática do curso

D – Recursos didáticos e atividades (Material-Base; Ambiente Virtual; Atividades)

E – Perfil do(a) Professor(a)

O objetivo deste questionário é avaliar a execução do Curso de Especialização em Educação na Cultura Digital, em relação ao acompanhamento pedagógico e acadêmico dos cursistas, os recursos didáticos utilizados e atividades propostas, bem como a interação com a equipe docente.

SUA PARTICIPAÇÃO É MUITO IMPORTANTE, tendo em vista que este é um curso-piloto, e todas as informações coletadas serão consideradas para a reformulação das próximas edições. Assim, reserve cerca de 15 minutos para respondê-lo.

Seja sincero(a) ao responder ao questionário. Sua participação é anônima. A equipe agradece a disponibilidade!

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

() Declaro formalmente que estou de acordo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A – INTERAÇÃO E ARTICULAÇÃO COM A EQUIPE DOCENTE (TUTORES E DEMAIS PROFESSORES)

1. Os encontros entre você e seu grupo de tutores aconteceram de maneira:

- Presencial
- Online (chamada de vídeo - Skype, *hangouts*, ou similares)
- Presencial e online (chamada de vídeo - Skype, *hangouts*, ou similares)
- Apenas por e-mail
- Não aconteceram
- Outro:

2. Qual a periodicidade desses encontros?

- Nunca
- Diariamente
- Semanalmente
- Quinzenalmente
- Mensalmente
- Semestralmente
- Outro:

3. Qual a finalidade desses encontros?

- Planejamento das atividades
- Construção coletiva do *feedback* das atividades
- Discussão dos instrumentos e critérios de avaliação
- Discussão sobre situações dos cursistas
- Realização de estudos coletivos
- Organização e preparação prévia para as reuniões com as outras equipes do Curso
- Repasse de instruções aos tutores
- Outro:

4. Selecione os TRÊS principais canais que você utilizou para comunicação com os tutores do núcleo:

- Fórum do E-ProInfo
- Chat* do E-ProInfo
- Mensagem individual de texto do E-ProInfo
- E-mail
- Telefone
- Facebook
- Whatsapp/SMS
- Skype
- Outro

4.1 Avalie o nível de comunicação entre você e o(s) tutor(es) do núcleo:

- () Péssimo
- () Ruim
- () Bom
- () Excelente

5. Avalie seu GRAU DE DIFICULDADE em relação à:

	Nenhum	Pouco	Muito	Extremo	Não se aplica
Compreensão da proposta do Curso					
Utilização do E-book					
Planejamento do núcleo					
Elaboração das atividades de avaliação (instrumentos utilizados, critérios empregados, etc.)					
Utilização do ambiente virtual (E-ProInfo)					
Comunicação e interação com os tutores					
Comunicação e interação com os tutores					
Comunicação e interação com os demais professores do seu núcleo					
Comunicação e interação com os demais professores do Curso					

6. Avalie o GRAU DE CONTRIBUIÇÃO de contribuição do trabalho desenvolvido pelo TUTOR, em relação à:

Módulo	Nenhum	Pouco	Muito	Extremo
Planejamento das atividades				
Estratégias de mediação				
Avaliação das atividades				
Elaboração dos critérios de avaliação				
Devolutiva das atividades ao cursista (<i>feedback</i>)				
Comunicação com os cursistas				
Comunicação com o professor sobre a situação dos cursistas (Relatório de atividades desenvolvidas)				

7. Comentários e sugestões sobre a articulação e interação da equipe docente (professores e tutores):

B – ACOMPANHAMENTO PEDAGÓGICO DO CURSISTA

1. Como você organizou o acompanhamento das atividades dos cursistas junto com os tutores?

2. Selecione as TRÊS principais razões para sua interação com o cursista:

- () Esclarecimento de dúvidas administrativas do Curso;
- () Orientações para a realização das atividades;
- () Esclarecimento de dúvidas sobre o conteúdo do núcleo;
- () Debates dos temas abordados;
- () *Feedback* das atividades;
- () Não havia interação com o cursista;
- () Outro:

3. Qual a frequência de interação entre você e os cursistas no desenvolvimento das atividades do Curso?

- () Diária
- () Semanal

- Quinzenal
- Mensal
- Não houve
- Outro:

4. Selecione os TRÊS principais canais que você utilizou para comunicação com o cursista:

- Fórum do E-ProInfo
- Chat do E-ProInfo
- Mensagem individual de texto do E-ProInfo
- E-mail
- Telefone
- Facebook
- Whatsapp/SMS
- Skype
- Outro:

5. Selecione as TRÊS principais dificuldades em relação ao acompanhamento dos cursistas:

- Pouca participação por parte dos cursistas;
- Pouca interação com os tutores;
- Pouca interação com os demais núcleos e professores;
- Encontrei dificuldades para compreensão das atividades propostas;
- Grande número de cursistas;
- Tive problemas na utilização do ambiente virtual;
- Encontrei dificuldades na compreensão dos conteúdos dos núcleos;
- Tive problemas na compreensão da proposta geral do Curso;
- Falta de auxílio da secretaria e/ou coordenação do Curso;
- Falta de auxílio da equipe técnica de ambiente virtual;
- Disponibilidade de infraestrutura (sala com computadores, acesso a internet, materiais de apoio, etc.);
- Outro:

C – REFLEXÕES SOBRE A TEMÁTICA DO CURSO

1. Após sua atuação como professor do Curso de Especialização em Educação na Cultura Digital, você incorporou alguns elementos sobre integração das TDIC nos cursos de formação de professores (Licenciaturas) que você trabalha? Se não incorporou ainda pretende incorporar? Quais e de que maneira?

2. Leia os textos a seguir:

Texto 1: Na perspectiva 1 das TDIC há uma ênfase no uso destas tecnologias, compreendendo-as como ferramentas (neutras) para satisfazer as necessidades humanas. Nesta abordagem as TDIC são agregadas ao currículo escolar, principalmente, como novas técnicas que podem otimizar o fazer docente e incentivar o educando através de atividades e novos recursos. Assim, as TDIC são utilizadas como instrumento para facilitar o processo de ensino e aprendizagem do programa escolar já concebido.

Texto 2: Na perspectiva 2 das TDIC compreende-se que as tecnologias são mais do que ferramentas, são impregnadas de valores e sua integração ao currículo não é linear, mas dialética, envolve a reflexão sobre as suas relações com a cultura, poder, mídia e com as áreas de conhecimento. Assim, as TDIC constituem linguagens que implicam um novo ambiente curricular (ou pedagógico) com diferentes formas de pensar e agir com a informação e o conhecimento.

2.1 O material do núcleo que você trabalhou com os cursistas, possui uma proposta que se identifica mais com a perspectiva do texto 1 ou do texto 2? Explícite algumas características do núcleo que corroboram com sua resposta.

2.2 Pensando em suas atividades docentes junto ao Curso, qual texto (1 ou 2) mais se aproxima da prática desenvolvida? Exemplifique descrevendo uma atividade realizada.

3. Quais articulações você consegue perceber entre a cultura digital e sua área de ensino?

4. Você tem sugestões de modificações para o material de seu núcleo? Descreva brevemente.

D - RECURSOS DIDÁTICOS E ATIVIDADES

1. Além de ser professor da oferta do núcleo do curso, você também foi autor do material?

- () Sim
- () Não

2. Ao longo do Curso, você utilizou o material do E-book (material online):

- () Integralmente (todo conteúdo e atividades)
- () Parcialmente (apenas parte do conteúdo e algumas atividades)

- () Parcialmente (todo o conteúdo e algumas atividades)
 () Não utilizou, preparou outro material.

3. Quais foram os critérios utilizados para a seleção dos conteúdos e atividades do E-book, e os desafios encontrados no planejamento do seu núcleo?

4. Em relação ao E-book (material de base) do núcleo que você atuou como professor, avalie:

	Péssima	Ruim	Boa	Excelente
Qualidade da apresentação gráfica (ilustrações, gráficos, vídeos, animações, tabelas, texto, etc.)				
Relevância do conteúdo em relação à sua realidade de atuação profissional				
Coerência da sequência didática considerando seu processo de aprendizagem				
Clareza do texto para a compreensão do conteúdo				

5. Avalie sua COMPREENSÃO DOS CONTEÚDOS abordados nos núcleos:

Módulo	Nenhuma	Pouca	Muita	Extrema
PLAC				
NB				
NE				
NA				

6. Você encontrou dificuldades para desenvolver suas atividades docentes em relação:

- () ao conteúdo do texto base (*E-book*)
 () ao tempo de planejamento e desenvolvimento do núcleo
 () à linguagem do material

- () à ferramenta utilizada do ambiente virtual (E-ProInfo)
- () não encontrei nenhuma dificuldade
- () outro:

6.1 Comente sobre as dificuldades encontradas:

7. A navegação no Ambiente Virtual E-ProInfo estava adequada para o acompanhamento do cursista?

- () Sim
- () Não

7.1 Comentários sobre o E-ProInfo:

8. Avalie a qualidade das ferramentas do E-ProInfo utilizadas ao longo do Curso:

Ferramenta	Péssima	Ruim	Boa	Excelente	Não utilizei
Mensagem individual de texto					
Bate-papo					
Fórum					
Diário					
Portfólio					
Texto coletivo					
Atividade					

9. Dentre as ferramentas disponíveis no Ambiente Virtual (E-ProInfo), assinale as TRÊS que você utilizou com mais frequência como recurso didático-pedagógico:

- () Mensagem individual de texto
- () Bate-papo
- () Fórum
- () Diário
- () Portfólio
- () Texto coletivo
- () Atividade
- () Outro:

10. Comentários e/ou sugestões sobre os recursos didáticos utilizados no Curso:

E - PERFIL DO PROFESSOR

1. Idade

- 18 a 24 anos
- 25 a 35 anos
- 36 a 46 anos
- 47 a 57 anos
- 58 ou mais

2. Sexo

- Masculino
- Feminino

3. Tempo de atuação no magistério

- Nunca atuei
- Até 2 anos
- De 3 a 6 anos
- De 7 a 10 anos
- De 11 a 15 anos
- De 16 a 20 anos
- De 21 a 30 anos
- Mais de 30 anos

4. Nível de formação (máximo)

- Especialização
- Mestrado
- Doutorado
- Outro:

5. Área(s) de formação

- Artes
- Biologia
- Educação física
- Física
- Filosofia
- Geografia
- História
- Língua estrangeira

- Língua portuguesa
- Matemática
- Pedagogia
- Química
- Sociologia
- Outro:

6. Atuou como professor de quais módulos?

- PLAC
- NB
- NE
- NA

7. Selecione os TRÊS principais motivos que levaram você a ingressar no Curso como professor:

- Identificação com a temática
- Curiosidade
- Influência da coordenação do Curso
- Auxílio financeiro
- Envolvimento na elaboração do Curso
- Aperfeiçoamento e qualificação de suas práticas docentes
- Outro. Especifique:

8. Você atua ou atuou como professor em outro curso na modalidade a distância?

- Sim
- Não

9. Qual a carga horária semanal dedicada ao Curso?

- Horas

10. Exerceu outra atividade profissional durante o acompanhamento do curso?

- Sim
- Não

10.1 Em caso afirmativo especifique qual foi a carga horária:

- Horas semanais

11. De que forma você tomou conhecimento da proposta do Curso (objetivos, organização do material, pressupostos teóricos e metodológicos, etc.)

- Cursos de formação
- Conversa com a Coordenação
- Elaboração do material
- Conversa com os demais colegas
- No desenvolvimento do Curso
- Por meio da leitura dos documentos
- Não tomei conhecimento
- Outro:

12. Você participou de alguma atividade formativa relacionada ao tema Tecnologias Digitais e Educação, antes da sua atuação no Curso?

- Sim
- Não

13. De quais atividades formativas, promovidas pelo Curso de Especialização em Educação na Cultura Digital, você participou?

- Oficina de ambiente virtual E-ProInfo
- Apresentação da proposta do Curso
- Encontros entre a equipe docente e a coordenação
- Orientações individuais com a coordenação do Curso
- Palestras sobre temas da Cultura Digital
- Não participei
- Outro:

14. Qual a relevância dessas atividades formativas para sua atuação no Curso?

- Nenhuma
- Pouca
- Moderada
- Extrema

APÊNDICE D

QUESTIONÁRIO AVALIATIVO – Tutores

Curso de Especialização em Educação na Cultura Digital - UFSC

Avaliação do Desenvolvimento do Curso

Blocos:

- A – Interação e articulação com a Equipe docente (professores e demais tutores)
- B – Acompanhamento pedagógico do cursista
- C – Reflexões Sobre a Temática do Curso
- D – Recursos didáticos e atividades (Material-Base; Ambiente Virtual; Atividades)
- E – Perfil do tutor

O objetivo deste questionário é avaliar a execução do Curso de Especialização em Educação na Cultura Digital, em relação ao acompanhamento pedagógico e acadêmico dos cursistas, os recursos didáticos utilizados e atividades propostas, bem como a interação com a equipe docente.

SUA PARTICIPAÇÃO É MUITO IMPORTANTE, tendo em vista que este é um curso-piloto, e todas as informações coletadas serão consideradas para a reformulação das próximas edições. Assim, reserve cerca de 15 minutos para respondê-lo.

Seja sincero(a) ao responder ao questionário. Sua participação é anônima. A equipe agradece a disponibilidade!

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

() Declaro formalmente que estou de acordo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A – INTERAÇÃO E ARTICULAÇÃO COM A EQUIPE DOCENTE (PROFESSORES E DEMAIS TUTORES)

1. Selecione os TRÊS principais CANAIS que você utilizou para COMUNICAÇÃO com os PROFESSORES do módulo:

- Fórum do E-ProInfo
- Chat do E-ProInfo
- Mensagem individual de texto do E-ProInfo
- E-mail
- Telefone
- Facebook
- Whatsapp/SMS
- Skype
- Outro

1.1 Avalie o nível de comunicação entre você e o(s) professor(es) do módulo:

- Péssimo
- Ruim
- Bom
- Excelente

2. Os encontros entre você (grupo de tutores) e o professor do módulo aconteceram de maneira:

- Presencial
- Online (chamada de vídeo - Skype, *hangouts*, ou similares)
- Presencial e online (chamada de vídeo - Skype, *hangouts*, ou similares)
- Apenas por e-mail
- Não aconteceram
- Outro:

3. Qual a periodicidade desses encontros?

- Nunca
- Diariamente
- Semanalmente
- Quinzenalmente
- Mensalmente
- Semestralmente
- Outro:

4. Qual a finalidade desses encontros?

- Planejamento das atividades
- Construção coletiva do *feedback* das atividades

- Discussão dos instrumentos e critérios de avaliação
- Discussão sobre situações dos cursistas
- Realização de estudos coletivos
- Organização e preparação prévia para as reuniões com as outras equipes do Curso
- Repasse de instruções aos tutores
- Outro:

5. Como foi organizado o acompanhamento das atividades dos cursistas junto com os professores?

6. Selecione os TRÊS principais CANAIS que você utilizou para COMUNICAÇÃO com os demais TUTORES do seu módulo:

- Fórum do E-ProInfo
- Chat do E-ProInfo
- Mensagem individual de texto do E-ProInfo
- E-mail
- Telefone
- Facebook
- Whatsapp/SMS
- Skype
- Outro
- Não se aplica

7. Avalie o nível de comunicação entre você e os demais tutores de seu módulo:

- Péssimo
- Ruim
- Bom
- Excelente
- Não se aplica

8. Avalie seu grau de DIFICULDADE em relação à:

	Nenhum	Pouco	Muito	Extremo	Não se aplica
Compreensão da proposta do Curso					
Utilização do E-book					
Planejamento do módulo					

	Nenhum	Pouco	Muito	Extremo	Não se aplica
Elaboração das atividades de avaliação (instrumentos utilizados, critérios empregados, etc.)					
Utilização do ambiente virtual (E-ProInfo)					
Comunicação e interação com os tutores					
Comunicação e interação com os tutores					
Comunicação e interação com os demais professores do seu módulo					
Comunicação e interação com os demais professores do Curso					

9. Avalie o grau de CONTRIBUIÇÃO do trabalho desenvolvido pelo PROFESSOR, em relação à:

Módulo	Nenhuma	Pouca	Muita	Extrema
Planejamento das atividades				
Estratégias de mediação				
Avaliação das atividades				
Elaboração dos critérios de avaliação				
Devolutiva das atividades ao cursista (<i>feedback</i>)				
Comunicação com os cursistas				
Orientações ao trabalho de tutorial				

10. Você se sentiu representado pelos professores diante da coordenação do Curso?

- Sim
- Não

10.1 Comentários:

11. Qual o nível de contribuição de sua atuação como tutor para sua formação profissional docente?

- Nenhuma
- Pouca
- Muita
- Extrema

B – ACOMPANHAMENTO PEDAGÓGICO DO CURSISTA

1. Avalie o nível de interação entre você e os cursistas no desenvolvimento das atividades do Curso:

- Péssimo
- Ruim
- Bom
- Excelente

1.1 Comentários:

2. Selecione os TRÊS principais CANAIS que você utilizou para COMUNICAÇÃO com o CURSISTA:

- Fórum do E-ProInfo
- Chat do E-ProInfo
- Mensagem individual de texto do E-ProInfo
- E-mail
- Telefone
- Facebook
- Whatsapp/SMS
- Skype
- Outro:

3. Com que frequência utilizou as ferramentas do E-ProInfo como recurso didático-pedagógico:

Ferramenta	Péssima	Ruim	Boa	Excelente	Não utilizei
Mensagem individual de texto					
Bate-papo					
Fórum					
Diário					
Portfólio					
Texto coletivo					
Atividade					

4. Selecione as TRÊS principais RAZÕES para sua INTERAÇÃO com o CURSISTA:

- Esclarecimento de dúvidas administrativas do Curso
- Orientações para a realização das atividades
- Esclarecimento de dúvidas sobre o conteúdo do módulo
- Debates dos temas abordados
- Feedback* das atividades
- Não havia interação com o cursista
- Outro:

5. Selecione as TRÊS principais DIFICULDADES em relação ao ACOMPANHAMENTO dos CURSISTAS:

- Pouca interação por parte dos cursistas
- Pouca interação com os demais colegas tutores
- Pouca interação com o professor do módulo
- Encontrei dificuldades para compreensão das atividades propostas
- Grande número de cursistas
- Tive problemas na utilização do ambiente virtual
- Encontrei dificuldades na compreensão dos conteúdos dos módulos
- Tive problemas na compreensão da proposta geral do Curso
- Falta de auxílio da coordenação do Curso
- Disponibilidade de infraestrutura (sala com computadores, acesso a internet, materiais de apoio, etc.)
- Outros:

6. Você percebeu se todos os integrantes do grupo da escola apresentaram envolvimento no desenvolvimento das atividades coletivas propostas:

- () Sim
() Não

6.1 Comentários sobre as atividades coletivas:

C – REFLEXÕES SOBRE A TEMÁTICA DO CURSO

1. Leia os textos a seguir:

Texto 1: Na perspectiva 1 das TDIC há uma ênfase no uso destas tecnologias, compreendendo-as como ferramentas (neutras) para satisfazer as necessidades humanas. Nesta abordagem as TDIC são agregadas ao currículo escolar, principalmente, como novas técnicas que podem otimizar o fazer docente e incentivar o educando através de atividades e novos recursos. Assim, as TDIC são utilizadas como instrumento para facilitar o processo de ensino e aprendizagem do programa escolar já concebido.

Texto 2: Na perspectiva 2 das TDIC compreende-se que as tecnologias são mais do que ferramentas, são impregnadas de valores e sua integração ao currículo não é linear, mas dialética, envolve a reflexão sobre as suas relações com a cultura, poder, mídia e com as áreas de conhecimento. Assim, as TDIC constituem linguagens que implicam um novo ambiente curricular (ou pedagógico) com diferentes formas de pensar e agir com a informação e o conhecimento.

1.1 O material do núcleo que você trabalhou com os cursistas, possui uma proposta que se identifica mais com a perspectiva do texto 1 ou do texto 2? Explícite algumas características do núcleo que corroboram com sua resposta.

1.2 Pensando em suas atividades docentes junto ao Curso, qual texto (1 ou 2) mais se aproxima da prática desenvolvida? Exemplifique descrevendo uma atividade realizada.

2. Quais articulações você consegue perceber entre a cultura digital e sua área de ensino?

3. Você tem sugestões de modificações para o material de seu núcleo? Descreva brevemente.

D - RECURSOS DIDÁTICOS E ATIVIDADES

1. O professor que coordenou seu módulo utilizou o E-book (material online):

- Integralmente (todo conteúdo e atividades)
- Parcialmente (apenas parte do conteúdo e algumas atividades)
- Parcialmente (todo o conteúdo e algumas atividades)
- Não utilizou, preparou outro material

2. Em relação ao E-book (material de base) do módulo que você atuou como TUTOR, avalie:

	Péssima	Ruim	Boa	Excelente
Qualidade da apresentação gráfica (ilustrações, gráficos, vídeos, animações, tabelas, texto, etc.)				
Relevância do conteúdo em relação à sua realidade de atuação profissional				
Coerência da sequência didática considerando seu processo de aprendizagem				
Clareza do texto para a compreensão do conteúdo				

3. No desenvolvimento do Núcleo, você participou do planejamento do módulo, incluindo sugestões de alterações e novas propostas de atividades e/ou estratégias?

- Sim
- Não

3.1 Descreva como se desenvolveu essa participação:

4. Avalie sua COMPREENSÃO DOS CONTEÚDOS abordados nos módulos:

Módulo	Nenhuma	Pouca	Muita	Extrema
--------	---------	-------	-------	---------

PLAC

Módulo	Nenhuma	Pouca	Muita	Extrema
NB				
NE				
NA				

5. Na sua compreensão, ocorreu a articulação dos conteúdos e/ou atividades entre quais módulos cursados – PLAC, Núcleos de Base (NB), Núcleo Específico (NE) e Núcleo Avançado (NA)?

6. As dificuldades encontradas por você, para desenvolver o acompanhamento das atividades do módulo, foram em relação:

- ao conteúdo do texto base (*E-book*)
- ao tempo de planejamento e desenvolvimento do módulo
- à linguagem do material
- à ferramenta utilizada do ambiente virtual (E-ProInfo)
- não encontrei nenhuma dificuldade
- outro:

6.1 Comente sobre as dificuldades encontradas:

7. A navegação no Ambiente Virtual E-ProInfo estava adequada para o acompanhamento do cursista?

- Sim
- Não

7.1 Comentários sobre o E-ProInfo:

8. Avalie a QUALIDADE DAS FERRAMENTAS do E-ProInfo utilizadas ao longo do Curso:

Ferramenta	Péssima	Ruim	Boa	Excelente	Não utilizei
Mensagem individual de texto					
Bate-papo					
Fórum					
Diário					
Portfólio					

Ferramenta	Péssima	Ruim	Boa	Excelente	Não utilizei
Texto coletivo					
Atividade					

9. Comentários e/ou sugestões sobre os recursos didáticos e atividades utilizadas no Curso:

E - PERFIL DO TUTOR

1. Idade

- 18 a 24 anos
 25 a 35 anos
 36 a 46 anos
 47 a 57 anos
 58 ou mais

2. Sexo

- Masculino
 Feminino

3. Tempo de atuação no magistério

- Nunca atuei
 Até 2 anos
 De 3 a 6 anos
 De 7 a 10 anos
 De 11 a 15 anos
 De 16 a 20 anos
 De 21 a 30 anos
 Mais de 30 anos

4. Nível de formação (máximo)

- Especialização
 Mestrado
 Doutorado
 Outro:

5. Área(s) de formação

- Artes
 Biologia

- Educação física
- Física
- Filosofia
- Geografia
- História
- Língua estrangeira
- Língua portuguesa
- Matemática
- Pedagogia
- Química
- Sociologia
- Outro:

6. Você já havia atuado como tutor em outro Curso?

- Sim
- Não

7. Atuou como tutor de quais módulos?

- PLAC
- NB
- NE
- NA

7.1 Caso tenha assinalado NE ou NA, indique o nome do núcleo:

8. Selecione os TRÊS principais motivos que levaram você a ingressar no Curso como tutor:

- Identificação com a temática
- Curiosidade
- Influência da coordenação do Curso
- Auxílio financeiro
- Envolvimento na elaboração do Curso
- Aperfeiçoamento e qualificação de suas práticas docentes
- Outro. Especifique:

9. Exerceu outra atividade profissional durante o acompanhamento do curso?

- Sim
- Não

9.1 Em caso afirmativo especifique qual foi a carga horária:

- Horas semanais

10. De que forma você tomou conhecimento da proposta do Curso (objetivos, organização do material, pressupostos teóricos e metodológicos, etc.)

- Cursos de formação
- Conversa com a Coordenação
- Elaboração do material
- Conversa com os demais colegas
- No desenvolvimento do Curso
- Por meio da leitura dos documentos
- Não tomei conhecimento
- Outro:

11. Você participou de alguma atividade formativa relacionada ao tema Tecnologias Digitais e Educação, antes da sua atuação no Curso?

- Sim
- Não

12. Que atividades formativas você participou promovidas pelo Curso de Especialização em Educação na Cultura Digital?

- Oficina de ambiente virtual E-ProInfo
- Encontro de formação de tutores
- Apresentação da proposta do Curso
- Encontros entre a equipe docente e a coordenação
- Orientações individuais com a coordenação do Curso
- Palestras sobre temas da Cultura Digital
- Não participei
- Outro:

13. Qual a relevância dessas atividades formativas para sua atuação no Curso?

- Nenhuma
- Pouca
- Moderada
- Extrema

14. Você já havia participado de alguma atividade formativa relacionada ao trabalho de mediação pedagógica ou de tutoria?

- Sim
- Não

14.1. Descreva as estratégias de mediação conhecidas por você:

15. Em sua formação, você já havia realizado algum dos cursos oferecidos pelo PROINFO?

- Introdução à educação digital
- Tecnologias na educação
- Elaboração de projetos
- Redes de aprendizagem
- Projeto UCA (Um computador por aluno)
- Outro:
- Não realizei

16. Comentários Gerais sobre o Curso.

